

REVISTA DO BRASIL

Directores :

RONALD DE CARVALHO
MONTEIRO LOBATO
BRENNO FERRAZ

N. 77

MAIO

1922

Editores :

MONTEIRO LOBATO
& COMP. - SÃO PAULO
RUA DOS GUSMÕES, 70

SUMMARIO

A POLITICA DO BRASIL NA AMERICA RICA	Heitor Lyra	1
O DEVEK DOS CATHOLICOS NO BRASIL.	Mario Pinto ^v Serva	8
O ASSASSINO	Julio Scheibel	12
UM CASO CARNAVALESCO	João Ribeiro , , ,	24
VER80S	(Homero Prates, Moacyr Chagas è Aristeo Seteas	29
LÍNGUA NACIONAL	Antonio Salles	38
O SUL DE MATTO GROSSO	Adriano Metello.	45
FAGUNDES YARELLA	Affonso de Freitas Júnior	54
BIBLIOGRAPHIA		65
RESENHA DO MEZ		76
DEBATES E PESQUIZAS		82
NOTAS DO EXTERIOR		89
CARICATURAS.		94



SÃO PAULO 1922. DIA

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 112 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Eléctricas completas, Bondes Eléctricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

ÚNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 -Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICÓRDIA, No. 4

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato

C.
B

- 11 -

	BROCH.	ENC.
<i>Pequenos estudos de Psychologia Social</i> , notável estudo do grande sociologo Oliveira Vianna	4\$000	5\$000
<i>A mulher que pcccou</i> , novella do festejado escriptor Meniotti dei Picchia	4\$000	5\$000
<i>Casa do Pavor</i> , contos phantasticos por M. Deabreu	3\$000	4\$000
<i>Notas de um estudante</i> , ensaios criticos do erudito escriptor João Ribeiro.	4\$000	5\$000
<i>Redempção</i> , notável romance de Veiga Miranda, em 2. ^a edição.	4\$000	5\$000
<i>A paisagem no conto, no romance e na novella</i> , ensaios criticos de Fabio Luz	4\$000	5\$000
<i>Sonho de Gigante</i> , estudos de J. A. Nogueira, o apreciado romancista de "Paiz de Ouro e Esmeralda".	4\$000	5\$000
<i>Joaquim Nabuco</i> , ensaio critioo-tnographioo por Henrique Coelho.	4\$000	5\$000
<i>A sedição do Joazeiro</i> , relato dos isuccessos do Ceará em 1912, pelo conhecido publicista Rodolpho Tbeophilo	4\$000	5\$000
<i>Mula sem cabeça</i> , novellas de Gustavo Barroso, o conhecido João do Norte	2\$000	—
<i>O Mysterio, 2.</i> " edição do apreciado romance policial escripto por Afrânio Peixoto, Coelho Netto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque.	4\$000	5\$000
<i>Realidades e Apparencias</i> , ensaios criticos de Gilberto Amado	4\$000	5\$000
<i>Crepúsculos</i> , versos de Moacyr Chagas, da Academia Mineira de Letras.	3\$000	4\$000
<i>O bandido do rio das Mortes</i> , o procurado romance de Bernardo Guimarães, em edição popular.	1\$500	—
<i>Higiene e tratamento dsa moléstias domesticas</i> , utilissimo trabalho do dr. Alberto Seabra.	—	—
<i>O problema do Alem</i> , estudos do mesmo autor.	4\$000	5\$000
<i>Meus odios e meus affectos</i> , critica literária por Almachio Diniz	4\$000	5\$000



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO, 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para
construcção, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.

Porcellanas

Cristaes

Artigos de Christofle

Objectos de arte

Perfumarias

O melhor sortimento

Casa franceza de

L Grumbach & C

Rua S. Bento, 89, 91

= S. PAULO =



Biblioteca - Anna
Class. 02050
Tempo/Tit. 1084

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XX

MAIO • AGOSTO DB IOSS

ANNO VII



S. PAULO - RIO
BRASIL

20296



REVISTA DO BRASIL

VOLUME 10

1925



REVISTA DO "BRASIL"

Directores :

RONALD DE CARVALHO

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

N. 77

MA I O

192 a

Editores :

MONTEIRO

LOBATO

& COMP. — SÃO PAULO

RUA DOS GUSMÕES, 70

A POLITICA DO BRASIL NA AMERICA

HEITOR LYRA

EXCLUINDO-tSE a longa gestão de Rio-Branco, e a curta permanência do Sr. Nilo Peçanha, no Itamaraty, que, por força dos acontecimentos que então se desenrolavam no mundo, fôra forçado a agir e, na verdade, agiu á altura da nossa força moral e material, pode-se dizer que a politica internacional brasileira, sob a Republica, não tem procurado conservar a alta posição adquirida no passado, nem tão pouco corresponder ao prestígio e á força que representamos actualmente no continente americano.

Por culpa dos últimos Gabinetes imperiaes, em pequena parte, e dos Governos republicanos, em grande parte, perdemos quasi que totalmente a influencia que o Império havia conseguido adquirir na America.

Quanto ao Prata, que é, e será sempre a região que mais nos interessa, poderemos dizer francamente, sem rodeios ou subterfúgios : abandonamos o Paraguay ás mãos argentinas. Isso quer dizer que todo o resultado que tiramos da nossa politica energica e, ao mesmo tempo honesta, praticada desde a independencia paraguaya, revigorada com a diplomacia da guerra de 65-70 e prosseguida pelos Gabinetes que se sucederam, ficou, sinão completamente perdido, ao menos de mui diifficil reaoquisição. A Argentina quasi que domina hoje, politica e economicamente, a republica do Paraguay, e si a ligação 'ferroviaria entre Asunción e o Atlântico, através do Brasil, não fôr levada a eiffeito desde já, pode-se



assegurar que aquella dominação se realizará, completa e definitiva, dentro de mui pouco tempo. A única corrente que ainda prende o Paraguay ao nosso paiz, a questão da divida, já pensamos mesmos, com a irreflexão que costumamos depositar nos nossos actos mais importantes, resolver de modo que o Paraguay nos ficasse inteiramente independente.

A divida do Uruguay foi resolvida com applausos do povo e do Governo da Argentina, porque, liquidando-a, destruímos um dos impedimentos mais sérios que os homens de Buenos Aires encontravam para a realização da sua politica no Estado oriental. Em troca dessa divida, comprometteu-se o Uruguay a construir uma ponte sobre o rio Jaguarão, e a 'ligar, por uma estrada de ferro, a cidade de Treinta-y-tres á de Basilio. Tanto a ponte, quanto a estrada de ferro, por certo que servirão alguma coisa aos nossos interesses economicos, porque desviarão parte da produção do nordeste uruguayo para o porto do Rio-Grande. Mas apesar disso, esses empreendimentos serão mais proveitosos ao Uruguay do que ao Brasil; solbretudo, elles não nos darão jamais as vantagens que adquiriríamos si se deixasse a divida tal qual se achava. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que a Argentina continúa desenvolvendo no Uruguay a mesma acção absorvente que ella applicou no Paraguay, e isso graças á nossa indiferença, ao nosso altruísmo ridículo e prejudicial, e á incapacidade, ou *laissez-faire* dos nossos agentes diplomáticos.

As nossas Legações em Buenos Aires, em Montevideo e em Asunción têm sido occupadas, com raras excepções, nestes annos republicanos, ou por ministros que não têm estado á altura dos cargos, ou por jovens inexperientes, sem o indispensável conhecimento dos nossos verdadeiros interesses, e que, como simples encarregados de nagocios, não têm nem o prestigio, nem a liberdade de acção para fazerem alguma coisa de util.

O Império representou-se em Buenos Aires, entre outros, por Ponte Ribeiro, Paraná, Ca!bo-Frio, Abaeté, Saraiva, o velho Rio-Branco, Octaviano e Cotegipe, isto é, pelos grandes estadistas que então nos governavam. O mesmo pode-se dizer quanto a Montevideo, onde figuraram esses e mais Sinimbu e Andrade Figueira. E essa mesma pleiade de diplomatas occupou a legação em Asunción, onde estiveram também Pimenta Bueno, Varnhagem, Azambuja e Araguaya. A simples citação desses nomes diz toda a importância que esses postos mereciam para o Governo imperial.

O resultado dessa indiferença, é que os nossos grandes problemas internacnaes na America continuam de todo abandonados. E, no emtanto, para resolvemos, nada mais seria preciso do que



acção por parte do Governo federal e competencia dos nossos agentes.

* * *

Vamos dentro em pouco commemorar o centenário da nossa independencia politica, e, todavia, ainda não limitamos definitivamente as nossas fronteiras internacionaes. Isso quer dizer, simplesmente, que o Brasil, em 1922, não conhece ainda a area real e definitiva do seu territorio!

Não fallando dos trechos em que, apesar de Tratados regulando os limites, ainda não se conseguiu fechar a 'fronteira, pela impossibilidade de se combinar o texto desses pactos com' as condições topographicas das regiões, o Brasil tem ainda duas grandes partes da sua fronteira inteiramente abertas, onde a nossa soberania¹ existe apenas em virtude do principio do *uti possidetis*.

A primeira dessas partes está situada na região banhada pelo rio Iça ou Putumayo, no Estado do Amazonas. A linha limitrophe, provisoriamente aceita pelo Brasil e pela Colombia, é representada por uma recta que vae cia foz do rio Apaporis, no Japurá, á villa de Tabatinga, no rio Amazonas. Quando Enéas Martins firmou, em 1907, o nosso Tratado de limites com a Colombia, aquele trecho não foi ahí incluído, porque a Colombia pretendia fazer correr a sua divisa pelo territorio do Estado do Amazonas a dentro, passando-a pelo Avatiparaná e o Japurá; pretensão essa a que o plenipotenciário brasileiro se oppoz tenazmente, como contraria aos nossos interesses, ao firmado em Tratados dos tempos coloniaes e, sobretudo, ao principio do *uti possidetis*, acceto geralmente como base para as demarcações de fronteiras na America. Rio-Branco, que desejava apresentar o Tratado assignado por occasião de abertura do Congresso naquelle anno, concordou, para evitar delongas, com o abandono da demarcação desse trecho, que ficaria para mais tarde, quando a Colombia estivesse menos irreductivel, e lhe sobrasse, a elle, Rio-Branco, mais tempo para provar os direitos do Brasil. Dahi para cá nada mais je. fez nesse sentido, e aquelle trecho continua na mesma situação dos tempos coloniaes.

Entretanto, fácil seria ao Governo federal, por intermedio de um agente perfeito conhecedor da matéria e dotado de uma forte dose de argumentação, resolver essa pendencia a nosso contento.

O territorio situado além daquela linha Tabatinga-Apaporis está na posse da Colombia. Mas é disputado também pelo Perú, como o fôra anteriormente pelo Ecuador, que já liquidou sua **IOJ** anb ura 'jçgj ap opBjBJj^ o oosouiuo uaj yuaj o **SBJ**^ 'oçjsanb reconhecida a actual linha divisória. Isso quer dizer que só temos

a discutir com a Colombia. Este paiz não concordou com o critério brasileiro em 1907 mais por questões de ordem politica interna, do que de ordem internacional. Queremos crer que já agora ella não se mostrará tão irreductivd, e que facilmente chegaríamos a um perfeito entendimento na conformidade dos nossos interesses, que são os nossos direitos.

O outro trecho aberto da nossa fronteira fica situado no Estado de Matto Grosso, em frente ao territorio do Chaco; a divisa, provisoriamente acceita, passa ao longo do rio Paraguay, e se estende do desagudouro da Bahia Negra até a foz do rio Apa.

Esse territorio do Chaco é disputado pela Bolívia e pelo Paraguay, em cuja posse se acha. Mas nenhum desses dois paizes jamais poz duvida quanto ao direito brasileiro áqualla linha de limites. Só resta portanto ao Governo federal convencionar dois tratados condicionaes com o Paraguay e a Bolívia para dar por finda essa longa questão.

Convém salientar que a falta de tratado regulando os limites na região do Chaco pode vir a ser ainda prejudicial aos nossos direitos, porquanto o rio Paraguay está cheio de grandes ilhas, inteiramente desertas até bem pouco tempo, e que vêm sendo lentamente occupadas por paraguayos. Tal situação poderá dar logar a que o Paraguay, por oceasião da celebração do tratado, levante com successo o principio da nacionalidade para se apoderar dessas terras.

* * *

Parallelamente a uma acção de ordem estrietaamente politica, que readquiera e firme o prestigio do Brasil na America, devemos cuidar também dos nossos interesses economicos, de modo a ganhar nesta parte do Continente uma forte preponderância commercial, sem a qual toda e qualquer politica internacional se tornará frágil e ficticia. E nenhuma occasião nos parece mais adequada para isso do que a presente, em que a nossa producção tem augmentado em todos os ramos do commercio e da industria.

Pelas suas necessidades sempre crescentes, pelo augmento continuado das populações e, sobretudo, pela proximidade em que se acham dos nossos portos, os mercados platinos serão indubitavelmente os nossos grandes consumidores para o futuro. Com exclusão do café, da carne, da borracha, do trigo, do ferro, do assucar e de outros poucos productos, será tempo perdido tentar actualmente uma exportação brasileira, em 'larga escala, para a Europa ou para a America do Norte. As tarifas elevadas, a concurrencia estrangeira nos transportes maritimos e a natural imperfeição ou quali-



dade dos nossos productos, são impedimentos que tornarão em fracasso qualquer tentativa séria nesse sentido.

Devemos, pois, voltar as nossas vistas para os paizes da America latina, com especialidade para a região do Prata, que é a mais necessitada e a que é melhor servida por vias de comunicação. Nos seus mercados é que devemos trabalhar para supplantar o europeu e o norte-americano. Temos, para alcançar esse fim com relativa facilidade, a mão de obra mais barata, a produção maior, relativamente ao consumo interno e, sobretudo, a grande, a enorme vantagem de já nos acharmos, por assim dizer, collocados no proprio terreno da luta.

O nosso calçado, chapéos, tecidos de toda sorte, moveis, fumo, cacão, vehiculos, louça, ferragens e todos esses pequenos artigos que fazem as grandes industrias, como velas, phosphoros, artigos de palha, telhas, etc., — tudo isso podemos e devemos vender nas republicas do Prata com maiores vantagens do que o europeu ou o norte-americano.

Mas para isso é necessário, parallelamente ao trabalho do commerciante interessado, a acção dos Governos. E' indispensável uma organização consular modelo, tão intimamente ligada ao nosso commercio quanto á nossa administração official. E' imprescindível tornar os cônsules, não simples agentes informativos dos Governos, mas verdadeiros propagandistas, caixeiros-viajantes do nosso commercio productor. O agente consular do Brasil deve ser, no estrangeiro, um verdadeiro commerciante, representante de todas as industrias brasileiras, um intermediário, emfim, entre o> productor brasileiro e o consumidor estrangeiro. Mas é também indispensável que sejam homens capazes, que saibam e queiram trabalhar, que conheçam a fundo o nosso commercio productor e as necessidades das regiões para onde forem designados.

Ao lado da actividade puramente individual do agente consular, deve existir a actividade do Governo. Essa actividade deve manifestar-se sobretudo na criação de exposições permanentes de artigos brasileiros, parte integrante de todo Consulado, e dirigida directamente pelos cônsules. Devemos installar grandes exposições de artigos exportáveis nas grandes cidades, e pequenas exposições, com graphics, nas cidades menores. A esses mostruários correrão, sem duvida, os necessitados, e ahi encontrarão todas as informações, taes como a qualidade do artigo, o seu preço, o preço do frete, a quantidade possível de ser exportada, a data provável do recebimento, a maneira do pagamento, todas as facilidades, emfim, que o Governo brasileiro deve fornecer para que o comprador não se retire sem fazer negocio.



O commercio norte-americano ganhou o grande desenvolvimento que tem hoje, graças, pode-se dizer, ao annuncio. Devemos seguir portanto essa politica. Ao lado do annuncio lançado pelo particular, no seu interesse proprio, deve existir o grande annuncio oíficial, em beneficio da colleotividade, e que são essas exposições permanentes. Tenhamos, para maior facilidade, um modelo único para todas essas exposições, como faz o Canadá, renovadas temporariamente e dependentes todas de uma Secção especial de propaganda, installada e funcionando no Itamaraty.

*

* *

Ao lado da propaganda economica, deve existir a propaganda scientifica, artística e literaria ou, numa palavra, a propaganda da intelligencia brasileira.

Essa deve pertencer, de um modo geral, aos agentes diplomáticos da Republica, e especialmente ás embaixadas de intellectuaes brasileiros, que o Governo deve, não sómente animar a formação, mas auxiliar em todos os sentidos e na medida das suas forças.

A acção dos agentes diplomáticos deve manifestar-se por conferencias, por artigos na imprensa e pela propaganda de livros brasileiros. Quanto ás delegações de intellectuaes, o seu fim será o de entendimento directo com os intellectuaes estrangeiros, e principalmente o de fazer cursos nas academias, escolas e instituições scientificas dos paizes visinhos. Dessa forma é que ellas deverão fazer a propaganda da nossa cultura, dos nossos estabelecimentos de arte, de literatura e de sciencia, da nossa historia — numa palavra, da nossa intelligencia.

*

* *

A politica internacional da America está se desenhando, no começo deste século, de uma forma evidente: os Estados Unidos ao norte, e o Brasil ao sul, como duas grandes forças dirigentes, que representarão para o resto do mundo e traçarão os destinos dos povos americanos.

Em volta do primeiro desses paizes se aggregarão, por força da inferioridade economica, material, moral e histórica, o Canadá, o México e as nações da America central; em volta do segundo, as nações espano-americanas.

Si assim é, a politica americana do Brasil está naturalmente traçada: a maior união de vistas com os Estados Unidos, a maior

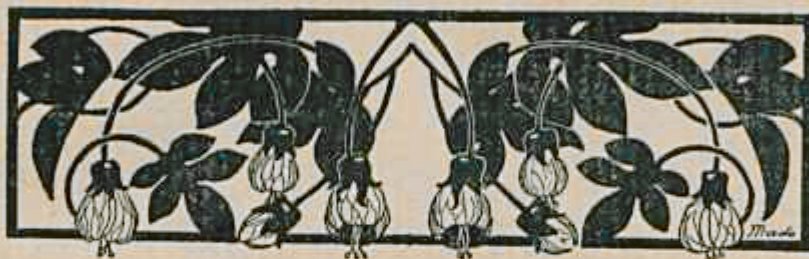


aproximação entre o *leader* do norte e o *leader* do sul — politica de completo entendimento era toda a America, com duas direcções independentes e harmónicas.

Fomos o *leader* sul americano durante todo o periodo imperial; fomos depois, esporadicamente, na Haya, em Washington, com Naibuoo, e somos actualmente no conselho da Liga das Nações. Devemos, portanto, traçar a directriz da nossa politica externa nessa conformidade. Fallemos sempre alto, em nome da America latina, representando o papel que o destino nos delegou, e que nos pertence de facto pela grandeza da nossa força no presente, e pelo alto valor moral do nosso passado.

Rio, Janeiro de 1922.





O DEVER DOS CATHOLICOS NO BRASIL

MARIO PINTO SERVA

○ SÉCULO que ora se inicia na existencia nacional deve ser de renovação integral, de transformação completa de nossa vida por um esforço energico e decisivo por parte de todas as classes sociaes, num trabalho de collaboration harmonica.

Cumpra que o anno em que se commemora o Centenario seja assinalado pelas iniciativas mais memoráveis e históricas na existencia social do paiz.

O Brasil de hoje é a massa informe a ser plasmada pelo esforço da geração presente para delle surgir o Brasil de amanha. O Brasil de amanha será o que o moldar o aparelhamento educativo que instituirmos hoje.

Sem educação nacional não existe moralmente nação. A consciência nacional não pode surgir senão daquella. Com uma população de 30.000.000 de habitantes, o Brasil devia ter 6.000.000 de alumnos matriculados em suas escolas elementares e não tem senão 1.000.000, com uma fraca porcentagem de frequencia. Ha, portanto, actualmente cinco milhões de menores brasileiros que crescem sem frequentar escola alguma. O milhão de menores matriculados em escolas recebe um ensino insignificante, escasso e defeituoso.

Ora, a nossa liberdade, os nossos direitos, a nossa emancipação de condições sociaes injustas, a missão que cada um de nós deve realizar neste mundo, dependem do grau de educação que nos é dado alcançar. Sem educação nós não podemos escolher com discernimento entre o bem e o mal, não podemos adquirir consciência dos nossos direitos, não podemos ter aquella participação na vida politica sem a qual não conseguiremos emancipar-nos, como não poderemos igualmente sequer definir a nossa missão.

A educação é o pão das nossas almas, dizia-o um grande pensador. Sem ella as nossas faculdades dormem inertes, inúteis, esterilizadas.

Educae-vos uns aos outros — tal é o grande dever dos homens na vida social. O nosso paiz não pode continuar a esquecer esse grande dever que



Litré admiravelmente synthetisava numa formula celebre, dizendo: "Toda a moral social resume-se nisto: instrui-vos, instrui aos outros."

Num paiz onde existem oitenta por cento de analphabetos, evidentemente ninguém cumpriu esse dever. A condição mental das populações sertanejas, como das populações urbanas do Brasil, é a peor possível.

O preparo é a questão vital para o Brasil, o preparo em todas as classes sociaes, em todas as camadas de população, em todos os Estados, em todos os municípios, em todas as familias, em todos os indivíduos.

E' desagradavel dizer certas verdades, porque com isso se offendem melindres. Porém é preciso que cada um meça a extensão real de suas responsabilidades.

Ha um século nós vimos todo dia esquecendo o cumprimento do dever máximo no Brasil e, por isso, é preciso já agora formular nitidamente os factos e dizer brutalmente as cousas porque senão outro século passará e o Brasil se encontrará ainda na mesma situação.

E a verdade é que si o nosso paiz tivesse sido povoado por uma nação protestante, não haveria no Brasil presentemente analphabetismo. Por ter sido colonizado por uma nação catholica, o analphabetismo no Brasil attinge á mais alta porcentagem conhecida entre os povos chamados civilizados.

Os Estados Unidos, povoados por protestantes, têm apenas 7,7 de analphabetos no total da população. A Australia, em toda a sua população de mais de 10 annos, tem 1,8 % de analphabetos. O Canadá, em toda a sua população de mais de 5 annos, tem só 11 por cento de analphabetos.

Todos os paizes povoados por nações catholicas são intensamente analphabetos. Ahi está a America do Sul em todos os seus paizes, um por um. Na Europa, nos paizes protestantes não ha analphabetismo. Nos paizes catholicos do Velho Continente o analphabetismo é intenso.

Esses factos escancaram o enorme dever que têm os catholicos a cumprir no Brasil, dever que elles até hoje não têm sabido cumprir e que não pode resumir-se nas platônicas resoluções votadas em reuniões mas não transformadas em acção collectiva.

Na população rural do Brasil ha 90 de analphabetos. Como é que os catholicos do Brasil se consideram benemeritos na causa do ensino nacional ?!

Vivendo dentro de uma collectividade protestante, os catholicos americanos têm sabido cumprir melhor o seu dever, offerecendo um exemplo a ser imitado pelos catholicos do Brasil.

O numero total de catholicos nos Estados Unidos é de cerca de 15.000.000, isto é, a metade da população total do Brasil, que dizem ser toda catholica.

Os catholicos nos Estados Unidos têm uma organização integral e completa de ensino normal, primário, profissional e technico.

O quadro seguinte contem o numero total de dioceses dos Estados Unidos, a população de cada uma e o numero total de alumnos matriculados nas respectivas escolas parochiaes:



DIOCESES	População catholica	Alunos matricu- lados nas escolas parochias	DIOCESES	População catholica	Alunos matricu- lados nas escolas parochias
Baltimore	272.400	29.807	Indianapolis.	130.426	19.632
Boston	900.000	64.160	Kansas City	70.000	7.873
Chicago	1.150.000	124.287	La Crosse	118.500	11.786
Cincinnati	210.000	32.833	Lafayette.	152.792	3.591
Dubruque	111.500	15.281	Leas	25.000	771
Milwaukee	270.000	37.549	Leavenworth	60.000	8.700
New Orleans.	426.338	18.685	Lincoln.	34.831	2.970
New York	1.325.000	89.574	Little Rock.	23.000	3.557
Oregon City	65.000	7.000	Louisville.	117.696	14.300
Philadelphia	710.000	88.495	Manchester.	135.600	17.147
St. Louis.	"25.000	35.261	Marquette	100.000	8.026
St. Paul	265.000	25.730	Mobile	46.600	5.681
San Francisco.	350.000	14.833	Montely-S. An- geles	190.000	9.724
Santa Fé.	140.573	4.041	Nashville.	25.000	4.073
Albany.	210.000	22.988	Natchez	30.479	5.672
Alexandria	39.739	2.157	Newark	542.000	62.363
Alton	87.000	10.335	Ogdenburg.	98.500	4.250
Altoona.	127.000	11.369	Oklahoma.	46.343	5.320
Baker City	6.755	104	Omaha.	74.410	11.015
Belleville	70.865	10.269	Peoria	116.000	13.722
Bismarck.	36.000	2.387	Pittsburgh	560.000	64.580
Boisé	18.000	1.432	Portland	152.635	16.860
Brooklin	800.400	74.583	Providence	275.000	21.361
Buffalo.	330.000	38.164	Richmond.	42.800	4.868
Burlington	90.830	6.615	Rochester.	173.903	23.652
Charleston	10.000	947	Rockford.	57.924	5.937
Cheyenne.	19.000	480	Sacramento.	55.000	2.396
Cleveland.	436.000	52.552	St. Augustine.	51.000	3.976
Columbus.	103.970	13.581	St. Cload	52.694	6.989
Concordia.	34.362	t. 557	St. Joseph	43.000	3.631
Corpus Christi	74.686	3.407	Salt Lake	15.609	405
Covington.	60.600	7.695	San Antonio	160.000	7.701
Sallas	37.027	5.619	Savannah.	19.400	3.866
Crookston.	25.500	1.242	Scranton	270.000	21.000
Davenport	56.000	6.957	Seattle	80.000	5.270
Deuver	113.638	7.843	Sioux City	63.000	3.727
Des Moines.	35.000	2.759	Sioux Falls.	64.950	4.649
Detroit.	386.500	45.291	Spokane	25.836	2.131
Daluth	61.500	3.868	Springfield	332.450	32.010
El Paso	107.626	2.781	Superior	54.058	4.869
Eire	115.000	12.297	Syracuse	151.463	13.796
Fall River	174.395	13.148	Toledo	116.745	17.439
Fargo	69.871	2.112	Trenton	204.319	17.085
Fort Wayne	145.488	22.109	Tucson.	50.000	2.358
Galveston.	85.000	5.775	Wheeling.	60.000	4.217
Grand Island	20.038	1.149	Wichita	37.848	4.071
Grand Rapids.	145.000	18.973	Wilmington.	39.000	4.550
Great Falls.	32.000	1.300	Winona.	68.800	6.761
Green Bay	149.675	19.182	Nort Carolina	8.100	991
Harrisburg	85.000	12.236	Ruthenios Gre- gos	500.000	12.886
Hartford.	523.795	40.707			
Hjelena.	1 71.850 1	7.548			



Ao lado disso, o que os catholicos brasileiros têm feito é uma miséria, uma ridicularia. Está muito longe de attingir a cem mil o numero total de alumnos matriculados em todas as escolas parochiaes catholicas do Brasil inteiro.

Si o catholicismo tivesse de facto realizado alguma cousa pela educação do povo no Brasil, nós não teriamos como temos actualmente oitenta por cento de analphabetos no total da nossa população, o que prova que os catholicos nada fizeram até hoje, pois tal é o grau máximo de analphabetismo conhecido, que nos confere o diploma de povo mais illetrado entre os de origem européa.

A escola é mais necessaria que o proprio Templo, porque foi Christo mesmo quem disse: "Ite et docete omnes gentes". Ide e ensinaí todos os povete. Portanto, o primeiro dever catholico é fundar escolas. Primeiro tratar das almas e depois do culto. Para Deus as almas são a primeira cousa.

Os catholicos defendem-se allegando as resoluções que já têm sido votadas nos seus concílios.

Mas não basta votal-as: a questão é executal-as.

Allegam também os catholicos a falta de dinheiro, mas isso não é igualmente acceitavel como desculpa, porquanto os recursos appareceriam uma vez houvessem as iniciativas precisas e estivesse montada a organização necessaria.

Os catholicos brasileiros não só deveriam approvar como pôr em pratica resoluções de teor igual ás approvadas no 3.º Concilio Plenário dos Arcebispos e Bispos americanos, que são as seguintes:

I — Onde quer que ainda não exista uma escola parochial, deverá ser construída uma dentro de 2 annos da promulgação deste decreto, escola essa que deverá ser mantida perpetuamente salvo si o Bispo da Diocese, tendo em consideração obstáculos insuperáveis, consentir num adiamento.

II — Todo vigário que, por culposa negligencia, deixar de crear e manter uma escola dentro daquelle prazo, ou que não attender ás repetidas advertências do Bispo, será punido com a remoção de sua parochia.

III — Toda missão ou parochia que deixar de auxiliar o parochio em erigir e manter uma escola de forma que, em consequência dessa falta, não possa funcionar a escola catholica, deve ser censurada pelo Bispo, que deverá empregar meios efficientes e prudentes de obter o supporte necessário.

IV — Todos os paes catholicos são obrigados a mandar seus filhos a escolas parochiaes, salvo si lhes ministrarem uma educação christan, em casa ou em outras escolas catholicas romanas, ou si obtiverem permissão por outra forma em virtude de motivo justificado, approved pelo Bispo e com os cuidados devidos e outras providencias, para que possam mandar seus filhos a outra escola. O que constitue uma escola catholica romana fica ao critério do Bispo."





O ASSASSINO

JULIO SCHEIBEL

I
ISTO é o meu testamento.

Alguém estranhará que um pobretão como eu, apenas tendo a carcaça, carnes e banhas envolventes, a legar á termina, habitante da fossa comum, onde, a estas horas, já devo estar apodrecendo, tenha tomado tantas e tamanhas precauções para que fossem legaes as suas *ultimas vontades*, inclusive o pagamento ao bojudo tabellião, que ao envolucro desta declaração olographa deu fôrma jurídica.

E' que para isso tive as minhas razões.

Ha uns bons vjnte annos passados, os jornaes desta cidade publicavam a seguinte noticia, que, com o café matinal, os freguezes do sensacionalismo saborearam como si fosse um pitêu preparado com papos de anjos.

Vai cortado de um dos diários da época.

" Crime mysterioso — Capitalista assassinado. Uma punhalada em pleno coração.

O nosso *repórter*, destacado para a repartição central da policia, foi, hontem, surprehendido pela seguinte nova:

O sr. Francisco Ferreira Franco, capitalista notoriamente conhecido nesta cidade e relacionado com as nossas melhores rodas, fôra assassinado com uma punhalada em pleno coração.

O corpo da victima, que não revelava ter havido lueta ou tentativa de roubo, foi encontrado cahido, em decúbito dorsal, na calçada de um trecho não edificado da rua Senador Vergueiro.

Trajava costume completo de casemira clara e *pardessous* egualmente claro.

Como os leitores sabem, choveu bastante pela madrugada, de fôrma a fazer desaparecerem quaesquer indícios reveladores da personalidade do assassino.

O cadaver da victima apresentava um ferimento único, perfuro-inciso, no lado esquerdo do thorax, entre a sexta e a sétima costellas, tendo attingido o coração. A hemorragia, subsequente a esse ferimento, foi enorme, achando-se as roupas que revestiam o tronco litteralmente embebidas de sangue coagulado.

Nas algibeiras da victima foram encontrados um relógio de ouro com a respectiva corrente, 745\$000 em dinheiro, um revolver Smitd and Wesson e diversos papeis de importancia pessoal.

A praça, destacada para a ronda dessa zona e que foi quem encontrou o corpo, não ouviu qualquer coisa que lhe despertasse a atenção.

Do facto tomou conhecimento o dr. Castilho Filho, que se achava de plantão, tendo providenciado para o levantamento do corpo, que hoje será autopsiado e incumbido diversos inspectores de procederem ás respectivas pesquisas."

E nisso se cifrou a prosa do plumitivo daquelles idos tempos. O *crime viys-terioso* cahiu no esquecimento, substituído, á hora do café, por um tiro que o namorado déra na namorada, benemeritamente dando outro em si, o que poupava a alguns cidadãos, vagamente alphabeticos, o trabalho de virem dizer que fôra art. 27, § 4.º: — "Completa privação de sentidos e intelligencia."

A elles eu também poupo as agruras da sala secreta, os suores frios e as dores de barriga, com o respectivo corollario, que as miserias lavadeiras, melhor sabem qual seja.

Quem matou o sr. Francisco Ferreira Franco fui eu.

Eu sou o assassino.

Durante uma vintena de annos vivi como toda a gente vive, acotovellei e fui acotovellado por toda a gente, que trama o coração desíe burgo onde, um dia, Tebyriçá era cacique e João Ramalho genro delle...

Como eu me ria...

Assassino. Esse monstro, esse horror hominio, para que a sociedade arranjára toda uma aparelhagem de defesa, contra o qual ella se couraçara, se armára com tudo quanto achára mais ou menos a geito, era eu.

Com que prazer, com que alto e refinado goso eu roçava o hombro na farda de um soldado! Si, no meio de uma palestra, ou, quando um bando de mocinhas estavam vendo quem ficava na berlinda, eu dissesse: "Eu sou um assassino!" — que formidável gyrandola de gargalhadas estouraria alli!

Quantas vezes me passou pela cabeça a ideia de chegar a um delegado e lhe dizer cara a cara, só para ver o aparvalhamento delle, si fosse capaz de acreditar:

"Eu sou um assassino!"

Isso que não fiz, vou fazer agora! Vou contar como foi que assassinei o sr. Francisco Ferreira Franco.

Sempre fui o que se convencionou chamar, com uma pontinha de desdem — uma boa pessoa — o que vem a ser o equivalente perfeito de uma mediocridade chapada e tudo no meu physico se conjugava para corroborar a incolor e apagada personalidade moral. Desde os priscos tempos collegiaes, que não me deixaram saudades de especie alguma, jamais passei de um mero bôde expiatorio da malvadez congénita de todo o mundo, que se me julgava superior.

O meu todo achamboado e lerdo, almofadado de abundante gordura balofa, a physionomia empastada e alvar, os olhos espantados, redondos como bogalhos e a minha incoercível timidez — demos-lhe de uma vez por todas o seu verdadeiro nome — a covardia, que nunca pude vencer, indigitaram-me, desde o primeiro instante, para o papel de victima predilecta daquella malta de valdevinos, já com a ferocidade de pequeninos homens e que vivia, pelos recantos escusos do recreio, a fumar cigarros reles, obtidos sabe o demonio como e a se ensaiar no calão da peralvilhagem, em um preparo acurado para se virem a tornar completas nullidades, outros tantos repositorios de todos os sujos vicios, chamados elegantes.

De que atrozes zombarias fui alvo e as rijas cacholetas que sobre o craneo me estalaraçí, são coisas que não têm conta...

Sabem o que se chama *um mosquito*, na algaravia collegial? Não? Pois é uma coisa simplíssima — e atroz.



Faz-se arder rapidamente, de cabeça para baixo, de fôrma que a chamma envolva e lamba toda a madeira, um palito de phosphoro e abafa-se, extingue-se a brasa minuscula. Esse carvãozinho de pinho parafinado adquire a propriedade de arder lentamente, apenas posto em contacto com outra brasa qualquer, ainda quando com a de um cigarro.

Pois, rara era a noite em que, na ponta do nariz ou nas commisuras da bocca, me não collocavam um e até dois desses infernaes mosquitos! E eram de se ouvir os risos abafados que iam pelo extenso dormitorio, quando a queimadura dolorosíssima me fazia saltar da cama, estremunhado e pávido...

Corja!...

Com alguns desses tratantes, commodamente installados na vida, me vim a encontrar muitos annos mais tarde. Com que gostosas gargalhadas, com que intenso prazer retrospectivo se confessavam elles auctores da pilhéria...

Si um desses patifes viesse a saber que, de cada vez que, bonacheironamente os escutava, estive por um triz a repetir a facada que, em cinco segundos, expediu *ad pares* a alma do sr. Francisco Ferreira Franco... O sujeito era capaz de morrer de medo. Embora o meu espirito não primasse por uma vivacidade excepcional e eu estivesse longe de ser uma aguia, não era um asno tão pouco. A' força de estudo e de applicação, teria dado satisfactorias contas do meu recado, si não fosse a timidez, a que já tive ensejo de alludir e que, apenas chamado á lição, me vinha constringir a garganta, fazendo-me, a principio, titubear, gaguejar e, por fim, reduzindo-me a um triste e desastroso silencio.

— Qual l — era frequente dizerem os professores desanimadamente — deste sr. Anastacio ninguém é capaz de tirar coisa que preste. Mais facilmente se ensinariam mathematicas a uma pedra ou geographia a uma roda de carroça. Está visto que só serve para sacco de pancadaria...

Pois, apesar desses vaticinios pessimistas, sempre aprendi alguma coisa, não muita, mas solidamente e, findo o tirocinio collegial, fiquei por muito tempo hesitante, a bem dizer vagando no espaço, á cata de uma posição social, que se coadunasse com a minha individualidade.

Por fim, após immenso tergiversar e premido pela necessidade, cuja mão acabou filando-me pela golla, já passavelmente sebenta, do casaco e imprimindo-me um rude impulso, optei pela burocracia, esse extremo refugio a que vão parar as nullidades mais ou menos alphabetisadas.

A poder de lamurias e de empenhos, de bajulações sórdidas e sabujices de toda a casta, sempre consegui encaixar-me, como terceiro escripturario, em uma repartição publica qualquer.

E então, com todas as suas pequeninas e degradantes misérias, começou para mim essa existencia imbecilisante de cogumello humano, que faz crescer a barriga e cahir o cabelo. A minha vida passou a ser constituída por um certo numero de elementos, invariaveis na essencia e na dosagem: — a ida para a repartição, a assignatura do ponto, umas tantas horas a rabiscar asneiras em uns livros inúteis e a volta para casa, sempre sob a imperiosa preoccupação, raras vezes bem succedida, de equilibrar no orçamento os minguados vencimentos e as quotas indispensáveis, constitutivas da despesa forçada. Isso e mais o meticuloso cuidado de não deixar passar sem um salamaleque, bem humilde e bem rasteiro, qualquer graúdo do dia com que topava, qualquer pascacio empavonado, que a minha vontade era ver nos quintos dos infernos.

Por essa epocha, tendo já percorrido toda uma via sacra de estabelecimentos de tal natureza, morava eu em uma modesta casa de pensão, sita lá para os lados da Consolação e de que era proprietária uma viuva madurona, mas assás apresentável, de gênio imperioso e resoluções promptas.



Além da casa de pensão, onde os hospedes nunca foram muitos, d. Anna era proprietária de um vivo diabrete de saias, de uns dezenove para vinte annos, que trazia sempre a casa e o conteúdo delia em um corropio.

Maricota, como a chamavam a mãe e os íntimos, era um pedaço, não muito grande, mas lindíssimo, de mulher.

Não quero dizer com isso que tivesse podido servir de modelo á Vénus de Milo, ou a qualquer outra estatua, mais ou menos grega, nem que realizasse o estafado ideal da belleza romantica.

Nada disso. Pequenina e rechonchuda, com os olhos vivíssimos, o nariz petulantemente arrebicado e duas covinhas nas faces, parecia ter azougue e não sangue nas veias. Andava sempre com os dentinhos brancos á mostra e a cabelleira rebelde chronicamente esvoaçante, como si não houvesse grampos capazes de reduzir-a á sujeição.

Nessa quadra, ainda se me não havia totalmente azedado a bilis. Sob o meu rebarbativo aspecto, eu fôra sempre uma creatura terna, com um grande fundo de affectividade, a que haviam faltado os ensejos para se expandir. Só na vida e da vida só tendo provado as arestas, experimentava uma necessidade intensa de dedicar-me a alguém, de amar — e de ser amado.

Será preciso dizer mais? Apaixonei-me doida, perdidamente por Maricota e foi esse o único amor de toda a minha vida.

Ao que parece, porém, as minhas feições pastosas e os meus redondos olhos esboghados, á flôr do rosto eram completamente inaptos para exprimir o que eu sentia, porque ella, a despeito de tudo comprehender de relance e até antes de dito, nunca deu mostras de desconfiar da impressão que produzira sobre mim.

Namorava, mesmo nos maternas bigodes de d. Anna, todos os hospedes da pensão; flirtava com mais meia dúzia de rapazes da visinhança; fazia coisas do arco da velha e nem uma só vez deu indícios de comprehender-me, de perceber que eu era o único que a amava sinceramente...

Tudo aquillo fazia-me reverter o sangue nas veias, mas em pura perda: — não havia como adquirir a coragem precisa para abrir a bocca, para dizer-lhe, de uma vez por todas, o meu tormento e a minha paixão.

Vivia sobre brasas e espinhos. Um dia, finalmente, o meu martyrio transcendeu a larga capacidade de soffrer, de que eu era dotado. Com um esforço, que daria para levantar uma montanha, cheguei-me a ella, e, brusca-mente, em poucas e atropelladas palavras, confessei-lhe o meu amor.

Achatou-me, litteralmente, a expressão de intenso pasmo com que ella me ouviu, antes de me desfechar em plena face uma gargalhada crystallina, que não se acabava nunca! Dir-se-ia que fôra um sapo que lhe fizera uma declaração de amor...

Instantes depois, fechado no meu quarto, com o rosto enterrado nas mãos, chorei longa, dolorosa, convulsivamente e pela ultima vez. Aquella gargalhada como que partiu qualquer coisa no meu intimo, qualquer coisa que antes vibrava e não tornou a vibrar.

Também, poucos dias depois, fugia ella com um sujeito casado, legando a d. Anna a fúria da sua cara metade lograda.

Confesso que me diverti regularmente com a curiosa scena, que se desenrolou entre aquelles dois dignos exemplares do bello sexo. Nunca mais me foi dado presenciar um tão movimentado e reñido prélio verbal.

Uns annos decorridos, vim a saber que a linda Maricota entregara a alma ao Creador num leito de hospital, como o fazem tantas outras. Sinceramente desejei-lhe todas as commodidades compatíveis com a mesa de autopsias e a valia commum.

Nesse dia, jantei com excellente appetite.



Nunca me passara pela mente a lembrança de adquirir uma arma de qualquer especie e, conseqüentemente, com maioria de razão, vir um dia a servir-me delia contra um meu semelhante.

A' minha natureza, fundamentalmente pacata, de uma placidez que raiava pela apathia, repugnava tudo quanto, de perto ou de longe, cheirasse a violência. Ademais, tendo por *abstractum* básico a passiva obediencia de menino, desde que se me fôra formando a consciência de homem, eu me havia acostumado a um respeito profundo, a uma veneração fetichista pela ordem estabelecida, pelos preceitos sociaes, pelos dispositivos legais e pelas autoridades constituídas, em summa, por todas essas caraminholas ôcas e pífiyas mentiras convencionaes, com que a celebre minoria dos *conductores de homens* governa a multidão amorpha e privada de vontade, tão efficiente para levar a effeito um acto autonomo como um eunucho de Yldyz-Kiosque para realizar aquella ordem divina, a que a Biblia se refere.

Afigurava-se-me incomparavelmente mais fácil, como os parthas tanto receiavam, cahir-me o céu sobre a cabeça do que eu mimosear com uma dúzia de bengaladas um bilontra qualquer ou com uma bala um typo que me insultasse.

Foi, pouco mais ou menos, por esse tempo que se deu um facto, aparentemente desprovido de importancia e que, no emtanto, veiu a mudar radicalmente a directriz de minha vida intima.

Fizeram-me presente de uma faca.

Estava eu um bello domingo, pela maior força da canicula — lembro-me de tudo admiravelmente, como si esses successos datassem de hontem — abancado a uma mesinha de um dos cafés do centro e duplamente occupado em engorgitar um copo de cerveja gelada e -enxugar as camarinhas de suor da testa, quando fui abordado por um dos companheiros de repartição, sujeito espalhafatoso e amigo de contar valentias, mas, no fundo, tão incapaz de fazer mal a uma mosca como Tartarin de matar um leão de verdade.

Fraternisamos na cerveja refrigerante e, após ter a palestra gyrado sobre banalidades, disse-me o meu interlocutor:

— Vou fazer-lhe um presente.

E, com um gesto apparatuso, tirou da cava do collete uma faca, que promptamente desembainhou, patenteando-a a toda a luz.

Não era uma faca vulgar, dessas que se encontram ás dúzias, por toda a parte; bem pelo contrario, era uma lamina agudíssima e rebrilhante, com a empunhadura de prata, primorosamente cinzelada, bem como a bainha, constituindo um fino lavor de ourivesaria.

— Uma arma destas nas minhas mãos — continuou — com este gênio que você me conhece, constitue um verdadeiro perigo, ao passo que nas suas não offerece risco para pessoa alguma.

E pelos lábios passou-lhe uni sorriso, em que havia uma tal ou qual commiseração desdenhosa.

Tomei a faca e agradeçi penhorado o valioso mimo. Verdade seja que, havia já muito tempo, eu era credor de duas ou tres centenas de mil réis daquelle amigo, que tal presente me fazia...

— Isto representava, para mim, lembrança preciosa de pessoa a quem eu muito presava. Entretanto, reflectindo melhor, cheguei á conclusão de que era uma verdadeira imprudência trazer sempre commigo uma arma tal e tão perigosa.

E expandiu-se em prolixos commentarios sobre a tempera da lamina e o mérito artístico do trabalho nas partes de prata, acabando por despedir-se, depois de esvasiada mais uma garrafa, de cujo pagamento, é claro, fiquei eu incumbido.

O caso é que me tomei de affecto por aquella faca. Desde então, adquiri o costume de trazel-a á cava do collctee e cila substituiu, em certos pequeninos serviços — apontar um lápis ou aparar a ponta de um charuto — o burguez e rombo canivete, de que sempre me havia utiüsado.

Dalii por deante, não podia deixar de achar uma certa graça no tal ou qual espanto dos circumstantes, quando, desembainhando aquella lamina luzidia, cortante como uma navalha e acerada como uma agulha, vagarosamente, pachorrontamente, com tão minuciosos cuidados como si se tratasse de uma delicada operação cirúrgica, eu começava a cortar a ponta de um dos charutos que fumava, aliás com pouca frequencia.

Essa expressão de espanto, comtudo, passava célere. O meu terno preto de todo o aimo, o chapéu redondo, o ventre mngestosamente empinado, tudo no meu aspecto brigava com o aspecto daquella arma de luxo. Si cila, estreita, fulgida, cortante, suggeria de prompto ideias de lueta e se affirmava capaz de atravessar um peito ou de varar uma garganta, apagando o seu brilho em ondas de sangue, o contraste do seu dono era plenamente tranquillizador. Onde se poderia achar um exemplar mais typica e frisantemente representativo do burocrata pacifico e inoffensivo, pausado em tudo e em tudo descansado, especie de mollusco humano, promovido a infima engrenagem da complicada machina administrativa?

Era uma coisa assim como si, sobre a guarda da cavalheiresca durindana de d. Quixote, de repente se descobrisse a gorda e papuda mão camponia de Sancho Pança...

Noutras mãos, entre outros dedos, aquella arma seguramente infundiria medo; nas minhas, apenas despertava riso...

Uma noite, embora o tempo, ennevoado e brusco, prenunciasse chuva, como o somno ausente me não convidasse a mergulhar as adiposas rotundidades do corpo no meu solitário vale de lençóes, deliberei ir matar o tempo, durante duas ou tres horas, para um espectáculo qualquer. Representavam uma comedia insignificante artistas ainda mais insignificantes de maneira que, após ter-me aborrecido soberanamente até á meia noite, fui tratar de me indemnizar da séca com uma ceia rapida, pois sentia o estomago a badalar isochrono com os relógios das torres das egrejas.

Já se andava pelas circumvisinhanças de 1 hora quando tomei o caminho dos meus penates, por entre a névoa húmida, que mais se espessara.

Em um quarteirão escassamente edificado e illuminado com equal parcimônia, vi despontar ao longe, vindo pelo mesmo passeio que eu seguia, a cada passo se tornando mais nitido, um vulto, que parecera destacar-se da cortina de névoa, como si sahisse de uma parede branca.

Era um homem alto e forte, de largos hombros e bem trajado. Trazia o chapéu atirado para a nuca e uma tal ou qual vacillação no andar trahia um principio de embriaguez.

Assim avançamos um para o outro, pela calçada deserta, naquella rua silenciosa e dentro da noite húmida. íamos cruzar-nos mesmo no halo da luz amarelenta de um combustor e cada um seguiria para o seu destino, com bem fracas probabilidades de nos tornarmos a encontrar na vida.

Desviei-me para o lado extremo do passeio, No mesmo instante, o homem cambaleou mais accentuadamente, pendeu para o meu lado. Houve um choque, que me obrigou a recuar, vacillante por minha vez.

— Você é cego ou traz oculos de baeta? Não enxerga por onde vai? — grunhiu elle, com voz furiosa.

— Queira desculpar-me, mas a culpa foi sua.

— Pois este cão ainda se atreve a responder-me! Você vai receber uma ensinadella...

Uma das suas mãos musculosas fincou-se-me na garganta, em cujas carnes os dedos, rijos como si fossem de ferro, penetravam dolorosamente; a outra, violentamente fechada, erguia-se no ar. O murro, que ia ser desferido, achatar-me-ia, devia achatar-me, como uma simples pasta de carne, sobre a qual batesse um malho.

Agarrei bruscamente, com os dedos crispados pela dor e pelo medo, o cabo da faca; ergui e baixei o braço; mal tive tempo de ver brilhar a lamina e ouvir uma especie de choque surdo, enquanto pelo braço subia-me a sensação exquisita de haver rasgado uma tela distendida e fina.

Com um arquejo estertoroso, em que alguma coisa parecia borbulhar, os dedos que me estrangulavam alargaram-se, soltaram-me e aquelle grande corpo cahiu pesadamente na calçada. O chapéu rolou para a sargeta e eu fiquei ainda immovel, com a mão á altura do hombro e umas grossas, pesadas gottas de sangue a pingarem da ponta da faca.

Assim immovel, esperei por alguns momentos. Era tão fácil dar uma facada? Pois que se tentasse levantar o meu fortuito e accidental adversario: — outras eu lh'as daria, tantas e quantas precisas fossem.

Nada mais foi preciso. Naquelle rosto moreno, de espesso bigode negro, que a luz do combustor banhava em cheio, por um espaço de tempo infinitesimal, dois grandes olhos se fixaram em mim: — havia nesses olhos uma cólera e um odio, que transpunham quaesquer limites de expressão. Mas, foi um instante, foi um lampejo só. Esses olhos se foram apagando, envi-draçando; um momento depois, eram olhos de cadaver, sob a amarella radiação do combustor, que incidia sobre elles.

O *paleto* desabotoado abriu-se largamente com a queda; o collete, á esquerda e no alto, de cinzento, tornara-se vermelho, enquanto minusculas bolhas róseas arrebetavam atravez das malhas do tecido.

O acaso servira-me admiravelmente. A minha mão, que, antes, nem uma só vez empunhara aquella faca de modo aggressivo, tinha vibrado um golpe de fazer inveja a um assassino profissional. Nem um grito, nem um borri-fido de sangue. Um desses cangaceiros, cuja historia tantas vezes ouvi e que, quando os outros estavam aprendendo o a b c, já sabiam o alfabeto inteiro da faca, não seria capaz de fazer melhor. Não houvera contracções do corpo e nem mesmo a face do assassino registrára um desses rictus, que são de regra nas victimas de morte violenta. Apenas nos olhos eu lhe tinha podido ver aquella expressão.

Tenho quasi a certeza de que, quando me esganava e me ia partir a cara com o murro engatilhado, devia ser, approximadamente essa mesma.

Assim morreu o sr. Francisco Ferreira Franco, "abastado capitalista", na pleonastica algaravia dos noticiaristas, por uma noite nevoenta ou madrugada chuvosa, victimado por "uma punhalada mysteriosa em pleno coração".

E os super-homens que examinaram, autopsiaram o cadaver, que regaladamente o retalharam, com o prazer singular com que um magarefe retalha um boi gordo e de boas carnes, não chegaram a classificar a arma, que produziu o ferimento mortal...

Bons dez minutos, redondamente a sexta parte de uma hora, para alli me deixei ficar, de faca em punho, a examinar o cadaver.

De tudo quanto havia lido, referente a assassinos e assassinados — brados de consciência, a irreprimivel necessidade de confessar o delicto, o remorso, o pavor do cadaver da victima — nada, absolutamente nada sentia. Sentia-me,

isso sim, tão calmo como nos meus melhores dias, cujos elementos componentes eu não receberia para topico ás mocinhas nevroticas desta quadra, moidas de *flirts* e vesperaes, incapazes de serem a verdadeira mulher de um verdadeiro marido.

Alguns veteranos, que leram os jornaes de então, poder-se-ão lembrar que, como lá dizia o delegado em seu relatório, "a perna esquerda das calças da victima conservava traços de nella ter o assassino limpado o instrumento do crime."

Isso, sim, é perfeitamente exacto. Depois de ter ficado um bom pedaço, á espera do que podesse acontecer e não acontecia, limpei a folha da faca na perna da calça que me ficava mais á mão; depois, enibainhei-a, tão limpida ic tão reluzente como antes. Esperei ainda um pouco. Em seguida, fui-me embora, como si nada tivesse acontecido.

— Que fôra o que eu esperára alli, como um estafermo, em lugar de deitar a correr com cancllas de veado?

— Que todo o custoso aparelhamento social de defesa se puzesse a funcionar. Houvera um assassinato dentro da zona urbana; havia um assassino, parado perto do assassinado. Qual a razão pela qual se não punha a agir efficientemente esse aparelho tão caro e não me capturava em flagrante, a mim, um assassino?

Segui, caminho de casa. Nem a uma cincoentena de passos do lugar onde eu matára um homem, tive, visualmente a explicação da coisa: — em um vão da porta da esquina, o rondante do quarteirão e uma bojuda mulata, provavelmente cosinheira nas visinhanças, entretinham-se em intima palestra.

Como eu entre-parasse e, á minha vista, a mulata achasse o rumo do pomal, o benemerito mantenedor da ordem publica veiu direito a mim.

— Terá este traste, que não viu coisa alguma, a ideia de prender-me? — perguntei «u a mim mesmo.

Veiu a mim e, todo medidas, explicou-se:

— Que elle me conhecia; que aquella mulata era uma prima delle, empregada em uma casa visinha; que elle, além de conhecer-me, sabia que eu era funcionario da secretaria da fazenda; si eu não tinha uns nickeis a lhe dar, para que elle *matasse o bicho*...

Generosamente, passei-lhe ás unhas uma nota de 5\$000.

Foi esse policial quem descobriu o corpo do sr. Francisco Ferreira Franco, assassinado e quem, no inquérito, affirmou, como primeira testemunha, que o delicto só se poderia ter dado cerca de duas horas...

Dessa esquina por deante, até á minha cama, se me foi infiltrando nas ultimas fibras, assásmente corroídas já, do respeito á auctoridade e á integridade do proximo, a convicção de que os derradeiros tentáculos, as ventosas que lhes ornavam as pontas, só serviam para caçar ladrões de gallinhas e... cosinheiras das immediações...

A fachada, porém, a luxuosa e cara fachada ainda permanecia intacta. Si o rondante só para aquillo prestava, outros se iam pôr em movimento, agir, pesquisar, afuroar, farejar, rastejar, cahir-mc em cima, com todo o peso com que a sociedade costuma cahir sobre quem a priva de um dos seus *prestantes membros*...

E eu estava prompto a provar, com as marcas do meu pescoço, que eu é que fôra, quasi, não quasi, o *prestante membro* de que ella estivera a pique de ser privada.

Na pensão, silenciosa e ás escuras, cheguei ao meu quarto. Com uma volta no registro da luz, allumiei-o.

Era um vulgarissimo quarto de pensão. Uma cama e um lavatorio, duas cadeiras, um creado-mudo e uma mesinha.



Foi nesse scenario réles que, despido, escrupulosamente examinada a roupa, pollegada por pollegada, fui ao espelho, para ver a cara de um assassino.

Aquelle vidro estanhado reverteu-me a mesmissima imagem que estava acostumada a espelhar; apenas, nas guellas, profundos, vermelhos, tendendo já para o azul-verde, caracteristico das ecchimososes, á direita se via o signal de um dedo, fundamente impresso e, á esquerda, uma larga zona, em que a garganta tinha sido violentamente apertada.

Depois desse exame physico, na previsão da sobreveniencia de uma improvável descoberta policial, passei ao exame de minha consciência, dos meus actos e das suas razões determinantes, melhor juiz delles que essa assembléa de papalvos, de que tantas vezes eu fiz parte, condemnando ou absolvendo um homem, sem jamais saber ao certo o motivo que lhe impulsionou a acção.

— Remorsos? Por mais que perquirisse os rconditos escaninhos do meu ser, não achava siquer resquicios delles. Como ferira aquelle, feriria outro, feriria dez... Tão fácil era aquelle gesto de, rapida e violentamente, erguer e baixar uin braço...

Fosse eu dormir e a sociedade pôr em andamento a sua perra e enferrujada engenhoca defensiva.

Esse resto de minha noite, si não foi dormido sobre pétalas de rosas, recheio de colchão que — *çá và sans dire* — não gosou nunca de minha particular estima, também não foi dormido sobre a cama de S. Lourenço.

Que a geringonça da defesa social se puzesse em marcha contra o assassino, o qual, com uma punhalada mysteriosa, privára a supracitada sociedade de um dos seus mais *prestantes membros*

Com isso adormeci. No dia seguinte, a preta velha, que, na casa, fazia, como os annos, de que não sabia a conta e o rheumatismo, que andava a contas com ella, o papel de copeira, como as duas coisas lhe permittiam, com o obrigatorio café com leite, trouxe-me o exemplar do orgam official, de que eu era assignante voluntário de mãos p'ra traz, a assignatura adiantadamente descontada na folha de pagamento.

Foi delle que recortei a noticia encaixada no intróito deste meu testamento.

Deus os benza a todos e lhes dê o reino dos céos. Sob a mesma canga e arrochados por idêntico canzil, que junta de coice...

Fosse-lhes dado um pilão de pedra e a pedra fosse silex; fosse-lhes dada *mão de pilão* de ferro e esse ferro fosse aço; fosse-lhes posta no pilão uma mistura de enxofre, salitre e carvão: — ergueriam os olhos para onde, alto, muito alto, Budha, de pernas encruzadas, faz o seu gesto, sobejamente conhecido.

E perguntariam:

— Cangica?

Si, atraz de Budha surgisse um par de sobrelhas imperiosas e uma voz cavernosa, como devem ser todas as vozes de oráculos, ordenasse aos devotos:

— Soquem!

Socariam, até que do pilão sahisse cangica ou elles se desfizessem nos ares em fumaça.

Com esse incidente, que aqui entra a mero titulo de illustração, mas perfeitamente susceptível de ter sido uma realidade, facilmente se pôde ver que, no meu intimo, na minha consciência de assassino, já fermentava uma especie de odio surdo contra a ordem de coisas vigente.

— Vigente, porque?



— Vigente porque o grosso da massa, de que algumas bolhas se destacavam, subiam e centravam para ella, deixava que vivesse...

Mal me saí a digressão. A' custa do regimen vigente foi que eu vivi durante quatro lustros, de que elle me deve o não pagar os fundilhos de calças, que lá deixei, rostidos por todos os bancos, repassados na escala, de terceiro a primeiro escripturario.

Vai a divagação mais longa do que comporta um documento destes. Abreviemos.

Não senti nada, nem nesses dias, - nem nos immediatos. Nada, mesmo nada. Nem o menor estremecimento da consciência, pelo gesto que tivéra, nem o minimo arrepio dos nervos pela infracção que commettera, das normas por que se pautava toda a gente.

Eu era um assassino.

E coisa alguma, dentro de mim, gritava, dizia, murmurava a palavra fatidica, essa que marca o homem e que o codigo gratifica com trinta annos de prisão cellular, quando não houver attenuantes, menos ainda dirimentes...

Ora, si eu fosse pegado por um furão, mais solerte que os outros, perfeitamente capazes de furar uma parede com a cabeça, mas, perfeitamente incapazes de saber o que existe atraz de uma parede, nada mais fácil que a minha defeza: — era só mostrar o pescoço, onde os signaes só não veria quem não tivesse olhos na cara, ou, tendo-os, lhe sobrasse a vontade de não ver.

Uma laryngite explicou o meu ponto na repartição e o entrapamento do pescoço nos dias que se seguiram.

Em palestras posteriores, vim a saber que o sr. Francisco Ferreira Franco era um crapula, de mais a mais dado a valentias. Isso em nada me alterou. Fosse o melhor dos homens, fosse um santo, a mesma coisa seria. Si alguma coisa senti, foi o sr. Francisco Ferreira Franco ter sido um só e nós dois não nos podermos encontrar mais...

Dava a resto de barato todo o medo que passára, toda a dor que sentira, para tornar a ver-me naquella, situação: — agarrado pelas guellas, erguendo e abaixando o braço, fazendo de um homem um cadavcr...

Ah! si eu apanhasse assim, em uma rua deserta um daquelles engraçados do collegiol...

Como quer que fosse, puz o coração á larga, dois chumaços de algodão nos ouvidos e deixei que roncasse, barulhenta, a machina da defeza social, sobejamente armada contra um homem só, que teve medo, mas medo de verdade, de um outro homem...

Nunca souberam quem tinha sido o assassino. Eu, tambem, por meu lado, sempre soube sopitar os meus pruridos de confissão. Sabem-n'o agora. Sabem agora porque eu conto, porque eu, Anastacio Pereira, neste meu testamento, já não tenho conveniências a guardar, nem graúdos a cortejar: — vão umas Para o lixo e as outras, os graúdos, que tanta vez me fizeram tirar o chapéu...

"Pudesse uma só nau contel-os todos

"E fosse eu o piloto dessa nau...

•••no primeiro baixio do leme portaló havia de fazer...



De então por deante, continuei a viver na communhão dos homens, como si nada houvesse acontecido.

— Na communhão dos homens — é uma historia, ou, melhor, uma chapa sedicha, gasta de tão batida. Para, em rigor, não faltar á verdade, eu deveria dizer que continuára a viver no meio delles, excommungando-os do meu fôro íntimo, sem ter havido necessidade de soprar vela alguma, a menos que não fosse a da existencia do sr. Francisco Ferreira Franco...

Dahi para cá, desde que me converti em assassino, não tive mais tão fortes razões de queixa contra as agruras da vida. Quero crer, mesmo, que fui eu proprio quem inventou a mór parte dos barrancos, que me empeceram o caminho. Si desde os prodromos, eu tivesse tido aquella faca...

Aquella faca, eu a guardei, guardo-a como um talisman, como um fetiche, como um mimó tutelar, a quem devo o que desta vida terrena levar commigo para outras esphas.

E fiquem sabendo que não é pouco. Duvido que Epicuro Oll algum dos alumnos seus, espalhados pelos séculos afóra, tivesse saboreado tão succulentos pitéus.

Zombar de uma sociedade inteira; assobiar-lhe ás botas e ás dos seus galfarras; vel-a escabujar, amarrada á própria impotência — que é que me custou isso tudo?

O trabalho de não abrir a bocca.

Durante tres bons lustros, que já vão descambando para o quarto, como jurado exemplar, mimoseei sempre com a pena maxima quantos assassinos me cahiram sob as unhas.

Excluida a minha laryngite, de outro mal grave não soffri. Continuei como terceiro escripturario, de terceiro passei a segundo e de segundo a primeiro. Dentro da repartição e fôra delia, adquiri e gosei a fama de exoellente pessoa.

A tal ponto chegou essa fama, que a dona de uma das pensões em que morei, mãe de uma Maricota, parecida com a outra, pediu-me a mão para genro...

Pedi-lhe eu vinte e quatro horas de praso. Quatro horas depois já tinha achado outra pensão, sem Maricotas, nem progenitoras de Maricotas. A' excellentissima senhora, que me fizera a honra de pedir a mão para a filha, cavalheirescamente offertei as vinte horas restantes.

Evaporado esse espantallo de sogra, de outro perigo que tenha corrido não me lembro. Creio, mesmo, que não corri nenhum.

Vivi socegada, pachorrentamente, como convém a um bom burocrata. Nunca me metti no amago de manifestações, nem me perdi por viellas escusas a horas mortas. Soube sempre guardar o termo médio.

E, si uma vez ou outra, a força, centrifuga ou centrípeta, lograva desviar-me um pouco, para dentro ou para fôra da orbita que eu me pre-traçava e seguia com precisão astronômica, apertava o braço ao peito e deixava-me levar pelo impulso. Sabia que não estava só...

Assim vivi.

Nunca mais se me deparou ensejò de dar uma tão gloriosa facada, nem eu o busquei tão pouco. Esperei-o, simplesmente.

Emquanto isso, toda a gente que me conhecia dava aos perguntadores e abelhudos a seguinte resposta, com somenos variantes:

— O sr. Anastacio? Excellente pessoa. Bem collocado, honesto, morigerado e incapaz de fazer mal a uma mosca.

— Mas traz sempre comsigo um facalhão de metter medo.

— Ah! já viu a faca...



— Pois aquillo é coisa que um homem respeitável traga comsigo e viva exhibindo a cada momento?

— Ora, cada um com a sua mania. Quer saber qual é o maior perigo que apresenta aquella faca em poder do sr. Anastacio?

— Qual?

— E' roubarem-lh'a.

E tudo o mais por essa afinação. Eu, excellente pessoa; a faca, uma coisa inoffensiva nas minhas mãos.

E' incrível a quantidade de imbecis que pullula por esse mundo além. Os que não n'o são profissionalmente, soffrem de accessos esporádicos.

Vai sendo tempo de pôr um fecho a tudo isto.

Tendo assassinado o abastado capitalista sr. Francisco Ferreira Franco, podia perfectamente levar commigo toda esta estirada historia. Escapava, assim, á caceteação de cscrevel-a e ao perigo do tabellião, em um surto de novidadeirice, querer inteirar-se do que contem a volumosa sobrecarta, que será confiada á sua guarda, vindo a saber a auctoria de um crime não prescripto.

Embora depositários de fé publica, não creio a nobre classe dos tabelliães inteiramente immune ao mal que nos habituamos a attribuir ao outro sexo. O a quem isto vai ser confiado, dirá lá com os seus botões:

— Que diabo haverá aqui dentro? Este chumaço de papel traz agua 110 bico...

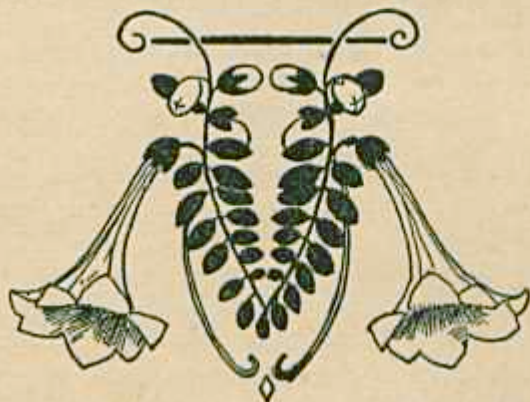
Arrisco-me, por dois motivos, ponderosos ambos.

Um, é o gostinho de pregar um susto posthumo a quantos me achavam *uma excellente pessoa* e, muito particularmente, aos biltres que me grudavam *mosquitos* no nariz e me enchiam a cabeça de cacholetas.

O outro é nomear o executor das minhas ultimas vontades.

Lego-lhe um mesquinho deposito na caixa economica, o que delle eu tiver a receber, monte-pio inclusive e a faca com que assassinei o sr. Francisco Ferreira Franco.

Si este ultimo elemento de minha herança fôr recusado, que o atirem á rua. Possivel é que vá parar a boas mãos. — *Anastacio Pereira.*"





UM CASO CARNAVALESCO

JOÃO RIBEIRO

TODOS os dias andam cheias as gazetas das 'barbaras vinganças dos maridos ultrajados contra as mulheres iniféis.

Ninguém examina a questão, e considera-se criminosa e impudica a piedade pelas victimas dessas justças summarias.

Em geral, a desproporção entre o castigo e o crime commettido é sempre uma enormidade. Mas, os nossos costumes conservam e mantêm viva, a maneira do fogo vestalino, a chamma perpetua da vingança.

Os maridos ainda não se cansaram de matar, ou, como se diz, de lavar com sangue a honra offendida.

Essa onda rubra de vingança resalta ás vezes em resacas de suicídios e de outras catastrophes irreparáveis.

Comtudo e apesar de tudo, o bom senso, a ingenuidade ou a fraqueza imbelle também cultivam a tolerancia. Ha maridos pacientes (graças a Deus, como dizia um dom João profissional) que, entretanto, não fazem escola. Se ha maridos que emprestam as esposas, como fazia Catão, outros ha que com ellas fazem negocio.

Conta-se de um desses maridos affrontados, que após um anno de amarga separação, volveu ao carinho da suspirada consorte, cantando victoria:

— Agora vou por minha vez, enganar uns quarenta canalhas.

Assim disse e falava com prazer dobrado que sentia em multiplicar o talião e celebrar a inaudita e rara segunda lua de mel.

Ha tudo neste mundo. O problema, pois, é indeterminado e susceptível de infinitas soluções.

A peor, certamente, é a do sangue, tão appetecida dos noticiários, das gazetilhas e dos jurys.

Desde as mais velhas das leis da nossa raça, nas — Ordenações affonsinas — viceja o direito de matar, autorizado pelo rei dom Dinis de famosa e grande memoria. Todas as justiças do velho reino, juizes, alvasis e alcaides, velavam attentas por essa aibomível aibjecção.

Não causa extranheza a perpetuidade do execrando principio. Se uma hora basta para esclarecer a razão, muitos séculos ha mistér para extirpar uma velha usança tanto mais arraigada quanto barbara e atroz.

* * *

Hermann Post, na sua — "Jurisprudência ethnologica" — recolheu innumeros documentos do direito e da justiça primitiva entre selvagens e barbaros.

A crueldade humana na repressão do adultério está millenarmente no proprio sangue dos homens, mas a sobrevivência de taes processos na sociedade actual não se mitigou e antes cada vez mais recrudescceu com entranhado odio entre os homens de hoje. Os homens, não; os maridos.

A razão dessa repugnancia está no egoísmo do varão, na sua refractaria natureza ás concessões de egualdade entre os dois sexos.

Emquanto, desde os tempos primevos, o homem se reserva o direito da infidelidade e de todos os desvios de conducta, o mesmo castiga sem misericórdia as fraquezas de suas escravas.

E', em toda a parte, a regra.

Os nossos indios castigavam de morte o adultério da mulher; o crime, ainda, revastia-se de circumstancias gravíssimas se o seductor era estrangeiro.

Na tribu, a accomodação era possível.

Contra a violência desses brasis, os missionários conseguiram implantar mais doces costumes de misericórdia e perdão, mas com imprevistas difficuldades.

* * *

Ha, a este proposito, uma historia e relação authentica de Yves d Evreux, no tempo da occupação francêsa, no Maranhão.

Os franceses foram, como se sabe, os primeiros colonizadores daquella terra, onde fizeram boa alliança com os "tupinamboux".



Com esses colonos vieram dois capuchinhos, Claude d'Abeville e Yves d'Evreux, que escreveram, um e outro, notícias curiosas da colônia e do gentio do lugar.

A obra de Yves d'Evreux é hoje raríssima e a essa circunstância se deve, talvez, não ser conhecida a anedota que vamos contar e que se fosse conhecida estaria já vulgarizada na literatura nacional, tão francêsmemente aiffeioada às histórias eróticas do adúlterio.

Quando trabalhavam aquelles padres no serviço da catechese, succedeu que um indio principal de nome Uyrapiran, surprehendera a mulher "in flagranti", num idyllio amoroso com um escravo.

Escravo era todo prisioneiro de guerra, e conseguintemente estrangeiro. Entre os gentios essas relações exogamicas aggravavam o delicto; como entre os romanos, "adversus hostes oeterna auctoritas"; os que peccavam deviam morrer.

O crime ou o idyllio tinha neste caso certas feições bíblicas e patriarchaes. A mulher do selvagem Uyrapiran, (bella e moça, como de costume descuidada ia á fonte com a sua bilha. No caminho, porém, tomou-lhe o passo ousadamente um joven prisioneiro da tribo.

Não lia meio de saber se houve prazo dado ou se acontecera fortuitamente o encontro. Em todo o caso, a india não resistiu muito; a resistencia aliás não seria possível e, talvez, não fosse agradável.

O bailo escravo não hesitou; tomou-a nos braços e arrastou-a para o silencio da floresta.

Entretanto o marido (cuja desconfiança é razoavel admittir) aoompanhava-a de longe e viu-a desaparecer...

De um lance, movido de ferocidade e de odio, capturou os dois criminosos, atou-lhas pés e mãos, <e assim, os levou peados e manietados á presença dos capuchinhos.

Uyrapiram não queria applicar as leis próprias da sua tribo e apellarva para a justiça dos civilizados.

Os padres ficaram perplexos, sem saber que solução convinha á moral selvagem, sem offensa das virtudes christãs.

Para o indio, era caso de morte. Mas por um tratado entre os catequistas, missionários e o gentio, se havia convencionado anteriormente que a pena de morte estava abolida e que a nenhum indio cabia o direito de matar outro indio, em tempos de paz.

Uyrapiran esperava a sentença dos seus amigos. Absolver a mulher e o seu seductor seria uma afifronta incomparável, mas



também privar-os da vida por aquella loucura de dois seres jovens e apaixonados não honraria a religião de Jesus, que annunciava a tolerancia, a misericórdia e o perdão para as fraquezas humanas...

Entre os indios era assás frequente que o marido fosse um homem velho ou maduro, porque, segundo a lei natural delles, o noivo mais provável de qualquer rapariga devia ser o tio materno.

Era esse um costume geral que também existiu entre os acabes. E de caminho, notamos que no Brasil ainda é costume, como entre os musulmanos, de se tratarem os casados como parentes, principalmente como "primos".

Os capuchinhos estudaram o caso e acharam, afinal, uma solução conciliatória, perfeitamente christã e não de todo contraria ao espirito de vingança selvagem.

Notaram (é Yves d'Evreux que o assegura), que o marido olhava compassivamente para a mulher, sequioso delia, mais cheio de lastima que de 'horror.

Afinal, convencionou-se que ambos os criminosos seriam açoutados publicamente e ao som de trombetas.-

Com pulso ferreo Uyrapiran, indignado açoutou deante do povo o traidor que se estorcía sob o látigo. Depois, passando á mulher, dou-lhe apenas umas quatro lambadas, sobre os rins e o ventre. A mulher estorcía-se e gritava, e as outras indias em torno se desfaziam em pranto.

Os maridos, em roda, rejubilavam e abraçados ás esposas diziam por ameaça: "Se eu te pilho"...

Depois dessa flagellação solemne, Uyrapiran tornou nos braços a esposa adúltera que ria já, contente com essa expiação que a restituía ao amor do marido.

"Et ils s'en retournèrent comme si jamais rien ne fust arrivé'.

* * *

A sentença benevola dos capuchinhos não foi novidade.

Ha e de haver por abi muita sova silenciosa e expiatória em casos semelhantes.

Faltou ao Maranhão um Bocaccio para essa historia galante, contada por um frade.

Mas já ouvi uma historia aqui passada em Catumby. Uma mulherzinha caprichosa e tonta fugiu ao marido e foi asyilar-se em casa de um rapaz da vizinhança.



Depois de a procurar por toda a parte, o marido inconsolável veio a saber do esconderijo e resolveu reconquistal-a.

Bateu á porta, penetrou no ninho dos fugitivos, e arrancando-a pelo braço, trouxe para fóra a mulher.

Para o vizinho seductor apenas disse quasi tranquillamente:

— "Seu" canalha, esta que está aqui, se eu a quiz, levei-a á egreja. Não a tomei de meia cara.

E para a mulher:

— Tome juizo nesta cabecinha e venha para casa tratar dos filhos.

Poupou-se desse modo uma vida e, talvez, duas ou tres.





CANTO DE ORPHEU

Assim Orpheu cantava e a cada accorde brando
da sua Lyra um mundo estranho de harmonia
maravilhosamente acordava cantando...

Na mesma onda sonora a Terra ao Céu se unia
ao milagre immortal, divino do seu canto;
a própria pedra inerte em musicas se abria.

Tudo tem alma e vive e extaico o ouve, emquanto
como um immenso mar de rythmos se propaga
da sua voz celeste o mysterioso encanto...

Os rios cessam de correr, a agua se embriaga
a escutal-o, deixando os alveos seculares,
com uma nympha a sorrir de amor em cada vaga.

Detêm, súbito, o vôo as abelhas nos ares
para sugar-lhe o mel que lhe estilla da bocca;
movem-se para ouvil-o as rochas millenares,

e as arvores que a luz dos fructos de ouro touca
de uma auréola de sonho, e a agua, a planta, a montanha,
e a fera e a flôr e a estrella e a pedra, numa louca

exaltação de goso, em vibração estranha,
com o occulto e o ardente olhar da alma que lhes acorda
Orpheu, vêm contemplal-o, é a magia é tamanha



da sua Lyra que, como alguém que recorda,
ha uma face divina em cada cousa a ouvil-o
e um Eden novo arderido ao som de cada corda.

Ante a gloria do Azul, como no peristyllo
de um templo, o Poeta canta; e ao hym.no que o governa
baixa, cantando, á Terra o vasto céu tranquillo-

Com os seus olhos de sóes, na abobada eviterna,
as estrellas em pleno dia vão surgindo
ao sentir-lhe, lá no alto, a melodia eterna;

e em raios de um fulgor que é espanto e amor, sorrindo,
descem ao pó, deixando o Azul natal 'deserto,
vendo que em torno d'elle esplende um céu mais lindo;

e escutando-«, em silencio, attonita, de perto,
amorosas, dir-se-ia enlaçal-o de abraços
na Luz que lhe entra o ser como num templo aberto.

Detêm, passando, o vôo as aves nos espaços
e tontas vão pousar-lhe aos hombros silenciosas;
parte-se a rocha fria em hymnos a seus passos...

Anima-se, bailando em rondas harmoniosas,
o silencio da Vida, a alma esteril do mundo.
Abre-se o chão, sonoro, em cânticos e rosas.

Tudo vibra e palpita; ha um coração ao fundo
de cada tronco, em cada' flôr, em cada fonte,
e do astro ao verme pulsa omnimodo e profundo...

E o seu canto que vae de horizonte a horizonte,
aos poucos encarcéra a Natureza inteira
na luz da estrella ideal que lhe circumda a fronte.

Poeta-Deus, nem lhe é estranha a corda derradeira
da Lyra onde ainda dorme o mysterio da Morte,
que a elle só lhe não nega a mão de companheira



quando o véo se lhe entreabre ao mystico transporte,
em que elle vê sorrir divina a face de Isis,
que em seu amor encontra outro poder mais forte.

A' sua voz são reaes os lendários paizes
de Perfeição que vê sonhando edades fóra
os homens na illusão das horas mais felizes.

Murmurio de agua e flamma, aurea e rutila aflora
das coisas a alma e é sol que em tudo erra e corusca,
fazendo-as reviver no oéo natal de outr'ora...

Tudo anceia e fulgura á voz do Poeta, e busca
nova forma e expressão com que viver, na bruma
de um novo cháos que a luz do próprio occaso offusca.

Como raios de estrella e ondas de iriada espuma
surgem d'aqui, d'alli, onde Orpheu passa, e em torno,
vozes, faces, visões que o cercam de uma em uma...

Sente-se então, no seu, o hálito suave e morno
de infinitas creações que respiram, volvendo
á Vida em seu divino e perpetuo retorno...

E saudosas do Azul algumas, maldizendo
outras o inferno e a morte em que choravam, cantam
todas o céo que volta empós do abysmo liorrendo.

Rebentando as prisões que eternas lhes tagantam
a chamrna intima e ideal que lhes dá força e vida,
miraculosamente as pedras se levantam

e liberta afinal a sua alma dorida
erguem-se, por si sós, com os seus pesados vultos
em templos immortaes sobre a Terra florida;

o ouro, a argilla, o granito ha millenios sepultos
andam, no chão que se abre em grotões e buracos,
e são átrio e columnas e altar de novos cultos.



Ainda do astro da Morte aos dúbios luars fracos
todas as coisas vêm ouvi-lo onde elle cruza,
contemp!ando-o a sorrir com os seus olhos opacos.

Tudo é claro e divino ao seu canto! Ha uma Musa
em cada Hora que passa e em cada Erinnya obscura
que o olhar lhe teme e a voz como a Perseu, Medusa.

Na nuvem de ouro que erra e na agua que murmura,
na alma, no homem, no sol, na flôr, no astro, na planta
a mesma Luz canora, omniforme, fulgura!

Deixa a fera o seu antro e á harmonia que a encanta
vem rojar-se-lhe aos pés, dócil como uma escrava.
A um mesmo rythmo egual todo o Universo canta!

Rola a montanha, do alto, em queda immensa e cava
e extasiada, escutando-o, os sons lhe haure da Lyra,
e na auréola, que o envolve, o olhar de pedra crava.

Monstros de horrído aspecto e hiantes fauces, de ira,
seguem-lhe a voz, de rojo; o uivo se lhes acalma
e abranda, e é arrulho e é gozo e é afago que suspira.

Em cada myrto, em cada rosa, em cada palma
uma deusa o namora, um deus o espia e acclama.
Em cada ramo em flôr palpita um peito, uma alma.

Da sua estrella, assim, sob a divina flamrna,
como se coalha um céu de astros de ouro, ás myriades,
um invisível mundo espiritual se inflamma.

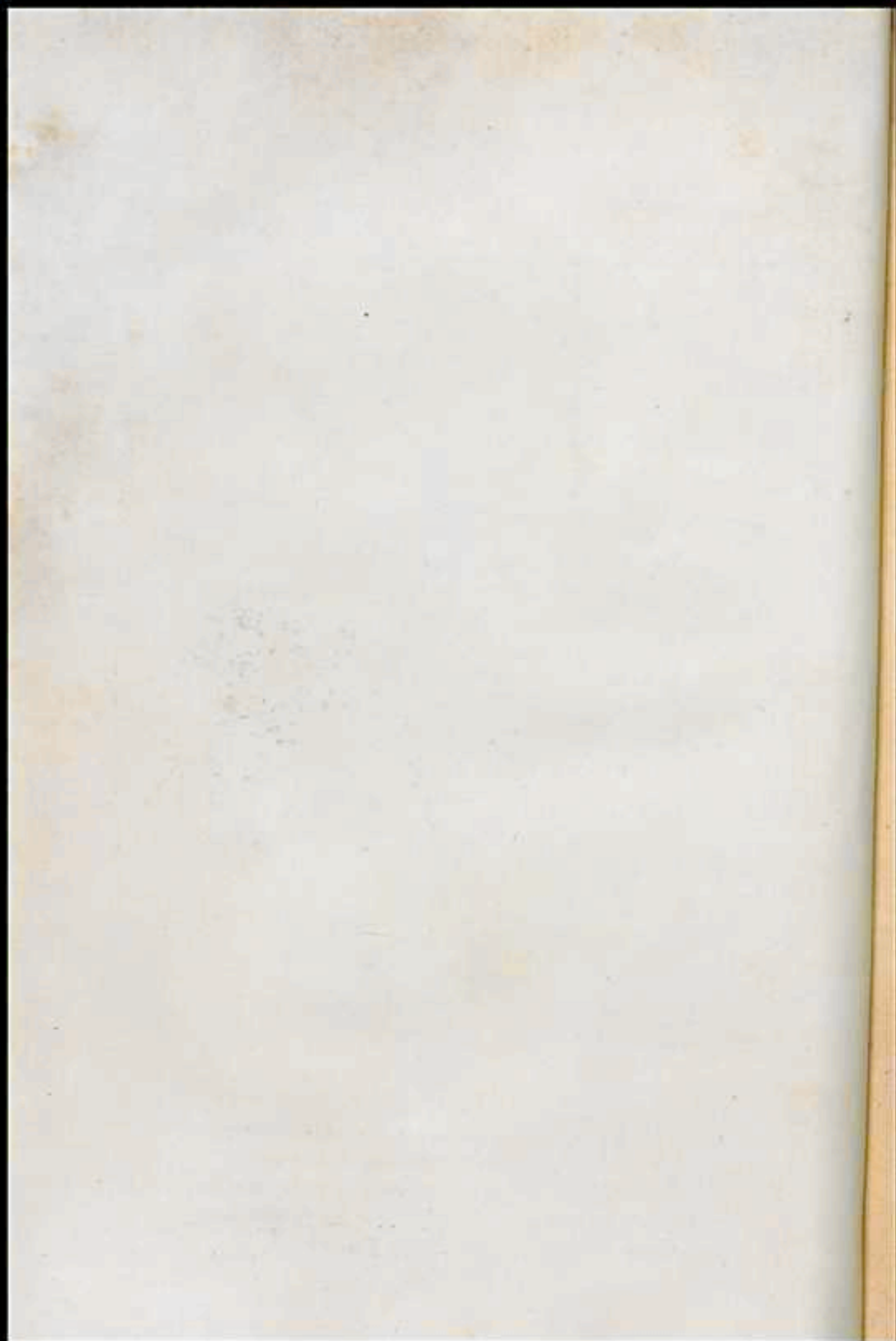
Altivagas visões, napéas, hamadryades,
oréadas subtis, alipedes camenas,
satyros, faunos, Pan, rondas suaves de dryades

'bailam, rodeando-o a rir, em theorias serenas
celebrandodhe o encanto e coroando-o de flores.
— Restam do occaso, ao longe, alguns clarões apenas —

GALERIA DOS EDITADOS



RIBEIRO COUTO, autor do "Jardim das
Confidências," e da "Casa do Gato Cinzento."



Isis lhe entabre o véo dos seus céos interiores...
Pára, extática, a ouvil-o a Belleza albsoluta
do sol, que morre, á paz dos últimos albores...

Górgona e esphinge a Morte os olihos baixa e o escuta,
num silencio que é amor, do seu antro secreto,
hebendo-lhe do canto a luz casta e impolluta.

Um murmurio aifrasado e divino, do insecto
ao astro, melodioso e profundo se espraia...
Crivam-lhe o halo da fronte as abelhas do Hymetto.

Dulciflua a voz lhe escorre e, languida, desmaia
como o sol que agoniza aos poucos, docemente...
e vae de estrella a estrella e vae de praia em praia

como um radioso oceano infinito e dolente,
unindo a Terra ao Céo, a treva á Luz superna,
o homem, a pedra, a flôr, o verme, a chamma ardente

numa mesma harmonia universal e eterna!

HOMERO PRATES

CAVALLEIRO TRISTE

*Ébrio de gloria e sangue, o olhar funcrco, em riste
A lança, e a pluma licril farandolando ao vento,
Impolluto solar, na ancianidadc, quis-te
No supremo esplendor dc um sonho que acalento!*

*Porque, neste fastígio, a inveja e o lutulento
Clamor, venham tisnar-te a povtpa e o lume, abriste,
Ampla e sumptuosamente, á terra e ao firmamento,
O purpúreo brasão do Cavalleiro Triste!*



*Elie partiu revólto. A cabelleira flava
Riçando, o guante arrocha, e a rutila viseira
Alça, encarando hercúleo a turba que o fitava...*

*E, tórvo o olhar, sinistro o aspeito, altivo clama:
Por São Gral, onde espero a vida e a derradeira
Noite, no collo ebúrneo e em flôr de minha dama!*

MOACYR CHAGAS

(Da Academia Mineira de Letras)

(Do "Crapusculos", no prelo).

A R T E G R E G A

*IMPASSIBILIDADE apolinea que encobre
O amor, o aneio, o sonho, a graça, a força, a lida;
O orgulho do nababo, a humildade do pobre,
A tristeza da morte e a alegria da vida;*

*Tortura e gôso, o gelo e o incêndio, o vil e o nobre;
A atnbição a renuncia, a chegada e a partida;
A sombra, que se occulta, a luz, que se descobre;
Tira e põe, chora e ri, toma e dá, lembra e olvida:*

*Morrerás, pôde ser, arte pura e sem manchas,
Templo do bem, gloria e fulgor, vulcão fecundo,
— Tu, que o lodo da terra em scintillas desmanchas;*

*Morrerás, quando um dia, acorrentado e inerte,
Não ruja o mar, não cheire a flôr, não gire o mundo,
E em cima o sol se apague, e em baixo esplenda o verme...*



A UM GRANDE POETA

*PARTE, campeão do ideal, em romagem divina,
Querendo o som, buscando a cor, seguindo o aroma;
Príncipe da expressão, na expressão peregrina
Põe o conceito, apura a fôrma, o verso doma.*

*Em messe exuberante, em prodigiosa mina,
Recolhe o trigo, afasta o joio, a idéa toma.
Arde-lhe a forja.... E sai, como de áurea officina,
Fidalga a rima, exacto o metro, illeso o idioma.*

*Não maldiz — forte c bom, só de glorias sedento —
A sua dôr, a sua magna, o seu tormento,
A montanha que sobe e o lenho que conduz.*

*Do solo vil, da terra má, do chão nefando,
Vê-se-lhe a alma que vai pelo Azul palpitando,
Cheia de fé, louca de amor, tonta de luz. •*

M U N D O

*A MONTANHA mais alta e o valle mais profundo;
A folha insonte, o fructo bom, as urzes más;
A lagôa parada c o pélogo iracundo;
A fúria c a calma, o esforço e a inércia, a guerra e a paz;*

*A charneca sem vida e o cômore fecundo;
A aranha que constroe e o tufão que desfaz:
Desse infinito — Deus, este finito — mundo,
Que tem corpo de Archanjo c alma de Satanaz.*

*E ao rei da Creação, para o bem e o delicto,
A fumegar e a arder como Sebastopol,
A força, o gesto, a voz, a idéa, o aneio, o grito.*



*E o homem ficou perdido entre a noite e o arrebol,
Entre os vermes da terra e os astros do infinito,
— Em baixo, uivando o mar; em cima, ardendo o sol....*

S O L

*ROMPENDO a treva, impondo a luz, galgando os montes,
A's portas do Levante elle aparece e avulta.
A ave esperta a cantar; brilham os horisontes;
A agua estremece, o homem sorri, a terra exulta.*

*De outras vidas é a vida; e a fonte de outras fontes;
E' o perpetuo esplendor. . . . Nelle é que Deus se occulta
Para dar graça á flôr, fúria aos rhynocrontes,
Alfombras aos jardins, sarçaes á terra inculta. . .*

*Bemdito seja o sol que resplandece e que arde,
Que extingue a sombra, e enxuga o orvalho, e inflamma a areia,
— Garantidor da paz e semente da vida!*

*Bemdito o sol, que, após a agonia da tarde,
Deixa a noite a fulgir, cheia de estrellas, cheia
De pequeninos sóes na solidão da vida*

O S A P O

*PARDO, frio, disforme, asqueroso, impotente,
Por não maguar a flôr, o pantano solapo
E me escondo. Depois, para que a luz fulgente
Não se esperdice em mim, todas as fendas tapo.*

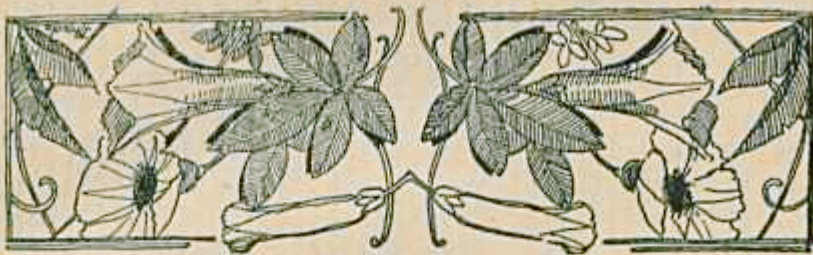
*Fico ali, quieto e só. Por demais repellente,
Da propria maldição dos vermes não escapo.
Macúlo o brejo, enojo a planta, enfado a gente,
Eu mudo, eu feio, eu bronco, eu sujo, cu vil, eu sapo!..-*

*Consolo-me aqui mesmo! Eu conheço no mundo
Um batraclio pior. No vão, brando ou lapideo,
Não faço bem, nem mal: sou apenas immundo.*

*O outro, bello e gentil, os vicios o consomem;
E odeia, e vinga, e burla... Ou canta como Ovídio,
E sóbe, e esplende, c é lama. . . . Esse batraclio é o Homem.*

Aristeo SEIXAS





LINGUA NACIONAL

ANTONIO SALLES

A LIGEIRA palestra por mim lida no salão do velho poeta popular cearense Juvenal Galeno e estampada depois nesta revista, teve as honras de uma vehemente contestação de Claudio de Sousa, que, de lança em riste, me appareceu no ultimo numero da *Revista da Lingua Portuguesa em defeza da classicomania reinante nestes vastos e quentes Brasis*.

O Dr. Claudio'de Sousa é um de nossos medicos-escriptores. Digo — escriptores — intencionalmente, para os differencar de outros que escrevem por simples di'lettantismo (sem gripho, a despeito da recommendação do Sr. Candido Figueiredo), ou dos que das letras só cultivam o bastante para que não redijam em cassange os seus escriptos professionaes.

Claudio de Sousa, para despil-o do titulo, que nada tem que ver com a literatura, logo depois de formado em medicina no Rio, onde tive occasião de comhecel-o joven e elegante, foi iniciar sua carreira em S. Paulo, e ali continuou a mostrar pelas letras o amor que já havia revelado em sua vida de estudante. Sua vocação, neste dominio da intelligencia, propendeu, em boa hora, para o theatro, e tanto se evidenciou neste genero, que logo se affirmou como autor dramatico conspicio e festejado.

Das *Piores de sombra* teceu-lhe a critica uma grinalda de luz

com que seu nome se impõe ao applauso de todas as platéas brasileiras.

Não contente com as glórias da rampa, Cláudio de Sousa entrou a desbravar outros terrenos, e o temos visto apparecer com brilho na critica de arte e no estudo de temas sociaes, fazendo jús assim ao qualificativo um tanto impreciso de — publicista.

Flores de sombra é uma peça nacional pelos costumes que pinta, pelas scenas que traça e pela lingua em que é escripta. O publicista, porém, entendeu que, para ter pleno direito ao tituló de escriptor, precisava conhecer a literatura classica de Portugal, e de tal forma se afundou e aprofundou nessas leituras que apanhou, afinal, a affecção (quasi que eu dizia a affeetação) mental tão disseminada actualmente — a classicomania.

Nos velhos alfarrabios do tempo dos Affonsinhos ha um microbio tenaz, mais invisivel ainda que o ultra-microbio de Derenne (porque é de natureza mental), microbio sorrateiro e falaz, que entra pelos olhos, vai ao cerebro e a'li se aloja e prolifera, torna-se audaz e preipotente, a ponto de transformar o intellecto da victima em armazém de antiquario, donde o gosto moderno é repellido como um barbaro.

Cláudio de Sousa, homem de compleição energica, em plena maturidade ardente e fecunda, é um doente. Invertendo os papeis, sou eu quem lhe faz aqui o diagnostico. A nevrose classicista se apoderou d'elle como si uma traça quinhentista lhe houvesse instalado na medulla a toxina que vai fazendo tantas victimas entre os nossos homens de letras. Tão forte como a nevrose mystica, a affecção classicista torna o individuo fanatico, e, como tal, exclusivista e intolerante.

De todo o artigo de Cláudio de Sousa eu colhi a impressão que Said Ali fixou muito veridicamente neste conceito: "Nas lutas scientificas e literarias entra com mais frequencia a paixão de vencer que o desejo de acertar".

Dos argumentos que formulei, das autoridades que citei elle nada quiz saber, para manter integral o seu culto supersticioso aos velhos escriptores lusitanos que nos quer impingir como modelos eternos e perfeitos da lingua que nos foi imposta por uma frota portugueza aportada em nossas plagas por um capricho dos ventos que a deviam levar ás índias.

Entre a publicação da minha palestra e a resposta de Cláudio de Sousa occorreu um acontecimento importante: o apparecimento de um livro de João Ribeiro, intitulado — *A Lingua Nacional*.



Ora, diz Cláudio de Sousa, e essa é a afirmação culminante de seu artigo, que "não ha duas línguas portuguezas, ella é uma e única."

Ahi é que ipega o carro. Si assim fosse, João Ribeiro, mestre eximio, que conhece a lingua portugueza desde as flores ás mais profundas radículas, não daria a este seu volume, muito propositadamente, o titulo significativo de *Lingua Nacional*.

No prefacio desse livro, quando se refere ás receitas da culinaria lusitana para bem se prepararem os quitutes literários do Brasil, o mestre as menciona como "secções jornalísticas que nos instruem nas fantasias do bem falar ou do bem escrever, e nos dizem como se fala e escreve... em Coimbra ou Lisboa."

Ora, a nós o que nos interessa é o como se deve falar e se fala no Rio, em S. Paulo, em Porto Alegre ou Belem.

A lingua portugueza já não é só unia, corno o entende Cláudio de Sousa, nem o Brasil é a "outra banda de Portugal", corno o pretende o Sr. Alberto d'Qliveira.

A' lingua, que nos trouxe a frota de Cabral, nós ajuntámos milhares de palavras indígenas e africanas, modificámos-lhe a pronuncia, alterámos em muitos pontos a sua construcção, abandonámos muitos termos seus que não têm applicação aos nossos labores, aos nossos costumes, á nossa fauna, á nossa flora, e accrescentando, e excluindo, transformando e adaptando, fizemos uma lingua nova que já se vae fixando em monumentos literários cuja estructura é portugueza, mas cujas linhas e ornatos são suggeridos pela nossa natureza e esculpidos peilo gênio de nossa raça.

E' a esse instrumento de expressão do nosso pensamento que João Ribeiro chama, com absoluta propriedade — a lingua nacional.

Pretender que o Brasil continue eternamente a ser uma provincia literaria de Portugal é tarefa não somente de mãos patriotas, mas ainda de mãos psychologos que desconhecem as primeiras linhas da historia da evolução dos povos como productos do meio.

"A nossa grammatica não pode ser a mesma dos portuguezes, — diz João Ribeiro. — As differenciações regionalistas reclamam estylo e methodo diversos. A verdade é que, corrigindo-nos, estamos de facto a mutilar idéas e sentimentos que não são pessoas. Já não é a lingua que apuramos, é o nosso espirito que sujeitamos a um servilismo inexplicável."

"Parece incrível que a nossa Independencia ainda conserve essa algema nos pulsos, e que a personalidade dos americanos pague tributo á submissão das palavras."



Depois de apreciar certas peculiaridades do nosso falar, diferente do falar de Portugal, conclue o mestre:

"Estamos, assim, caminhando, como galés, por uma diagonal entre duas forças que nos solicitam para rumos diversos: o "americanismo" espontâneo, incoercível, natural, e o "portuguezismo" affectado e artificioso."

Toda vez que Claudio de Sousa se exalta a exaltar a excellencia e a legitimidade do estylo clássico, frisa, nem sempre com infinita delicadeza, que só os ignorantes se mostram infensos á adoração de seus idolos.

Mas depois de citar estas palavras de um dos nossos mais reputados philologos e que é ainda um scintillante e primoroso escriptor, eu arredo de mim a carapuça que Claudio de Sousa pretendeu talhar em minha intenção, e deixo que elle pretenda enfiar-a na cabeça de João Ribeiro. Mas eu acho- que a cabeça do meu mestre e amigo é grande de mais para a carapuça do Claudio. ...

Não é tarefa excessivamente difficil e accessivel somente ás mentalidades superiores a leitura e meditação dos clássicos. Penso até que uma intelligencia mediana pode com êxito metter hombros a essa empreza, e sair-se delia com muito lustre e proveito para a casta classicisante. O que é preciso, sim, é muita paciência e um estomago robusto, capaz de digerir todas essas velharias duras de roer e que já nenhum elemento nutritivo podem trazer ao pensamento moderno, ávido de idéas e disposto a só se interessar pelo que pode servir á formação social e intellectual de nossa nacionalidade.

A linguagem falada e a escripta não podem deixar de ter entre si uma estreita correlação psychologica. Falam os portuguezes como nós? Não. Como se quer exigir então que escrevamos como elles? E si os proprios escriptores portuguezes actuaes se libertam da superstição classica para poder exprimir seu pensamento de accordo com o sentir de nossa época e com o seu temperamento pessoal, nós outros americanos é que havemos de estar a contra-fazer-nos para arremedar o estylo portuguez de séculos atraz?

Nosso illustre Said Ali diz, com endereço ao Sr. Candido de Figueiredo, o *leader* do lusitanismo a todo transe: "De maneira que a syntaxe portugueza, diversamente da de outras linguas, convertida em esphinge do século XVI, immovel e hirta, nunca mais pode crear um único factio novo, não soffreu, de então para cá, nem a mais leve mudança de ura phenomeno, nem a perda mais insignificante?"

E diz ainda:

"Em questão de linguagem portugueza nota-se o veso de olhar



Ora, diz Cláudio de Sousa, e essa é a afirmação culminante de seu artigo, que "não ha duas línguas portuguezas, ella é uma e única."

Ahi é que ipega o carro. Si assim fosse, João Ribeiro, mestre exímio, que conhece a lingua portugueza desde as flores ás mais profundas radiarias, não daria a este seu volume, muito proposadamente, o titulo significativo de *Língua Nacional*.

No prefacio desse livro, quando se refere ás receitas da culinaria lusitana para bem se prepararem os quitutes literários do Brasil, o mestre as menciona como "secções jornalísticas que nos instruem nas fantasias do bem falar ou do bem escrever, e nos dizem como se fala e escreve... em Coimbra ou Lisboa."

Ora, a nós o que nos interessa é o como se deve falar e se fala no Rio, em S. Paulo, em Porto Alegre ou Belem.

A lingua portugueza já não é só uma, como o entende Cláudio de Sousa, nem o Brasil é a "outra banda de Portugal", como o pretende o Sr. Alberto d'Oliveira.

A' lingua, que nos trouxe a frota de Cabral, nós ajuntámos milhares de palavras indígenas e africanas, mod'ificámos-lhe a pronuncia, alterámos em muitos pontos a sua construcção, abandonámos muitos termos seus que não têm applicação aos nossos labores, aos nossos costumes, á nossa fauna, á nossa flora, e accrescentando, e excluindo, transformando e adaptando, fizemos uma lingua nova que já se vae fixando em monumentos literários cuja estructura é portugueza, mas cujas linhas e ornatos são suggeridos pela nossa natureza e esculpidos pejo gênio de nossa raça.

E' a esse instrumento de expressão do nosso pensamento que João Ribeiro chama, com absoluta propriedade — a lingua nacional.

Pretender que o Brasil continue eternamente a ser uma provincia literaria de Portugal é tarefa não somente de mãos patriotas, mas ainda de mãos psychologos que desconhecem as primeiras linhas da historia da evolução dos povos como productos do meio.

"A nossa grammatica não pode ser a mesma dos portuguezes, — diz João Ribeiro. — As differenciações regionalistas reclamam estylo e methodo diversos. A verdade é que, corrigindo-nos, estamos de facto a mutilar idéas e sentimentos que não são pessoais. Já não é a lingua que apuramos, é o nosso espirito que sujeitamos a um servilismo inexplicável."

"Parece incrível que a nossa Independencia ainda conserve essa algema nos pulsos, e que a personalidade dos americanos pague tributo á submissão das palavras."



Depois de apreciar certas peculiaridades do nosso falar, diferente do falar de Portugal, conclue o mestre:

"Estamos, assim, caminhando, como galés, por uma diagonal entre duas forças que nos solicitam para rumos diversos: o "americanismo" espontâneo, incoercível, natural, e o "portuguezismo" affectado e artificioso."

Toda vez que Claudio de Sousa se exalta a exaltar a excellencia e a legitimidade do estylo clássico, frisa, nem sempre com infinita delicadeza, que só os ignorantes se mostram infensos á adoração de seus idolos.

Mas depois de citar estas palavras de um dos nossos mais reputados iphilologos e que é ainda uni scintillante e primoroso escriptor, eu arredo de mim a carapuça que Claudio de Sousa pretendeu talhar em minha intenção, e deixo que elle pretenda enfiar-a na cabeça de João Ribeiro. Mas eu acho que a cabeça do meu mestre e amigo é grande de mais para a carapuça do Claudio...

Não é tarefa excessivamente difficil e accessivel sómente ás mentalidades superiores a leitura e meditação dos clássicos. Penso até que uma intelligencia mediana pode com êxito metter hombros a essa empreza, e sair-se delia com muito lustre e proveito para a casta classicisante. O que é preciso, sim, é muita paciência e um estomago robusto, capaz de digerir todas essas velharias duras de roer e que já nenhum elemento nutritivo podem trazer ao pensamento moderno, ávido de idéas e disposto a só se interessar pelo que pode servir á formação social e intellectual de nossa nacionalidade.

A linguagem falada e a escripta não podenl deixar de ter entre si uma estreita correlação psychologica. Fa'lam os portuguezes como nós? Não. Como se quer exigir então que escrevamos como elles? E si os proprios escriptores portuguezes actuaes se libertam da superstição classica para poder exprimir seu pensamento de accordo com o sentir de nossa época e com o seu temperamento pessoal, nós outros americanos é que bavemos de estar a contra-fazer-nos para arremedar o estylo portuguez de séculos atraz?

Nosso illustre Said Ali diz, com endereço ao Sr. Candido de Figueiredo, o *leader* do lusitanismo a todo transe: "De maneira que a syntaxe portugueza, diversamente da de outras linguas, convertida em esphinge do século XVI, immovel e hirta, nunca mais poude crear um único facto novo, não soffreu, de então para eá, nem a mais leve mudança de uni phenomeno, nem a perda mais insignificante?"

E diz ainda:

"Em questão de linguagem portugueza nota-se o veso de olhar



com saudade para um passado literário tristemente estéril, de onde, como oásis, emerge uma ou outra obra capaz de deleitar o leitor contemporâneo. Esse culto fanático e incondicional do passado é a negação do progresso; não admite o desenvolvimento, a transformação, fecha os olhos ao presente e ao futuro."

Aqui eu me agacho por trás do mestre, e deixo que Cláudio de Sousa ajuste contas com elle.

A esse não vejo como o autor de *Piores de sombra* possa acoi-mar de ignorante. Eu, sim, possuo uma vasta e feliz ignorancia dos clássicos, e não faço o menor esforço para diminuil-a. Gosto, porém, de lar as discussões dos grammaticos, e delias verifico que não ha solecismo, por mais avantajado, que não se justifique com sufficientes exemplos tirados dos mais reputados autores. Ruy Barbosa prova em sua *Replica* que as cacologias — vi elle — e — mandavam fazerem — são contradichas (só por falar em Ruy, eu já começo a usar termos amados dos classicómanos) em austerríssimos escriptores clássicos. E o Sr. Mello Carvalho, espiritualmente contemporâneo de Lucena e Amador Arraes, sustenta com exemplos abundantes que a expressão — que se o possa dizer — é um lusitanismo da mais pura agua.

Qual a autoridade, pois, desses bonzos da religião vernacula, capazes de perpetrar solecismos que importariam hoje na reprovação de um examinando de portuguez?

E qual a responsabilidade collectiva desses grammaticos que nunca se entendem, e vivem eternamente a contestar uns aos outros, cada um delles dispondo de um arsenal de citações tiradas dos clássicos e inteiramente oppostas? O que nos vale é que a classe é muito desunida e não pode, por isso, constituir uma força capaz de esmagar a nossa liberdade de expressão.

Porque é a faculdade de revelarmos nosso temperamento em nossas palavras que os classicómanos pretendem' destruir, reduzindo-nos todos a uma collecção de phonographos em cujos cylindros tenham sido gravados tão somente trechos de autores clássicos.

Vejamos o caso de Monteiro Lobato, que é um escriptor tipicamente brasileiro e personalíssimo em seu estylo.

O que faz todo o encanto de sua prosa é que ella fala de nossas cousas e da nossa gente numa linguagem viva, colorida, pittoresca, cheia de tics e peculiaridades, que nos fazem sentir ao mesmo tempo o meio e o escriptor que o pinta.

Adoptasse o autor dos *Urupês* o frio, secco e mechanic estylo dos nossos classicisantes e o brilhante e festejado escriptor pau-



lista não teria outros leitores sinão os pobres escolares a quem se inflige a tortura dos trechos diē selectas.

E Cláudio de Sousa pode vir depor contra elle proprio e contradizer a sua affirmativa de que a lingua portugueza é uma só. Si assim é por que motivo o meu contendor tem uma maneira de dizer em suas peças de theatro e outra em seus artigos?

E' que si os personagens de Cláudio de Sousa -falassem difficil como elle escreve em outros generos, o publico brasileiro de certo não os iria ouvir.

De tudo o que, um tanto descosidamente, venho dizendo nestas linhas, sem autoridade própria, mas apoiando minha fraqueza em duas formosas e robustas columnas da philologia nacional — João Ribeiro e Said Ali — quero extrahir e formular dois conceitos, que resumem minhas idéas sobre este assumpto:

1.º Devemos ter uma lingua nacional, um dialecto brasileiro, que, respeitando as normas fundamentaes da lingua portugueza, seja a expressão ethnologica do nosso meio, da nossa gente e do nosso tempo.

2.º Cumpre a cada escriptor revelar plenamente a sua personalidade no que produz, proporcionando ás modalidades do seu temperamento o meio de se affirmarem em todas as suas peculiaridades caracteristicas, que os distingam dos outros e imprimam á sua individualidade um cunho original e inconfundível.

Sem a abservancia desses dois preceitos, nunca teremos uma literatura verdadeiramente brasileira, e nunca passaremos de anachronicos e ridiculos admiradores de um passado que não é nosso, de pedantes arremedadores de uma linguagem que passou, que o nosso povo não usa por a não julgar apta a traduzir suas idéas e seus sentimentos, a exprimir suas necessidades mentaes de povo joven, que ainda não tem passado proprio e só vive da actividade do presente e da esperança do futuro.

E' na defeza das nossas prerogativas de povo livre e da nossa autonomia mental que me esforço para que nos tirem dos pulsos a algema do vernaculismo lusitano, para que nos tirem da bocca a rolha com que nos querem deturpar a voz para nos obrigarem a falar como falavam os marujos portuguezes trazidos por ventos contrários a descobrir a terra de Santa Cruz, hoje Brasil.

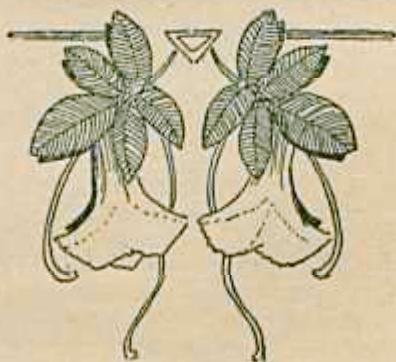
Nacionalista em linguagem, como outros o são em politica, faço questão de declarar, para concluir, que não sou um jacobino atacado de lusophobia, e que, ao contrario, respeito e admiro as tradições de Portugal, seu nobre povo, seus grandes escriptores e seus grandes artistas, não invejando, por desprezo á nossa, as

linguas de outras gentes da Europa, que, si são mais conhecidas, nem por isso possuem poetas maiores que Camões e Guerra Junqueiro, romancistas melhores que Camillo e Eça de Queiroz, mais bellos stylistas que Herculano e Ramalho Ortigão.

O que eu quero somente é que a nossa Independencia literaria não seja combatida pelos proprios brasileiros, quando estamos nas vespervas de festejar o centenário da nossa Independencia politica.

Estendamos a Portugal a nossa mão de amigo, mas que essa mão, para traduzir as necessidades do nosso pensamento, seja livre como o condor das nossas terras ornadas de outras arvores, banhadas de outro sol, povoadas de outros homens que não podem caminhar para diante com a face voltada para traz, para um passado que não é nosso e que não deve nem pode, por isso, influir na embryogenia das' nossas idéas nem nas creações de nossa palavra — flor do nosso pensamento, perfumada pelo nosso sentir e colorida pela nossa arte.

Ceará, Fevereiro de 1922.





O SUL DE MATTO GROSSO

ADRIANO METELLO

O momento nacional é caracterizado pelas atenções que Matto Grosso desperta em toda a parte, como o grande centro de uma economia nova para o país e para o mundo. Allí se constrói o futuro da nação. É a Chanaan, que promete — mais que os nossos fallaciosos "El-dorados" do ouro e da borracha — uma riqueza sólida, estabelecida em bases múltiplas e racionais.

Dá bem uma ideia do que é e do que será essa região, — que em breve as estradas de ferro de São Paulo cortarão em todos os sentidos — o artigo que aqui publicamos e para o qual pedimos a atenção do leitor.

O Sul de Matto-Grosso pelas suas condições de clima e solo é a parte do Brasil mais própria para o povoamento intensivo.

Pôde ser dividido em tres zonas distintas: o planalto de terra roxa, os terrenos de areia e arenito e os pantanões.

O planalto de terra roxa é uma vasta zona num só tracto ininterrupto, que partindo da povoação de Campo Grande estende-se pela região da Vaccaria, Brilhante e Dourados em rumo de Ponta Porã, na fronteira paraguaya.



Esta zona, a joia de Matto-Grosso e o futuro celleiro do Brasil, na sua parte mais alta (divisor das aguas Paraná-Paraguay) situada a uma altitude de 600 a 700 metros sobre o nivel do mar, abaixa-se em suave declive pelas planícies da Vaccaria, Brillhante e Dourados em demanda do Paraná.

.E' uma região de clima uniformemente temperado.

Suppõe-se (única hypothese que pôde explicar a amenidade do seu clima em todas as épocas do anno), que ventos frios dos Andes, vindos das neves eternas, após longa travessia a grande altitude venham cahir sobre esta região applicando os rigores do sol sob a forma de uma viração constante.

As cabeceiras do rio Brillhante, bella e indescrível região de campanhas sem par, gozam mais accentuadamente da acção deste phenomeno.

A constituição geologica desta zona é de terra roxa, da mesma terra roxa do Oeste de São Paulo, em camada de grande possança.

As aguas, de abundancia e qualidade insuperáveis, correm em leito de pura rocha basaltica.

O sub-solo, de rocha basaltica, nos seus affloramentos na aba da Serra (vertente Paraguay) apresenta escórias com aspecto de lava pontilhadas de granulações esverdinhas de silicato de ferro.

Esta zona, toda ella de campos nativos (capim sui-generis, de que ha quatro variedades principaes e algum jaraguá nativo nas fraldas da Serra na vertente Paraguay) desmente por completo os conhecidos axiomas de São Paulo: *terra bôa, agua ruim; a terra se conhece pela vestimenta.*

A terra roxa de Matto-Grosso tão bôa e tão productiva como a de São Paulo tem vestimenta tão diversa (capim) e aguas tão puras!

As mattas, (que se apresentam em pequenos capões nas cabeceiras dos corregos, abundam em madeiras de lei, havendo em grande quantidade a aroeira, madeira de du-



ração maior que o ferro e indestructível ao tempo.

Os curraes e os postes de cercas de arame são feitos desta madeira e a Estrada de Ferro Noroeste empregou-a em grande escala para dormentes.

Pena é que os roceiros, pela preguiça, e pelo estúpido e atavico costume de só plantar em mattas devastem esses capões, onde troncos seculares de aroeira estendidos ao sólo quaes gigantes vencidos, clamam contra tão barbara destruição.

TERRENOS DE AREIA E ARENITO

Estes terrenos, que formam duas terças partes da totalidade dos terrenos do Sul de Matto-Grosso acham-se entre Campo Grande e o rio Paraná a Léste de Campo Grande; entre Campo Grande e Coxim ao Norte, e de Campo Grande, com pequenas interrupções de terra roxa no divisor das aguas Paraná Paraguay desce a mesma formação indo pela parte baixa até Bella Vista (terrenos em baixo da Serra).

Portanto os terrenos de areia e arenito pódem estar tanto em baixo da Serra como em cima da Serra (usando a linguagem local).

São em geral cerrados, campos sujos (campos com arvores) e ligeiramente ondulados, nas eminencias dos quaes é mais densa a vegetação de fôrma a diffcultar e mesmo a impedir, que, na sua lida, os cavalleiros possam correr com desembaraço.

Nas margens dos pequenos corregos e aguadas, nos valles, em geral, formam-se clareiras de campo limpo, de boas pastagens.

Na região do planalto nada ha de especial quanto á composição destes terrenos, que variam da areia branca onde os carros de bois se atolam até os eixos, lembrando as areias de Copacabana, ao arenito, firme ao pisar e de côr quasi vermelha.

Como é natural, quanto mais terra vermelha (como lá



se chama a terra roxa) tem o terreno, mais fortes são as suas pastagens em poder nutritivo.

Na região de baixo da Serra são estes terrenos de vez em quando interrompidos (nos logares mais proeminentes) por formações de quartzo (pedregulho) ás vezes muito extensas.

Estes terrenos de pedregulho, apesar de pouco aproveitáveis para a agricultura, são comtudo de boas pastagens.

No planalto são extraordinariamente providos de correços, que correm em geral em leito de areia, dando-se o facto interessante de, correços nascidos apenas a chias léguas de distancia ou pouco mais, não darem váo mesmo nas estiagens.

Na parte baixa as aguas são também abundantes, mas não tanto, um pouco salobras por causa dos barreiros e carregadas de matéria organica.

PANTANAES

Os pantanaes, que são terrenos alagados periodicamente, podem ser pantanaes propriamente ditos — terrenos alagados pelo transbordamento dos grandes rios ou meio-pantanaes — terrenos alagados pelas chuvas.

Os meio-pantanaes acham-se na parte mais alta dos pantanaes, na encosta de alguma serra.

Os meio-pantanaes mantêm-se quasi constantemente húmidos, ao contrario dos pantanaes propriamente ditos, que passam da inundaçáo á aridez absoluta, ainda que as pastagens se mantenham sempre viçosas.

São os pantanaes vastas planícies de alluviáo á margem dos grandes rios; o seu solo riquíssimo em humus. é sede de um poderoso processo de renovamento vital da Natureza; a fauna ahí progride de maneira assombrosa; bandos de garças semelhando nuvens percebem-se ao longe no seu vôejar constante.

Aves de todos os tamanhos e das mais variegadas côres



vivem em alegre sociedade com os saurios; os altos tuyuyus, os cabeças-seccas, os roseos colhereiros alternam os seus grasnidos com o grito estridente do pequenino pavão selvagem á beira das lagoas; parece que a humidade, feroz inimiga da especie humana, estabeleceu ahi sagrado refugio para os seres inferiores.

Adubadas pelo humus das enchentes fermentado pelo calor do sol, desenvolvem-se ahi essas pastagens exuberantes, deervas tenras, tão propicias para o desenvolvimento e a rapida procreação do gado.

Os pantanaes, na ausência de correjos, têm lagoas e canaes chamados corixos e vasantes, que se mantêm mais ou menos providos de agua durante o anno, agua de má qualidade, com uma proporção elevadíssima de matéria orgânica desprendida dos camalotes ou aguapés (*Eichornia azurea*) que cobrem esses canaes e margeiam as lagoas e também dos animaços que ahi pullulam.

TERRENOS CALCAREOS

Ao terminar a descripção perfunetoria dos terrenos do Sul de Matto-Grosso cumpre-me falar sobre uma porção de terras que, comprehendida entre os pantanaes do Paraguay e o curso superior do rio Miranda, apresenta caracter tão especial que bem merece capitulo á parte.

E' a zona em questão constituída por um contraforte que partindo da Serra de Maracajá toma a direcção Oéste Noroéste, inclinando-se depois sensivelmente para Noroeste até morrer nos pantanaes sob a denominação de Serra da Bodoquena (serra que atóla, na linguagem guaycurú).

Na sua origem forma este contraforte um grande chapadão, não muito elevado em relação á serra de onde deriva, mas sufficientemente alto para nelle sentir-se um clima ameno lembrando o grande planalto.

Esplendidas campanhas nelle se estendem a perder de vista. E' este contraforte formado na sua quasi totalidade



de rocha calcarea, que emergindo de vez em quando da terra roxa, augmenta progressivamente em affloramentos á medida que elle avança pelos pantanaes, adquirindo por fim, na Bodoquena, o predomínio e formando ahi o sólo pela desagregação e decomposição da mesma rocha.

E' esta zona a única no Estado e talvez no Brasil própria para a cultura *sem adubos chimicos* do trigo, centeio, cevada, uvas e oliveiras, emfim de todos os vegetaes que requerem como condição imprescindível a existencia de phosphatos e do elemento calcareo no sólo.

Corregos subterrâneos emergindo aqui e ali como veias descobertas, outros que desaparecem ex-abrupto, grutas, cavernas, pontes de pedra naturaes emprestam a esta região o aspecto phantastico das formações calcareas.

As aguas, excessivamente calcareas, gozam da propriedade de fossilisar os corpos orgânicos.

PECUARIA, CONDIÇÕES ECONOMICAS

No planalto, na zona de terra roxa, de clima ameno, isenta de pragas e da peste de cadeiras, dividida em geral em pequenas fazendas, subdivisões de antigas grandes posses, existe grande creação de gado bovino e cavallar.

O gado, antigamente de grande porte, acha-se hoje um pouco degenerado devido ao zebú, introduzido pelos boia-deiros mineiros de Uberaba.

Como nesta região predominem as pequenas fazendas de quinhentas a oitocentas rezes, foi nella mais sensível a influencia do zebú.

O produto zebú com gado creoulo é grande e pezado; a degenerescencia se manifesta com o cruzamento entre mestiços zebú, de maneira fulminante.

São nesta zona, em geral, as fazendas fechadas por cercas de arame liso, de aço.

A camaradagem das fazendas nesta região consta de indios terenas, nascidos já nas próprias fazendas, mas usando entre si o seu idioma, e de paraguayos, que exis-



tindo em muitos milhares na fronteira, disseminam-se pelo interior, empregando-se de preferencia em empreitadas de roças e de cercas.

Os indios terenas são preferidos pela sua indole pacifica.

Na fronteira'o trabalho do gado é feito exclusivamente por paraguayos.

Sendo os campos limpos e fechados a camaradagem reduz-se ao minimo nesta zona; nas marcações e datas de sal, o que se faz poucas vezes 110 anno, os vizinhos mutuamente se auxiliam, de forma que assim poupam sua despezas.

Esta zona é a zona de maiores recursos do Sul do Estado, a mais povoada, a mais farta, onde se pratica em maior escala a agricultura; o dinheiro é nella mais abundante.

Na região debaixo da serra, porém, de terrenos altos (seccos, para não confundir com os pantanaes) a situação é quasi a mesma; a criação de cavallos reduz-se ao minimo devido á peste de cadeiras.

O gado é abundante e as fazendas mais extensas, menos subdivididas que no planalto; a camaradagem é também de indios terenas e de paraguayos.

Sendo estes campos de cerrados faz-se mister um pessoal mais numeroso.

Os pantanaes, que pela sua natureza só podem ser conservados no regimen de grande propriedade pela difficuldade de nelles se encontrarem pontos proprios para habitação, acham-se divididos em um pequeno numero de fazendas (existem fazendas de 50, 100 e maior numero de léguas de extensão) tendendo esse numero ainda a ser reduzido, devido ás grandes compras feitas por syndicatos estrangeiros, que adquirindo fazendas, unem-nas formando maiores latifúndios.

Estes campos apresentam como o aspecto typico as intermináveis planícies de carandazaes, extensões semeadas de palmeiras de folhas espinhosas e que existem em quantidade incalculável.

Estas palmeiras, cujo habitat principia na confluência



do rio Paraná com o Paraguay, estendem-se pelo Paraguay acima e seus afluentes até São Luiz de Cáceres em Matto-Grosso, no alto Paraguay.

Pela dureza do seu tronco principalmente na parte inferior, onde é massiço, é o carandá usado para todos os misteres como madeira; para postes de cercas, esteios, traves e também para telhas, rachando-se o tronco em dois.

Ha grande exportação destes troncos para a Republica Argentina, onde são usados como postes telegraphicos.

Povoações ha nas margens do rio Paraguay construídas exclusivamente de carandá, esteios, paredes e telhas (Bahia Negra, por exemplo).

Também digna de menção é a existencia nesta zona, do *quebracho*, madeira semelhante no aspecto á aroeira, muito dura, mas não tão resistente como esta á acção do tempo.

Em toda a margem do rio Paraguay, em todo o Chaco, desde a parte que defronta Corrientes na Argentina até junto a Porto Murtinho em Matto-Grosso, Chaco Paraguay e Chaco Argentino, numerosas e importantes uzinas existem para o preparo do *tanino*, que é exportado sob a forma de bolas pegajosas contidas em saccos.

O quebracho é a matéria prima desta industria. Faz-se grande commercio desta madeira em Matto-Grosso, nas fazendas da margem do rio Paraguay, madeira esta que mandada para o Uruguay e Republica Argentina é ahi vendida por pezo e empregada para postes de cercas, madeiramento de trapiches e caes acostaveis, nabos de postes telegraphicos e telephonicos.

Na margem do rio Paraguay, desde Porto Murtinho até Corumbá é muito descurada ou é mesmo completamente abandonada a agricultura; nota-se a ausência do plantio até de verduras para condimentação dos alimentos; os moradores ribeirinhos compram aos vapores que por ahi frequentemente transitam todos os artigos de alimentação.

Queixam-se os moradores da barranca de que o terreno, que é um barro pegajoso e calcareo nada produz; talvez tenham razão.



O quebracho é ahi padrão de terras imprestáveis para a agricultura.

A alimentação do pessoal trabalhador nesta zona reduz-se ao milho cosido com carne e com óssos, alimentação fôrte e substancial e de paladar agradável a que denominam "locro".

O milho é importado da Republica Argentina.

CONCLUSÃO

Em conclusão julgamos o seguinte:

- Do Estado de Matto Grosso* a região-de maior futuro e de um futuro que ninguém pôde calcular é o planalto de terra roxa, zona mais facilmente colonisavel pelo seu clima pelo seu sólo, pelas suas aguas.

Qualquer rincão ahi presta-se para nelle localisar-se uma habitação que domine esplendida paisagem.

Neila, qualquer população estrangeira ainda que das regiões frias da Europa achar-se-á bem e conservará as suas energias.

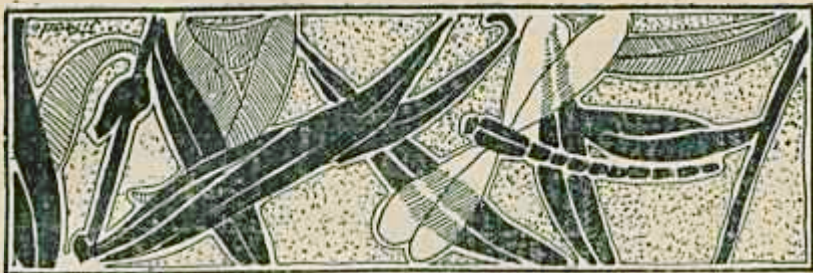
Os animaes de raça, tanto cavallares como lanígeros e bovinos sentir-se-ão á vontade num meio proprio para o desenvolvimento de suas qualidades.

Portanto, prevejo que esta zona seja para o futuro a zona agricola de maior desenvolvimento do Brasil, de maior valorisação do solo e de onde irradiar-se-á nova população brasileira, despida de litteratura improductiva, amiga do trabalho, crente do valor de seu paiz.

A zona de areia e arenito, zona medíocre com capital e maior trabalho também terá invejável desenvolvimento.

A zona dos pantanaes continuará a produzir o seu gado creoulo até que o desbravamento dos mattos e a cultivação do terreno vão de pouco a pouco amansando-a a ponto de permittir o sou povoamento, o trabalho moderno, o conforto no viver.





FAGUNDES VARELLA

AFFONSO DE FREITAS JUNIOR

JUIZ Nicolau Fagundes Varella, filho do Dr. Emiliano Fagundes Varella e de D. Emilia de Andrade, nascido a 17 de Agosto de 1841 em Rio Claro, na então província do Rio de Janeiro, veio para S. Paulo em 1860 aos 19 annos de idade, concluindo aqui o seu curso de humanidades e matriculando-se no primeiro anno da Academia de Direito em 1862 e não em 1865 como affirma Visconti.

Conta um dos taigraphos de Varella que o inspirado vate iniciara sua vida académica da maneira a mais brilhante : ao ser examinado em francez, ultimo exame a prestar para admissão ao curso superior, foi-lhe por sorte designado um trecho de poesia. Immediatamente verteu-o Varella em excellente vernáculo com applausos dos examinadores e circumstantes.

E assim foi, realmente. Mas, em Fagundes Varella, agitavam-se, perennemente, duas personalidades distinctas e antagonicas. A disciplina de francez revelou á Academia o génio de Varella; a de geometria denunciou o bohemio incorrigivel em sua selvatica e demolidora independencia.

Chamado á prova escripta no exame dessa matéria, emquanto seus condiscipulos traçavam laudas de cálculos, escrevia elle uma ode, á Euripedes, em latim e affirmava, em bom portuguez, a desnecessidade dos exames : Juvenal nunca os fez e foi um génio, disse elle encerrando a prova.

Bicho ainda, iniciou Luiz Nicolau sua vida literaria publicando na Revista da Associação Recreio Instructivo, a poesia "Vem!..."



onde a bohemia do estudante desregrado é suplantada pela ingenuidade da alma sonhadora do poeta.

"Vem!..." era dedicada á celebre mundana Ritinha Sorocabana e é toda um appello de redampção á formosa e fascinante rainha da Paulicéa brejeira de 1860-1870.

Porquê te afogas oh! irmã dos anjos
Nas ondas negras de um viver impuro
E as santas formas do cinzel de Deus
Manchas do vicio no recinto escuro?

Empirea flôr, ao perpassar dos ventos
Porque te banhas em paúes medonhos,
Quando existencias de teus lábios brotam,
Quando teus olhos realisam sonhos?

E' tempo ainda; nos salões da vida
Rasga essas sedas que predizem prantos,
E' a nova aurora que te aguarda, eleva
Como a florinha os divinaes encantos.

Esta poesia veio a lume em Julho de 1861 e apparece desdobrada em duas sdb os titulos "***" e "A uma mulher" nas "Obras completas".

Quem desdobrou, alterou, poliu a primitiva poesia? Por certo que Varalla. Mas nesse caso cae por terra a affirmativa de Manoel Antonio dos Reis e outros seus biographos de que Varella jamais corrigiu ou castigou suas producções.

"A uma mulher" abre com a seguinte estrophe que se não encontra em "***";

Não!... Não arredes da verdade os olhos
Ella foi sempre da belleza o thesouro:
Porque mentir? As illusões se acabam
E a vida passa como um leve sonho.

As quinta e sexta estrophes de "***":

Oh vem! minh'alma de teu riso escrava
Sobre o passado correrá um véu,
Então verás de teu viver mulher
As nuvens negras se afastar do céu.

Vem! que me importa o murmurar das turbas,
Dos homens todos o desdem profundo,
Quando no ermo a teus sorrisos, fada,
Verei de novo rebentar um mundo?

são as mesmas terceira e quarta de "A mulher" em mais brilhante lapidação:



*Sim!... vem, minh'alma de teu riso escrava
Sobre o passado correrá um véo,
E tu verás como a esperança volta
E a nuvem negra desassombra o céu.*

Vem! que me importa o murmurar *do vulgo*,
Dos homens todos o desdem profundo,
Quando no ermo o *teu olhar sublime*
Verei *das trevas rebentar um mundo?*

A' excepção das 1.ª, 2.ª, 4.ª, 7.ª e 16.ª estrophes de "****" que se não encontram em "A uma mulher", e da 13.ª que apparece em ambas, sem alteração as demais foram aproveitadas na segunda poesia depois de mais trabalhadas na forma e nas idéas.

Também "O Vagalume" publicado pela primeira vez no "Recreio Instructivo" n. 2, anno I, de Agosto de 1861 com as suas seis estrophes sómente, não é bem "O Vagalume" das "Obras Completas" em oito quadras.

A tribu das mariposas,
Das mariposas azues,
Segue teus gyros no espaço,
Astro de pallida luz.

Esta mimosa poesia, recitava Varella em suas serenatas pelas varzeas do Pary, em companhia do musicista Emilio do Lago, sonhador e poeta, de Henrique Levy, eximio clarinetista, de Luiz Gama, de Américo de Campos, Huascar de Vemgara, artista do lápis e de Ferreira de Menezes, o sublime folhetinista, mas, a posterior lapidação deu á suave quadrinha a bellissima forma definitiva

A tribu das mariposas,
Das mariposas azues;
Segue seus gyros no espaço,
Mimosa gotta de luz.

Escreveu depois "Bonaparte", que é a mesma poesia 'Napoleão' das "Obras Completas", "O Vagalume", "Inah", "Tristezas", "Esther", "Ruínas da Gloria", "Palavras de um louco", "Acusrnatas", etc., tudo em S. Paulo em 1861-1862.

"Acusrnatas", que se não deve confundir com o poema do mesmo titulo, e "Palavras de um louco" — foram as primeiras paginas de prosa publicadas por Varella, apparecendo ambas na Revista da Associação Recreio Instructivo, a segunda em Setembro de 1861 e a primeira em Julho do anno seguinte.

O que era Fagundes Varella prosador, avalia-se pelos periodos que transcrevemos:



ACUSMATA S

As estrellas desmaiavam no céu, e o manto transparente das brumas envolvia os cimeiros da serra; — o grillo solitário modulava a sua cantiga monotona entre as ervas do prado, e a cachoeira soluçava melancolicamente em seu leito de pedras.

Minh'alma estava triste, — triste como a solidão e a morte; — meus olhos procuravam debalde lavar a t'ela do passado com torrentes de lagrimas.

Entre círculos brilhantes surgiam vertiginosamente os espectros de minhas mais doces illusões, — as esperanças solevantavam-se febrêntas e vivas como os espíritos do sarcasmo para zombarem de minha dôr.

Deixei-me cahir soluçando sobre a relva. Um profundo torpôr apoderou-se de meu corpo, sem contudo paralisar minhas faculdades intellectuaes, que pelo contrario se desenvolveram com espantosa intensidade.

A natureza parecia então levantar-se luminosa e phantastica como um sonho da febre, — as harmonias cruzavam-se em harmonias, e cada reino se accordava para depôr um poema nas azas da viração.

A' medida porém que este universo de maravilhas me fascinava os sentidos, uma dôr insensata rebentava em meu coração, e parecia requeimar-lhe as fibras com suas linguas de fogo.

E o pranto não cessava de correr-me dos olhos, e as lamentações de meu peito pejavam os écos da soledade.

De repente ouvi um estampido surdo e medonho como o annuncio das tempestades; — os cedros seculares da floresta balancearam mysteriosamente suas ramagens sombrias, e estas palavras soaram-me no intimo d'alma: — Porque nos abandonastes, poeta? — Porque deixastes a suave frescura de nossas sombras, e o harmonioso rumor de nossas folhagens? — Aqui tua mocidade teria passado limpida e tranquilla como os arriolos desconhecidos de nossos desertos, onde as flores se debruçam e as rolinhas se banham nos ardores da sêsta. As amarguras fugiriam de ti, e após longos annos de vida irias dormir socego no seio infinito de Deus! — Porque nos abandonastes, poeta, a nós que te queríamos tanto!...

Então eu julgava descobrir nessas velhas arvores os traços esmorecidos de amigos que não via ha muito tempo, e as scenas de minha infancia passavam deante de mim como um bando de aves de arribação, e eu queria narcotisar todos os meus sentimentos, — apagar do livro da vida as sombrias lendas de minha peregrinação, e como a phenix reviver de novo a esse tempo de crenças, — entretanto era tarde!

A floresta calava suas vozes exhalando um murmurio secco e rouquenho, e as flores que dormiam á beira d'agua levantavam suas cabecinhas perfumadas sobre as hasteas humedecidas, e me diziam baixinho: — Porque nos deixastes, poeta? — Porque desprezastes nossa belleza casta e silenciosa para decantar essas formosuras mundanas que descoram na vertigem dos bailes, e mergulham-se no pó sem ter bebido as pérolas do orvalho? — Nós te daríamos a felicidade, porque nós somos as flores, — as estrellas da terra, — a crystallização das lagrimas ethereas; — nós te contaríamos legendas de amor e inundariamos de perfume tuas noites solitarias. Cada dia uma de nós se ergueria como a odalisca formosa para te narrar a historia de nosso paiz, para abrir nosso seio orvalhado e revelar-te mysterios sublimes! — Tu não o quizestes! — Debalde sacudíamos nossas fronte melancolicas, — debalde enviávamos nossos effluvios como appellos de amôr! Agora o mundo queimou-te as azas e não poderás mais voar, ó aguia desditosa!

Depois as flores occultavam-se na verdura, deixando na atmosphaera uma onda de perfumes, e a lagoa que resomnava entre as palmeiras como a princeza asiatica no meio de seus eunuchos, estremeceu em seus flancos e mur-

murou pela vóz de suas aguas: — Porque fugistes de mim, estouvada creança? — Porque abandonastes minha superficie placida e serena para te arrojares ao oceano do mundo, onde debatem-se as tempestades, onde tremula o pavilhão da morte? — Eu seria a imagem da tu'alma, — o espelho de teus bellos dias. — Eu te acalentaria em meu collo como a ama á creancinha, — eu te beijaria ao pés como um cão amoroso beija os pés de seu dDno! Quando a idade do amor tivesse chegado, tu erguerias em minha margem uma casinha risonha entre phalanges de palmeiras, — levarias para ahí a tua noiva, e eu seria feliz de vos contemplar de meu leito de areias errarem de manhan pelas campinas húmidas de orvalho, — cantarem á noite ao som da viola á porta da cabana! — Achastes que era pouco esta santa felicidade, o falso brilhantismo do mundo cegou-te para melhor te conduzir ao abysmo! — Agora é tarde! —

A lagoa calou-se exhalando um triste soluço, e as montanhas que levantavam-se ao longe com seus turbantes de névoas como os musulmanos acorçados á porta da mesquita, sacudiram sds dorsos, e rumorejaram com profunda tristeza: — Nossas cumieiras estão matizadas de flores, — em nossos visos correm suavíssimos regatos, — as brisas cochicham em nossos arbustos e os passarinhos pejam o ar de melodiosas cantigas, entretanto tu nos abandonastes pelas grimpas vulcanicas da gloria! — Ah! Porque o fizestes poeta?! — Nós te vimos creança procurar a mais densa paragem da selva, embebido pelo canto das aves, — adormecer no mais elevado pincaro da rocha contemplando a planície, e a faixa azulada dos mares, e as velas que se perdiam entre o céu e a terra! — Nós te teriamos dado a felicidade! — A agua de nossas torrentes, as amoras de nossas florestas, os cantos de nossos desertos despertam venturas que o mundo não comprehende. — Tu nos abandonastes, ingrato, — agora tudo findou-se! — E as montanhas embuçaram-se no manto das nuvens, e calaram suas queixas melancholicas.

Depois das tendas dos forasteiros, — alvas como as garças do ermo, — dos saveiros que rolavam á mercê da correnteza, — das choupanas que repousavam entre os florecidos cannaviaes, levantavam-se dolorosas lamentações e, em cada lamentação vinha uma lembrança do passado e o solitário perfume de uma morta illusão!...

Minh'alma adormeceu em meu seio, e meu sangue enregelou-se aos bafos dos pesadelos, — dormiu em corpo e em espirito.

O barulho dos carros e o ruido dos sinos me despertaram, — julguei ter dormido como Epimenedes: — levantei-me e caminhei para a cidade, como o indio para diante das rodas do carro de Ingernaut...

A' proporção que a alma do vate se abria e se dilatava nos mais alcandorados estros do gênio, o comburente cerébro do desorientado bohemio levava-o a afogar-se em epicureas saturnaes que em phantasticas e labregas extravagancias se nivelaram ás orgias da "Ghacara dos Ingлезes" presididas pelo genial sonhador das "Noites na Taberna".

Ainda preparatorioiano mudara-se Varella para o bairro do Cambuey onde erigiu um templo a Baccho e a Vénus e meditou sobre as "Ruinas da Gloria", phantasia em prosa que appareceu pela primeira vez no "Correio Paulistano".

Suas producções literarias crearam-lhe amigos e admiradores: suas extravagancias produziram alguns imitadores e innumeradas desafeições.

Em certa occasião, consta-lhe que respeitável personalidade do



clero paulopolitano verhefando-lhe os desregramentos chamara-o doído.

Varella toma da penna e traça a sua primeira pagina de prosa destinada á publicidade, encetando uma polemica cujo desfecho inesperado foi de algum modo salutar ao desvairado poeta, e escreve então as

PALAVRAS DE UM LOUCO

Caminhar!... Caminhar!... Quando chegarei ao lugar do repouso? Quando poderei descançar minha cabeça escandecida pela febre? Quando dormirei eu? Na immensidão dos desertos a columna de fogo guiava os israelitas, — a estrella polar conduz o nauta na solidão dos mares, — ao clarão azul-pallido da luciola o viajor indiano caminha pelos ermos, — porém nas trevas de minha noite não ha estrella polar nem columna de fogo, os meteoros esvaccem-se na minha estrada, os vagalumes se afugentam ao som de minhas passadas.

Vaguei desde as margens risonhas do Senna e do Tibre até ás pestillentas bordas do Indu e do Ganges:

Desde o salão onde fulgem as luzes de cem cyrios até o tugurio onde ferve a marmita ao fogão hei rastejado a fimbria de meu manto.

Como o — Ahsverus da legenda — empoei os meus cabellos nas cinzas dos impérios e reclinei-me nas sepulturas dos reis.

Bebí a sciencia de uma geração inteira, derramei ondas d'inspiração ás turbas que me cercavam ávidas, e na pyra das artes fiz a hecatombe de todas as minhas illusões. E no entanto eis-me como Fausto morto e gelado! O que ganhei de tudo isto? Das precarias alturas de sua vaidosa grandeza — a raça crapulosa me cobre de sarcasmos e desprezos, — os sábios improvisados riem-se de mim, e a turba que me vê passar murmura escarnecendo — é um doído!

Doido, — porque em vez de rastejar-me servil e submisso sobre os régios tapetes, proclamei a liberdade e igualdade, — porque em vez de curvar a cabeça ao miserável egoismo do século, sopeei altivo os preconceitos sociaes, — porque em vez de um punhal, — uma penna mercantil ou uma gazua, — tomei uma lyra e desferi doces melodias!

Doido!... serei um doído, porque o labéu da maldição negreja a fronte dos livres, — porque a poesia, essa linguagem dos anjos é manchada de despresos, — porque o amor, — a crença, — a virtude, são estúpidas chimeras, — porque o interesse é a lei, — o ouro a divindade, — o egoismo a virtude!...

Oh!... é verdade, eu sou um doído!

* * *

Minh'alma está morta no meu seio como o embrião da larva na crysalida resequida, — meu coração é a lagoa estagnada cheia de lodo e parasitas aquaticas.

Como essas caveiras que ao sereno da noite alvejam no cemiterio, — minha cabeça está vasia e despida.

Mais desgraçado que René, — mais incurável que Harold o peregrino, — mais enfatiado do que Fausto, nas sombrias nuvens que me toldam a fronte no meu gélido scismar, nem sequer brota o desejo, a esperança de poder deslembra-me tudo quanto hei soffrido.

Serão infructiferas para mim as orgias de Werner e Marlowe, — nem os festins illuminados dos Borgias, — nem os milhões de Rothschild poderiam adormentar o cancro que me rôe aqui dentro!



. * *

Como esses antigos philosophos pithagoricos, tenho entretanto na mente a vaga recordação de uma era feliz vivida em um mundo de maravilhas e encantos.

Como essas lembranças adormidas que se nos despertam no cerebro, quando aos tédidos raios da lua — as flores da amendoeira e da madresilva enviam aos sentidos seus húmidos perfumes, — assim eu sinto ás vezes passar-me pela cabeça— todo um cortejo de vividas illusões e perfumados sonhos.

Oh! eu vejo a tela do passado erguer-se adeante de mim, eu vejo... — Sim, — era uma habitação pequena, — alva, — formosa, mysteriosamente occulta entre as folhagens das laranjeiras floridas: — atraz são os coqueiraes que balanceiam nas nuvens a coma verde-escura como os cocares de uma horda selvagem: — aos lados — o rosmaninho e o amarantho, — o jasmim e a rosa, — a magnólia pallida e as amaryllis borrifadas de oiro que riem-se á luz do sol e pejam a atmosphaera de suavísimos perfumes; — na frente a tribu errante das andorinhas rasteja a ponta das azas na placidez azulada de uma lagoa dormente; — ao longe alveja o campanario esguio da igrejinha d'aldea, e entre os festões de rosas brancas levantam-se as cruces do cemiterio. Oh! como tudo é bello!... como no véo das recordações, tudo se baptisa de um romantismo sagrado!...

Havia alli uma imagem de mulher bella dessa santidade das madonas, que de mãos postas contemplan o céu nos nichos de mármore das cathedraes italianas; — lembra-me que, reclinado em seu regaço, — ella passava suas mãos pallidas nas loiras ondas de meu annellado cabello, — embalava-me o somno em suavísimas cantigas, — e eu lhe repetia feliz: — minha mãe!...

Depois era uma figura de virgem, — branca. — loira como um sonho de Schiller, — tinha nos olhos a pureza melancholica do azulado do céu, — no rosto toda a belleza plastica das concepções de Canova.

Parecia ter sido formada para viver a um continuo luar, alimentar-se com os suavísimos effluvios das accacias e das magnólias, — e adormecer sobre coxins de neblina.

Uma noite, quando as estrellas tremiam — como um bando de abelhas de oiro pousadas no cerúleo manto, — quando as brisas choravam passando nas folhas lustrosas da madresilva, — quando nos ares soava a — acusmatha melodiosa das harpas ethereas, lembra-me ter cahido a seus pés e murmurado brandamente: — eu te amo!

Da vaga transparência desse poema passado, das brumas incertas que envolvem essa região de magias, parece-me ouvir ainda os languidos suspiros do seio d'ella, e a voz harmoniosa, — meiga como o hálito de um anjo, murmurar-me — toda uma epopéa de infindas promessas, — toda uma eternidade de venturãs!

Sim! Lembra-me tudo isto! Porém esse mundo desfez-se; — esse poema de felicidades esfolhou-se — no ranger de uma enchada, — e ao cântico dos coveiros!

— O epilogo está gravado na lousa dos tumulos! —

Não ha peor miséria do que uma lembrança feliz nos dias de amargura! — Bem dolorosas, mas no entanto bem verdadeiras são estas palavras, não é assim sombrio Alighieri?

Oh! Illusões!... Illusões!... A' vossa sombra adormeci como o viajante da Asia debaixo das upas venenosas, — absorvestes-me todas as crenças, — evivastes-me todas as esperanças!



* * *

Lívido Manfredo, sombrio filho da descrença! Porque entre as névoas da noite invocas os génios do topo das montanhas?

Dos abysmos dos Alpes — e das grimpas do Yung-Frau os phantasmas acudirão á tua vóz: — o espirito dos mares deixará o seu leito de pérolas para te ouvir — porém o esquecimento, — esse o terá na poeira das sepulturas!

Em vão te reclinás á sombra das florestas oh pallido René! A moléstia que te consome não te deixará jamais! Como os filhos de Goethe e de Marlowe é forçoso pagar o teu tributo ao génio das desventuras, — descrente filho do mais fervoroso dos crentes.

Felizes são os que dormem debaixo da abobada das húmidas necropoles; — pelo frio sudário do cadaver as amarguras não calam, e se a myrrha e a pancaia foram vedadas ao leito do morto, também o absyntho não lhe mancha os lábios.

Por alta noite o vento geme nas folhas do salgueiro, — a caligem desdobra-se no céu, e a phosphorecencia doudeja na face do cemiterio; porém os que ahí dormem não suspiram nem choram, — porque a verdadeira felicidade está na insensibilidade do cadaver e na friez do esquecimento!

§ § §

Poesia!... Poesia!... Sabeis o que é a poesia, inexperientes mancebos, — cabeças loucas de exaltamento, — almas baptisadas nas gottas cálidas do sonhar delirioso de Lautréaumont. Sabeis o resultado dessa vertigem que nos atordoá o espirito num momento, e imprime ao mundo e aos homens as fórmas e proporções as mais enganosas?

Sabeis o que é a poesia, desgraçados?

A poesia é — a cabeça ensanguentada de Chénier, rolando através do fumo da revolução pelas duras escadas do patíbulo.

E' Chatterton o moço, que mergulha nas tórvas ondas do suicidio a grinalda fanada de suas dezoito primaveras.

E' Gilbert que se estorce nas agonias da fome, entre as húmidas paredes de um escuro pardieiro.

E' Bocage o loiro Cysne da Lysia que, no continuo expandir de fervidas inspirações, enche a patria de harmonias, e — agora coberto de andrajos, — incendiado pela febre, — resomna suarento sobre os frios ladrilhos de um lupanar.

A poesia é Dovalle assassinado pela bala de um duellista; é Job Stern morto pelas decepções, é — Schelley atheo, — é Byron descrido, — é Nerval expirando na miséria!

Oh! A poesia é uma maldição!

Sentira-o nos sombrios cárceres Spielberg o resignado cantor de Francesca de Remini, — dissera o brilhante sonhador de Lallah-Rook, — Tasso na prisão, — Milton na obscuridade e Camões no hospital!

E' uma epidemia cruel que lavra desde Homero o mendigo, Ovidio o desterrado, até Lamartine errabundo e Victor Hugo expatriado!

Anathema sobre ti miserável ceifadora de tão esperançosas frentes!

Divindade infernal que tens por throno o martyrio, — por coroa a miséria e a sepultura por leito! Anathema!



* * *

Invejo a sorte do cedro que na encosta da serra — cresce, — cresce, até que por uma noite de tormenta lhe venha o raio dizer: — pára.

Invejo a sorte do rochedo que se eleva na solidão dos mares, e que as ondas banham de espumas; invejo a pedra que augmenta-se pela agglomeração das camadas, — a parietaria que cresce na humidade das ruínas, — porque ellas não sentem, nem têm um fardo de misérias a carregar sobre a terra!

Estatua fria e mutilada, denegrada pelas escâras do tempo, eis-me erguido á porta do Parthnon arruinado de minhas passadas crenças!... O deserto estende-se adeante de mim como um lençol mortuário, a ortiga e o cardo me cercam.

* * *

Mas onde estou eu? Que frio é este que me corre pelas veias? Que agitação é esta no meu seio? Ah! E' verdade, lembra-me agora, — eu sou um louco, o mundo o diz e eu o sinto!

Este frio que me gela, é o hálito da morte que chega!

Oh vem! Vem, virgem dos derradeiros momentos, vem, que estou cançado de esperar-te!

Preso em teus braços, — suffocado por tuas caricias, o pobre louco poderá voltar-se um momento para o mundo e dizer : — Maldição!

Depois o poeta investe desabridamente contra o clero lançando pathetica invocação:

"Extira-te macillento nessa cruz, oh! Christo! foi improficua a profunda revolução que dizem teres promovido. O mundo se arrefece na duvida, e o universo vacilla..."

A represalia não se fez esperar: de todos os lados choveram doestos e maldições sobre a loira cabeça do poeta tresloucado mas a todos replicava o vate em linguagem iniflarrtmada.

Um dos antagonistas fez distribuir, em dado momento, umas satyras rimadas sob o mesmo titulo do seu artigo-

PALAVRAS DE UM LOUCO

Meu Deus! quanto afflicção sinto nest'alma,
Que soffrer pezaroso e pungitivo,
Quebrei o meu relógio de parede
Na cara d'um christão, d'um vil captivo!

Sorrir-se do meu ar, chamar-me doido,
Querer que lh'emprestasse a camisola!
Mais alto que o pequeno Corcovado
Não tinha inspiração nem tinha bola.



O' minha carapuça de cortiça
Mais branca do que as barbas da Cutia,
Tu não és bacharel, não te enferruges,
Vae comer camarões com melancia.

Infeliz foi a idéa. Varelia abandona a prosa e replica ardorosamente, em rimas candentes como o ferro em brasa.

E' por essa occasião que escreve "A Terra da Promissão", poema em dois capítulos que não apparece na collectanea das suas produções, e onde o clero e as beatas, os vates e oradores da Paulicéa são igualmente maltratados:

Conheceis a cidade onde as beatas,
Em sombrias mantilhas envolvidas,
Nas ruas mal calçadas se abalroam
De rosário na mão? Onde as tabernas
Regorgitam de vates e oradores,
Que o direito da plebe preconisam
É defendem a murros? Onde a névoa
Em seus mantos esconde ás horas mortas
O turbilhão sem fim dos namorados?

e continua descrevendo, sempre em versos primorosos, uma scena de lupanar, orgia de messalina alquebrada de vicio e macillenta de vigílias, em alegria soturna rythmada pelo tinir das taças e pelo som das cantigas, numa atmospheria saturada dos vapores do vinho, adensada pelo fumo dos cachimbos até que, de repente — batem na porta:

Uma voz infantil, estremecida
Pelo frio da noite e pelo medo,
Faz-se ouvir supplicante: — "Por piedade!
Deixe-me entrar—murmura—; já não posso
Suster-me de canção!... Elles me alcançam!
Eil-os que vem! Oh! Minha mãe, soccorro!"
E uma formosa imagem de creança,
Loira, de quinze annos, semi-nua,
Atira-se chorando, no aposento,
E vae cahir aos pés da Messalina
Que a segura tremendo, e diz olhando
Ao derredor de si, medrosa, livida,
— "Maria, tu aqui! — Tu, minha filha!"

e "A Terra da Promissão" numa transição brusca de sentimento tão commum em Varella, termina com um ibrado da alma pura e sã do poeta, emergindo do lodaçal em que a nefasta influencia Byroniana arrojara a sua imaginação doentia, para perscrutar no intimo da transviada o sublime affecto maternal que nem mesmo o coração apodrecido de messalina consegue conspurcar.



O desfecho inesperado que teve a lucta contra os clericães foi digna do espirito bohemio de Varella.

Certa noite, diz um contemporâneo do poeta, frei Antonio de S. Gertrudes, prior do Carmo, recebia em sua cella um hospede que lhe pedia o levassem ao locutorio, ao côro, ao claustro, ao refeitório, aos jazigos, ao cárcere, á sala do provincial... ao convento inteiro, em summa. Por fim, o recém-chegado deu-se a conhecer, ou, melhor, foi denunciado peio seu rutilo espirito — era Fagundes Varella. Varella, o atheu. Varella, o dos epigrammas. Os da casa aturdiram-se ao receber a nova. Mas... afinal tudo acabou bem, a julgar pelos dias, noites e semanas que Varella permaneceu em companhia dos novos amigos, na melhor camaradagem, deliciando-os em longos serões com o brilho de sua conversação, com o trato distincto e cavalheiresco dos mementos calmos de sua vida, recitando versos em que esplendia a sua imaginação fertilissima e ás vezes... exagerada. Dahi por diante não mais escreveu contra o clero, evoluindo o seu espirito até á concepção do "Evangelho nas Selvas", a sublime evocação da belleza de nossas florestas opulentas, rumiorejantes, — opulenta como a intelligencia privilegiada do poeta, rumorejante como a existencia tumultuosa desse bardo que se chamou na vida e que é na posteridade — Luiz Nicolau Fagundes Varella.





Mario Pinto Serva — *A PRÓXIMA GUERRA* — Ed. "O livro" — São Paulo — 1922.

Depois do seu livro "A Alemanha saqueada", que teve o mais retumbante successo no paiz e fóra delle, Mario Pinto Serva acaba de nos dar "A próxima guerra", que é como o seguimento daquelle, destinado ao mesmo êxito.

O fogoso jornalista passa, assim, definitivamente, parece, da politica nacional para a politica universal. Tendo versado os problemas brasileiros na imprensa diaria, sem nunca os levar a livro, é em livro — dois já — que discute agora os problemas europeus. Não censuramos, nem lamentamos: observamos apenas. Não ha que censurar nem lamentar, pois, o illustre publicista nunca perde de olhos o meio em que vive e qui primeiro soffreu a sua critica impiedosa, constante, obstinada. E' mesmo em funeção do paiz que elle estuda os problemas estrangeiros. Atacando a França e defendendo a Alemanha, não tem em visia senão evangelisar os brasileiros. Seus artigos são como lições de cousas. São exemplos apontados.

Esse, o interesse que encontramos em "A próxima guerra" e que nos faz escrever delia e do seu autor.

Evangelisar é, na verdade, grande e bella coisa, a mais nobre que pode um escriptor realisar. Mas é obra de artista: evangelisação é obra de arte. Não vale por si só: vale principalmente pela "maneira", pela "forma", pela expressão artistica. Desde Christo ou antes delle, evangelho

é arte, como doutrina o é, como o é theoria. O evangelho christão ficou, graças á forma. As suas verdades não o seriam para a grande maioria dos homens, sem as formulas, quasi geometricas, simples e concisas, que as contêm. As philosophias, as theorias scientificas produziram resultados na razão directa da sua expressão, da sua arte, portanto. Uma pagina de Spencer é uma maravilha de estylo. Não o é menos uma de Comte, como uma de Descartes, de Fabre como de Le Bon, como de Ingenieros. As leis como os dogmas, os axiomas e postulados como os brocardos e provérbios, os theoremas como os dictos populares valem pela forma. Lei mal expressa é lei burlada. Postulado mal redigido é ponto de partida falso.

A primeira qualidade do evangelizador — doutrinador no caso — é b estylo. Estylo é pensamento expresso e desenvolvido com precisão de conjunto, de partes, de minúcia. E' ordem. E' concisão. E' critério utilitário applicado ás palavras e ás phrases. E' economia de de palavras, de espaço, de tempo, de escripta e de leitura, de atenção e de meditação. Estylo é pensamento integral, claro, simples, logico, insinuante, que se recebe não porque se quer, mas que impõe a sua razão por força e por astúcia.

Ora, o distincto publicista não só commette pavorosos descuidos de fôrma, como affecta o mais desprehendido desdem por cila. Confessa-o clara e positivamente. A sua ideia-mater é mesmo a de que a literatura nos faz, a nós, brasilei-

ros, o maior de todos os males. Dahi, concluir por achar-se no direito de escrever á forra de tudo quanto pareça estylo, arte, bom gosto.

Para bem da sua causa, negamos-lhe esse direito. Escriptor como tal — que tem prestado serviços e continuará a prestal-os muitos ao seu paiz — não pode dispersar energias, assim, numa prosa descosida, imprecisa, derramada, tão violenta ás vezes quanto frágil, tão vermelha quasi sempre quanto incolor, de facto. Serviço por serviço, também queremos prestar-lhe o nosso.

Nos seus dois livros não faltam exemplos que illustrem estas linhas. Em "A próxima guerra", primeira pagina de texto:

"O "patriotismo", contido dentro dos limites do bom senso e da humanidade, é um sentimento nobre e legitimo que leva aos actos mais altruisticos. Mas, sem esses contrapesos, o "patriotismo" degenera em um egoismo feroz e aggressivo e torna-se um sentimento perigosissimo... etc."

A' pagina 33 do mesmo livro, 2.º paragrapho:

"Essa copiosa e minuciosa "correspondência" diplomatica de Outubro de 1918 fixou as "bases" da paz que seria discutida em seus detalhes no Congresso a reunir-se posteriormente. Essas "bases" seriam os "14 princípios". De accordo com os "14 princípios" seria respeitada a soberania dos Impérios Centraes, assim como a integridade destes."

A' pagina 19, paragrapho 3.º:

O que tornou odiosa a Allemanha "...foi" a diplomacia desastrada de "Guilherme II."

"Toda a obra de Bismarck "foi" completamente destruída por "Guilherme II", o mais infeliz dos psychologos.

"Em todo o seu reinado, "Guilherme II" não fez senão commetter os mais graves erros... etc."

Nestes tres excerptos, tomados ao acaso, o mesmo grave defeito se

revela — desconnexão, segmentação de phrases. No primeiro exemplo, as duas phrases têm o mesmo sujeito — "patriotismo" — claro duas vezes. E' exactamente o agente da segmentação. Pois, no mesmo paragrapho, dois assertos que se completam como ideia, separam-se desde que a phrase não teve força bastante para subtender o sujeito. Sujeito repetido é ideia inconsistente, retalhada em pedacinhos.

No segundo exemplo, idêntico facto: — escriptura por agglutinação. A mesma ideia central se enuncia quatro vezes: "correspondência" que são "bases", "bases" que são "14 princípios". A segmentação está clara nas ligaduras falsas — os demonstrativos "essa" e "essas" — e na reprodução da condicional "seria", "seriam", "seria". O que se pensa exprime-se integralmente. Só o que mal se pensa se exprime assim, aos tropeções, pé adiante, pé atrás, com receio de que se perca o fio... Não havia necessidade de tanta cautella. A natureza da phrase e a simples forma verbal, no singular e no plural, indicariam o sujeito: — "Essa... correspondência... fixou as bases da paz... Seriam os 14 princípios. De accordo, respeitarse-ia... etc., etc." O verbo "seriam" tem por sujeito, insophismavelmente — "essas bases", embora occulto. Notemos que observamos repetições de ideias, não de palavras.

O terceiro excerpto citado é ainda mais alarman'e: — segmentação, desordem, ••i-jvr "o, anarchia. Tres vezes em tão ur o espaço, se repete inutilmente a ideia principal—"Guilherme II", agente destruidor—sem se tirar delia effeito de força ou de qualquer especie. Ao contrario, relaxa-se o conjuncto. Com tanta repetição, variam, porém, de sujeito as phrases, na desordem mais anarchica: — "a diplomacia desastrada de Guilherme II", "toda a obra de Bismarck" e "Guilherme II". O primeiro passa, na segunda, a ser agente e na terceira a sujeito, de novo,

sempre debaixo de transformações desordenadas. O conteúdo das tres orações, mal dispostas em outros tantos períodos, caberia num só paragrapho e mesmo numa só oração: — O que tornou odiosa a Allemanha "foi a diplomacia desastrada de Guilherme II", que, como o "mais infeliz dos psychologos", destruiu completamente toda a obra de Bismarck e em todo o seu reinado não fez senão commetter os mais graves erros..." Porque tres paragraphs, si a ideia é uma só?

Mas nem só estylo falta ao sr. Mario Pinto Serva. Carece também de profundeza, de analyse, de ideia. Seus themas não são meditados: desenvolvem-se por lugares communs, por pensamentos-chapas, por verdades-"clichês", isto é, dogmas que ninguém tem obrigação de acceitar só por amor da letra de forma. Superficialidade, ligeireza, preguiça mental é o que explica o facto: — o lugar commum é o pensamento encontrado feito e assim empregado, commodamente, sem reflexões, sem analyse, sem estudo. E' a chave miraculosa de todas as portas. Traz nos dentes todas as soluções...

Exemplo de lugar commum é a discriminação dos "factores que paralytam o progresso francez": falta de iniciativa, falta de energia, burocracia, falta de educação apropriada. Mas serão mesmo "factores" da paralyzação do progresso francez? Porque são factores e não são, ao contrario, productos, consequências, effeitos? O caso não é tão simples, nem nunca foi resolvido, assim de golpe. Já teve a França a sua época da grandeza, com a plenitude de todas as qualidades que hoje se lhe negam. Já a Allemanha passou por phases de atonia, com o predomínio de todos os defeitos oppositos ás virtudes, que se lhe gabam hoje. O mesmo occorreu com a Inglaterra, outrora corroida por todas as mazellas sociaes. A Hespanha se viu theatro da mais extraordinaria operosidade, com o cortejo de todos os grandes attributos

de um povo e foram exactamente os seus imperadores allemães que a prostraram. Teria faltado iniciativa, energia, educação aos italianos do Renascimento, quando as suas cidades dominavam o mundo? Pode-se, pois, admittir exactamente o contrario do que affirma o sr. Mario Pinto Serva e dizer com segurança: — "O factor da falta de iniciativa, de energia, de educação apropriada e do vicio da burociacia, na França, é a paralyzação do progresso francez." Não fazemos paradoxo. O progresso não é a simples funeção dos homens e dos povos e, menos, funeção exclusiva delles. E', antes, produeto de causas geraes, de natureza universal e de causas históricas, dependentes do rythmo evolucionai da civilisação, considerado o universo como um só todo, sujeito ás mesmas leis. Aceitemos, embora, a existencia de raças eleitas, privilegiadas, donas de todas as virtudes masculas: nem assim, só com isso, terão rcalizado o predomínio sobre as outras raças, como a Allemanha de hoje e a Inglaterra de hontem, como a França da Revolução, a Hespanha dos descobrimentos e a Italia da Renascença.

O caso França-Allemanha não é, nem jamais foi, caso que se resolveva a poder de qualidades individuaes, as mais poderosas que sejam, nem á força de virtudesinhas sociaes como essas que o nosso escriptor preconisaria: — um augmento de natalidade que a simples vontade humana produzisse; um abandono da burocracia, que os proprios homens procurassem; uma educação apropriada que os proprios individuos buscassem, luetando embora contra todas as causas sociaes e universaes, que tolhessem o exercicio dessa mesma educação adquirida... Essas são causas secundarias, effeitos de outras causas, inelutáveis, decerto.

Só o prestigio do lugar commum, que é grande perante o sr. Mario Pinto Serva, poderia tel-o levado a resolver com duas pennadas o caso franco-allemão, caso universal com

que se relaciona o mundo inteiro e caso historico, que decorre da evolução dos séculos. Pensasse um pouco e teria desmontado a profunda vulgaridade a que se acostou desde logo.

B. F.

Horacio Quiroga — ANACONDA — Buenos Aires — 1921.

Este livro de contos pertence á familia da literatura ao ar livre, de que é Rudyard Kipling o representante mais graduado. Só a fazem os homens que "viveram a vida", porque os ha que a sonham ou só conhecem delia os trechos confinados, perceptíveis das jancilas de um gabinete. Sente-se a diferença nas menores coisas. Uma tem o encanto das paisagens amplas, cheias de sol, batidas de vento, onde o homem faz parte do ambiente, numa integração perfeita; a outra só lembra interiores mergulhados em eterna penumbra, habitados por creaturas pallidas, mofadas.

Mas pouco importaria o genero se a realisação não fosse magnifica. Aqui só valem as qualidades especialissimas do auctor, das mais eminentes em Horácio Quiroga. Possui a primacial, qual seja a de conduzir a narrativa de modo a interessar o leitor já de inicio, e nem por um instante afrouxar esse interesse, accentuando-o, antes, cada vez mais, até ao imprevisto do desfecho.

E' tão penoso ler-se um livro mador que era o caso da lei punir com a forca a todos os escriptores que teimam em escrever, sem possuir esta qualidade primordial, tão accentuada em Quiroga.

"Anaconda" encerra 19 contos, que o são de facto. E' muito commum confundir-se o conto com a chronica, genero dos mais abundantes e no qual os escriptores sem talento se sentem perfeitamente á vontade. Os de Quiroga são realmente contos, in-

tenso, vivos, bem marcados, com começo, meio e fim, alem da dose de dramaticidade, de comico e de psychologia necessaria á perfeita caracterisação do genero. Em "Anaconda", novella inicial que dá nome ao volume, assistimos a um originalissimo drama viperino, em que são personagens a caninana, a jara-raca, o urutú, a hamadrias e toda uma collecção de serpentes perturbadas na sua vida e nas suas ideias pela presença na região de animaes immunizados pelo sôro anti-ophidico. Como no *The Jungle Book*, a excellencia da novella reside em agirem as cobras, numa dada situação, de uma maneira extremamente lógica — ou, antes, de agirem como nós, se, com as nossas idéas e sentimentos, nascêramos cobras. Demonstra da ahi, como em livros anteriores, a sua forte capacidade de "psychologisar" a vida dos animaes, passa Quiroga nos demais contos a jogar com creaturas humanas — e revela-se um *conteur* completo. Nenhum elemento falta ás suas composições; o equilibrio é perfeito, a observação exacta, a escolha de elementos sempre justa, o thema sempre original. Tome por pretexto o funcionario publico que vae inspecionar uma longínqua estação meteorologica perdida ás margens do Iguassu para descrever as sensações dum soldado francez no deserto africano, como no conto "O Simum"; ou se aproveite do subterfugio do sonho para compor "Miss Dorothy Phillips, minha esposa", espirituosíssima composição, cheia de novidade, pois entra em scena a mentalidade nova que o cinematographo está creando, Horácio Quiroga é sempre o mesmo dono duma arte segura, viva, justa e fina. Sabe localizar, graduar, escolher e movimentar. E, qualidade suprema — não maça, não caceteia nunca. Recommendamol-o, pois, vivamente, a todos que desejam conhecer da moderna literatura argentina, como, dos contistas actuaes, o *primus inter pares*.

M. L.

Flexa Ribeiro — NARCISO —
Ed. Braz Lauria — Rio — 1922.

"Paira desde a rude infancia, sobre a humanidade, como luz intangível e eterna, a imagem augusta da Belleza. Sem ella, o homem habitaria ainda a caverna solitaria, fechado á ronda dos instinctos, no seio hostile da Natureza." E' o preambulo da "Esthetica de Narciso", "variações sobre a belleza, a graça e a elegancia", com que se abre este volume.

"Se o mundo foi creado para a Belleza, a mulher regula o rythmo de sua evolução" — continua Narciso. "A mulher bella precisa da Graça, como o oceano dos ventos. Toda a attitude seria esteril, u'na no espaço, se ella não creasse no Tempo a ininterrupta mobilidade das cadencias".

"O gesto é a cadencia da Graça..."

"A elegancia é a Graça applicada..."

Ahi está em resumo, apanhada nos seus pontos capitaes, a theoria de Narciso. Depois da doutrina, a pratica. E lemos "A Techriica de Narciso": "Da moda".

"Não ha modas nem elegancias: só encontramos elegantes, já não digo o "dandy", o dictador, porque esse só existe nas altas civilizações."

Assim prosegue o borboletear do poeta sobre as subtilezas da vida e das coisas. "Na solidão da Esperança", um dos capitulos mais interessantes, occupa-se da mulher e do amor:

"As dansas, e especialmente as modernas, são bem a expressão social e publica do instincto vital: nellas as mulheres desnudam as attitudes e os seus mais secretos pudores."

Flexa Ribeiro é neste livrinho alguma coisa como um alchimista mental: a chimica das ideias, do

pensamento delicado e agudo ao paradoxo brilhante, com passagem pelo "humour", pratica-a elle, com sobriedade, fugindo ao preciosismo, que, aliás, já não seria a deliciosa alchimia, degenerada então em mera physica...

Rodriço Octávio Filho — ALA-
MEDA NOCTURNA — Ed.
Anuario do Brasil — Rio —
1922.

Quem, poeta, ha alguns annos, escrevesse, ao iniciar um poema: — "Meia noite bateu, sinistramente..." arriscar-se-ia a um soffrivel muchôcho da leitora. Seria retroceder ao "sinistro" Soares de Passos do "Noivado do Sepulcro": "Vae alta a lua. Na mansão da morte, já meia noite com vagar soou." Não menos, arriscar-se-ia a uma parodia não pouco irreverente. Hoje, não. A musa impassivel, dos grandes mármores erectos e das pequenas lentejoulas faiscantes, cedeu lugar á musa ultra-sensivel dos instinctos e do subconsciente, musa do indizível e do imponderável. O poeta já pode sentir impunemente os arripios da meia noite tragica...

E' assim que Rodrigo Octávio Filho, no seu bello livro de estréa, nos dá como uma das mais lindas e caracteristicas das suas paginas a "Canção da meia noite":

Meia noite bateu, sinistramente...

Doze pancadas tristes e sonoras,
Estão echoando, dolorosamente,
Na fúnebre canção das doze horas...
No deserto abandono desta rua,
Vou, pensativo e calmo, caminhando...
E lá do alto, a minha amiga — a Lua,
Baixa os seus olhos, para os meus,
olhando...

Meia noite...
Minh'alma emocionada
Vive no ambiente monacal da Lua...
Uma arvore tristonha e desfolhada,
Derrama a sombra tragica na rua...
Meia noite...



Doze pancadas friites e sonoras
Estão echoando, dolorosamente,
Na fúnebre canção das doze horas...

Meia noite bateu, sinistramente...

Com todas as reticencias, com os seus vocábulos esguios, longas varas de chorão ou raios de luar, com toda essa indefinível tragedia — não se pode negar que são bonitos esses versos. Podem ser detestáveis para organizações menos femininas mas têm o tom das coisas sentidas.

Como quer que seja, "Alameda Nocturna" revela um poeta de quem muito ha que esperar. Veja-se, em estylo differente dos que acima re-produzimos, estes versos cheios de symetria, nitidez e simplicidade:

Nem todo sonho neste mundo é vão...

Tu verás, minha amiga silenciosa,
Nos longos passos que nós vamos dar,
Que, se ás vezes a estrada é dolorosa,
Outras vezes iremos a cantar...
Um dia, emfim, quando chegar o Outomno
E nossa vida mergulhar na bruma,
Não teremos a dôr de um abandono,
Nem illusões perdidas, uma a uma...
E eu, bem veíhinho poderei, então,
Sentindo teu olhar dentro do meu,
E tua mão sentindo em minha mão,
Pensar, para mim mesmo, olhando o céu:

— Nem todo sonho neste mundo é vão...

Almachio Diniz — PERPETUA
TUA METROPOLE — Ed.
Portugal-Brasil Ltda. — Por-
to — 1922.

A "Perpetua metropole", por me-nos que o pareça, para o dr. Alma-chia Diniz é Portugal. Não apprehendemos bem todo o alcance emprestado a essa expressão de effeito. Cremol-a antes carinhosa manifestação de affecto que verdadeira verificação de um factio. Porque "Perpetua metropole"? Vivendo no sul do paiz, cá do sul encaramos o caso, sob o único ponto de vista que nos é facultado. Assim, nada vemos que justifique, sinão cordial sympathia, a insinuação do escriptor bahiano.

Não recebemos siquer immigração portugueza. Não mantemos nenhum commercio com o antigo reino. Reduzida influencia literaria aqui percebemos, que acaso venha da velha metropole...

Não será assim, talvez, do Rio para o Norte. Anda accessa na capital do paiz a campanha jacobina, que em São Paulo só encontra protestos. Pará, Amazonas, Maranhão, Ceará e talvez Pernambuco e Bahia, mantêm nutrido intercambio com os portos lusos. Dir-se-á mesmo — pelo pouco que conseguimos saber da vida do Norte — que certos Estados nossos, os mais septentrionaes, vivem vida commum quiçá mais estreita com Lisboa que com o Rio. Coimbra continúa a ser, ao que nos parece, a tradicional Coimbra da Universidade, que, para nós, como que deixou de existir... Cargueiros portuguezes regularmente frequentam os portos do extremo norte. A sociedade rica vae mais facilmente ao Porto que ao Rio. Tudo isso, questão geographica de menor distancia.

Ora, cremos que assim se explica o conceito de "Perpetua metropole" applicado a Portugal por um bahiano. Aliás, ahi ficam essas palavras como simples suggestão ao estudo dos que, conhecendo o caso de perto, podem falar com segurança. Esse seria um lindo e luminoso trabalho: — o que esclarecesse a vida de relação do Norte do Brasil.

"Perpetua metropole" é um livro de critica. Estuda os principaes escriptores e poetas de Portugal: — Theophilo Braga, Candido de Figueiredo, Malheiro Dias, Julio Dantas, Guerra Junqueiro, Eugênio de Castro, João de Barros, Abel Botelho, Silva Gayo, J. Cortezão e outros. Espirito illustrado, o auctor os estuda com grandes gastos de erudição.

Um dos capítulos, consagrado aos poetas modernos, salienta como fundamento da esthetica que succedeu ao Parnaso, o psittacismo funcio-

nal de alguns dos seus corypheus. O palavriado exuberante de certas modalidades da escola explica-se physiologicamente. Poeta que entre poucos formou ao lado de Cruz e Souza, o auctor pode falar de cadeira. Não ha, pois, senão aceitar-lhe a these.

Aliás, o psittacismo do dr. Almachio Diniz não remanesce ainda na abundancia de citações com que pontilha o seu interessante volume, fornecendo ao leitor ignaro um verdadeiro catalogo de nomes, alguns delles perfeitamente exóticos?

José Rizzo — ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUEZA — Ed. C. Teixeira & Cia. — São Paulo — 1922.

O sr. professor José Rizzo, que em Matto Grosso passou bons annos a reformar o ensino em missão do governo paulista, aproveitou os lazeres do sertão para escrever os seus "Estudos da língua portugueza," trabalho difficil, quando o auctor se encontra as>im afastado de centros cultos, sem meios de consulta e de qualquer collaboração.

Em perto de trezentas paginas discutem-se neste livro questões orthographicas, syntaticas e outras, de natureza grammatical, sob o critério de descobrir e ensinar o certo e o mais certo. Quem escreve é 'O professor, preocupado com a verdade. E' preciso escrever certo: "lição" com um f; "Brasil" com s; "fruta" sem c; "chamam-lh'os sacrificio" e não "chamam-n-os de sacrificio", etc.

Muito louvável nos parece esse desejo de aprender e de ensinar a lingua. Pena é que tal ensino, deste como de outros grammaticos, seja absolutamente improficuo. Grammatica, ou o quer que seja, não se aprende assim por partes, em picadinho, sem visão de conjuncto, sém espirito synthetico, sem a mais estreita correlação estabelecida entre os factos estudados. Caso por caso, não se aprende a lingua, nem coisa qualquer.

Entretanto, os estudos grammaticos no Brasil tomaram, ha muito, essa feição dispersiva e anarchica, da qual não ha meio de sahirnos. E', sem duvida, um lamentavel retrocesso, depois que já haviamos posto espirito e algum critério scientifico nessa ordem de cogitações. Julio Ribeiro renovára o critério grammatical. Lameira de Andrade, Pacheco Junior, João Ribeiro, Maximino Maciel seguiram-lhe a pista. Eduardo Carlos Pereira e Mario Barreto realisaram, plenamente, o espirito philologico applicado á, nossa lingin.

Comtudo, cedemos, visivelmente, ao velho dogmatismo da palmatória: — "está errado", "está certo", "isto é assim", "aquillo não é assado"... Livros como o que apresenta o prof. Rizzo são os que dão o tom dos estudos "linguisticos" no Brasil. O operoso professor não faz mais que acompanhar uma corrente, que, dia a dia, engrossa, prestigiada pelo exemplo historico da "Replica", caso retumbante de estudo dispersivo, que só se desculpava pela oportunidade.

E' pena que de obra tão notável tanto mal resultasse, como a regressão da nossa mentalidade.

Rocha Ferreira — CÉOS — Typ. Ed. Arlindo Alves — São Paulo — 1921.

"Céos", volume de versos de Rocha Ferreira, abre com um soneto que é uma apresentação — "Palhaço":

Dos philosophos todos que conheço
Este é, devéras, o melhor de todos.
Ri-se de tudo; e irônicos apodos
Atira ao mundo em rápido arremesso.

Entanto, quando o publico, entre engodos,
E chuças e chalaças, num tropeço
O vê surgir em scena, por vil preço,
Da vida esquece as podridões... os lodos...

Este palhaço de fidalgos traços,
Por muitas vezes assistiu, attento,
A's pilheiras de múltiplos palhaços.

Assim, na arena, gargalhando a esmo,
Elie pode, feliz, nesse momento,
Vêr o publico rir-se de si mesmo!

Por esse soneto se pode julgar o livro "Céos", segundo que o auctor publica e que revela sensível progresso.

Prof. dr. Bernardino de Souza
— JOANNA ANGELICA —
Imprensa Official — Bahia —
1922.

Soror Joanna Angelica, abbadessa do convento da Lapa, na cidade do Salvador, foi uma das heroínas da Independencia. Em luta os nacionaes com os reinões, rebelaram-se as tropas do general Madeira contra os acontecimentos do Rio e São Paulo, pelos quaes se constituiu o Império do Brasil. O embate das forças foi memorável, dando em resultado os factos de 2 de Julho, que fizeram celebre o ardor nacional da velha capital da colonia.

O episodio de Soror Angelica é um dos mais commovedores da grande pugna. No fanatismo cego das tropas insubordinadas e soltas á própria sanha, viu-se um dia, a 20 de Fevereiro de 1822, invadido o convento. A machadinha arrombou-se o portão lateral, penetrando no pateo a soldadesca. A' porta da clausura, porém, Soror Joanna Angelica, antes que o machado fizesse a sua obra, surgira oppondo o proprio peito ás armas sacrílegas. Um pontão de baioneta atravessou-lhe o coração, prostrando-a morta. O velho capellão Daniel da Silva Lisboa, acudindo ao tumulto, teve equal sorte á ponta das baionetas.

O prof. Bernardino de Souza relatando o facto, contesta a versão dos historiadores portuguezes, que procuram attenuar a culpa dos criminosos, attribuindo ao convento o papel de coito de adversarios e posição estrategica de ataque ás forças lusas. O auctor desenvolve abundante documentação em contrario.

Victor Juan Guillot — HISTORIAS SIN IMPORTANCIA
— Ed. Agencia G. de Libreria y Publicaciones — Buenos Aires — 1922.

"Historias sin importancia" são deliciosos contos, que se lêm com interesse e prazer. O auctor ensaia com êxito patente o humorismo, dando-nos no genero algumas paginas de mestre. São ellas: "La aventura de un hombre serio", "El rey de las três hijas" e "Un drama razonable".

Principalmente a primeira, encantada pela originalidade e pela graça finissima. A forma é de diário, realçada, porém, com caracter proprio e de maneira a conter toda uma comedia narrada com muita arte. O intuito de leve e graciosa satyra é conseguido cabalmente, oppondo-se o espirito positivo do homem do século á renitente persistência do seu fundo emotivo, em luta aberta: — o agente de navios, endinheirado e pratico, crê nos axiomas da mathematica; a sua dactylographa, porém, moça e bonita, persiste na velha expressão feminina — é uma fada, em toda a magia do seu sentido: desconhece a orthographia e pratica o pranto com alma. O negociante prosegue sempre na mesma trilha: dois e dois são quatro, um triangulo tem tres lados, um plano horizontal não pode passar por tres pontos collocados em vertical... Por seu lado, a dactylographa continua ignorante de grammatica e orphan do culto dos homens incrédulos do tempo. Comtudo, os factos se passam á maravilha. O escriptorio commercial se renova, illumina-se com o empapelamento claro e embelleza-se com mil pequenos cuidados. Afinal, um desastre: incêndio que destróe armazéns, agente de navios que salva a sua dactylographa... Acto heroico. Mas, "un héroe es un bombero imprudente" — "acaba de decirmelo la senora Fonseca". Encerra-se a aventura com o casamento previsto e a consequente philosophia:



"Las hadas son nuestros destinos. Una figura de mujer sienta bien al destino, que es caprichoso, seductor, decepcionante, lleno de encantos, de turbacion y de peligro."

"El señor Anatole France no es tan ignorante como me lo pareciera en otra ocasion."

*Victoria Gucovsky — TIBBRA
ADENTRO — A. G. de Libreria
y Publicacions — Buenos
Aires — 1921.*

A sra. Victoria Gucovsky, joven escritora argentina, estreia nas letras com um livro que é, mais que uma promessa, uma revelação de talento. "Tierra adentro" reúne em volume uma collecção de contos, aos quaes não faltam qualidades:—verdade, interesse, dialogação, "humour". A auctora parece preferir os themas vulgares, mas característicos da vida do seu paiz, confiante nos recursos da sua arte, capaz de lhes emprestar vida.

Como indica o titulo, "Tierra adentro" reflecte o meio rural, cheio de pittoresco e de caracter. Seria porisso chamado "regionalista", si acaso fosse escripto no Brasil...

O livro de Victoria Gucovsky é uma obra que deve ser lida pelos brasileiros. A' sua leitura, aprendemos a conhecer o homem dos pampas, illustrando-nos em nossa ideia do caboclo. De facto, só conheceremos com exacção a nossa gente da roça quando conhecermos as classes correspondentes de outros povos.

Neste sentido "Tierra adentro" é profundamente illustrativo. Vejamos um trecho:

— "Isto de jogo de bolas não é de meu tempo... eu não sei jogar... e lindo o premio que offerecem: um relógio. Será para quem sinta necessidade de saber a hora... Para meu uso basta-me o sol!..."

— E si tivesse que tomar o trem?

— O trem, eu? E para que? Com o meu cavallo chego... Que o trem é mais ligeiro, claro! Mas para que tanta pressa... chegando."

Não é preciso citar mais: Géca é a modalidade nacional de um typo humano, commun a todas as patrias.

Pois, não é?

Joga-se "la sortija", aquillo que nós conhecemos Sob o nome de "cavalhadas": um anel suspenso de um fio e uma dezena de cavalleiros que tentam apanhal-o com o ponteiro. Ao vencedor, um par de sapatos. E Zenon philosopha, lá com os seus botões:

"Em meu tempo davam como premio uma linda sella, um freio com virolas de prata!... Eu não sei porque será... si será pela muita gente ou si será o trem de ferro..."

E' o Geca inimigo de botas e de tudo quanto seja progresso.

*Manfredo Leite — SAUDADES
— Ed. C. E. "O Livro" — S.
Paulo — 1922.*

Bastante conhecido como orador é o sr. conego Manfredo Leite, da Academia Paulista de Letras, que publica neste volume as orações fúnebres de Pio X, D. Pedro II e D. Thereza Christina e D. Isabel. E' um livro de piedade e de ideal, que vale uma affirmação de cultura.

De facto, "Saudades" não significa outra coisa, neste momento de negação, que é por capricho da sorte o anno do centenário. Entre as bellas orações do dr. Manfredo Leite apparece o elogio fúnebre da Princeza Isabel. Veio muito a proposito, na occasião em que um membro da Academia de Letras, o sr. Luiz Murat, esquecendo o pouco a sua compostura de "expoente" esoterico da poesia nacional, desce a atirar pedrinhas á memoria excelsa da Redemptora. Foi o que se viu na ultima "commemoração" do 13 de Maio, no Rio: — o espectáculo ridículo de um consagrado da fama procurando apoucar a maior consagração de nossa Historia. Que magnífica expressão de cultura! Que esplendida prova de pensamento sereno! Que extraordinaria largueza de visão! Ao glorioso poeta que con-

tra uma tal gloria se levanta, seria caso de perguntar a que se reduz a sua própria, desde que as glorias, todas, se fundam no mesmo tribunal do consenso publico... Si a maior, a mais bella e mais brilhante se contesta; a que vem de seis lustros unanime, se conspurca, cumulada embora de todos os apanagios, honras e votos — qual a gloria immarcescível nesta terra? A do sr. Murat, sem duvida...

Felizmente, a extranha diatribe não abalará — siquer com ruído subterrâneo — a grande figura histórica. Uma, duas, tres ou vinte invectivas pequeninas, estreitas, peccas e vesgas, sem ideal e sem espirito, não desviam a Historia nem commovem as massas. A Historia ou paira muito alto, com alto sentido humano, ou não existe. Aos povos repugnam instinctivamente as misérias: preferem vêr alto a vêr rasteiro. A tendencia, que o sr. Murat esposa, de reduzir tudo a moveis inconfessáveis, com revelar extraordinaria myopia mental e nenhum senso psychologico, não vingará como já não vingou. As massas têm a obsessão do ideal, a que nem vence a nossa congênita maledicência. Em sua sabedoria, vêm claro e nitido. Obscureçam a scena, tentando apagar o Andrada, a Princeza, o Imperador: tarefa irrisória! Elias os vêem melhor e mais distinctamente na sua grandeza.

Descobrir o inconfessável onde todos verificam o ideal é ignorar rudimentarmente a natureza humana. E' ver com vistas de campanario, com os oculos da comadre...

O dr. Manfredo Leite, fazendo o panegyrico de Isabel, a redemptora, fez úbra digna e meritória, que mais se salienta com o contraste acima frisado, alimentando a corrente sã, equilibrada e recta do pensamento nacional e do sentimento publico.

EDIÇÕES DE MONTEIRO
LOBATO & CIA.

Entre as colleções organisadas pelos editores Monteiro Lobato &

Cia., a "Bibliotheca da Rainha Mab" apparece com muita elegancia e bom gosto. Livrinhos portáteis, de bolso, contém cada volume cerca de duzentas paginas, impressas em bom papel. A série consta já de tres edições: — "*A Veranista*", em 2 volumes, "*Quem vê cara...*" e "*A casa do gato cinzento*".

No primeiro, Abel Juruá, pseudonymo de apreciada escriptora, nos conta atravez da correspondência epistolar de uma veranista o romance de uma joven que um dia se vê transportada da capital para a provincia. A pintura dos typos e dos costumes é feita com agudeza e muita "verve".

Mario Sette, o auctor de "*Senhora de Engenho*", reúne em "*Quem vê cara...*" algumas dezenas de historias dialogadas, que são pequenas chronicas, cheias de chiste e graça. Com o minimo dispêndio de palavras, cm paginas breves, rapidas e condensadas, esboça graciosas scenas, que se desenrolam ante o leitor como num kaleidoscopio.

"*A casa do gato cinzento*" enfeixa em volume os primeiros contos de Ribeiro Couto, o festejado poeta do "*Jardim das Confidencias*". Abre o livro o conto que lhe dá titulo e que se distingue, como os outros, pela originalidade. O auctor tem a maneira insinuante e delicadíssima de narrar, deslizando pelos themas como num resvalar de azas leve, ligeiro, sussurrante. As suas scenas correm "a vol d'oiseau", pondo em destaque a nota sentimental, que predomina em todo o livrinho.

Fóra da "Bibliotheca da Rainha Mab", os mesmos editores Monteiro Lobato & Cia. publicaram "*A casa do pavor*", de M. Deabreu, escriptor cujos processos divergem diametralmente do precedente. Moacyr Deabreu tem a visão tragica da vida: — "*Casa do pavor*" compendia alguns dos mais terríficos horrores da vida, narrados em forma de contos. A nota dramatica predomina em todo o volume.

"*Tropas e boiadas*", em segunda



edição, é já um livro consagrado, que por ocasião do seu apparecimento suscitou o melhor acolhimento da critica. Seu inditoso auctor Carvalho Ramos, natural de Goyaz, era um profundo conhecedor de sua terra, que descreve primorosamente.

Em "*A mulher que peccou*", dá-nos Menotti dei Picchia uma novella estylisada, em que põe, nos mínimos pormenores, um bocado de imaginação. Imaginoso é mesmo o qualificativo do seu estylo, sempre cheio de brilho e de vigor.

"*Sonho de gigante*", de J. A. Nogueira, é das melhores obras que têm apparecido, estes últimos tempos. Estudo sério de problemas nacionaes,

deve ser lido e meditado, como livro bom e proveitoso.

João Ribeiro reúne em "*Notas de um estudante*" eruditos commentarios de vario assumpto, desde os mais leves aos mais transcendentos. E' um volume de muito interesse.

"*Pequenos estudos de psyeologia social*" é livro de pensamento e de analyse, de observação e reflexão. Os nossos problemas sociaes são ahi estudados com aquelle esclarecido critério que admiramos em "*Populações meridionaes do Brasil*". Seu auctor, Oliveira Vianna, apanha nessas paginas aspectos caracteristicos de nossa vida e nossa formação, estudando-os com verdadeiro espirito philosophico.





DA UNGUA INGIYEZA

Dumas Filho definiu um dia o idioma inglez como a maior complicação linguística existente e para provar, em ar de gracejo, acrescentou: "Na lingua ingleza escreve-se a palavra arvore, mas, quando se lê, pronuncia-se montanha, e no entanto, o vocábulo significa embarcação." Isto é parecido com a historia de um inglez que visitando o Rio, ha annos atrás, contava espantado a um amigo ser a pronuncia portugueza horivelmente complicada, pois, na rua principal da nossa cidade, lia-se Moreira Cesar e pronunciava-se Ouvidor. A verdade no entanto é que nem o inglez é difficil, nem a pronuncia portugueza é arreezada. O que existe é a gerieralisação de observações que se vulgarisam e acabam passando em julgado como dogmas.

Uma das ideas falsas mais propagadas no Brasil, e que muita gente confirma para não ficar em minoria, é a da pobreza da lingua ingleza. Vamos repetindo isto, sem indagação prévia; todavia o facto verdadeiro é justamente o contrario. O inglez é talvez a lingua de maior vocabulario que jamais existiu. Quando se affirma isso, naturalmente, incluem-se todos os vocábulos nascidos nas colonias britannicas e nos Estados Unidos e que correspondem aos nossos brasileirismos, os quaes são incorporados aos léxicos portuguezes, como os outros são incluídos nos dictionarios inglezes. Cada colonia é um viveiro de palavras novas. Não só as condições do meio dão origem a desconhecidos phonemas, como também a lingua dos indígenas fornece denominações de plantas, animais, utensilios, etc., que logo se incorporam ao inglez colonial, como também acontece entre nós com as palavras de origem tupy e africana, e na Argentina com os vocábulos oriundos do quichua. Isto que nós fazemos com a ultima edição de Candido de Figueiredo, chama-se Léxico de Lacunas, como o denominou Taunay, Apostillas de Gonçalves Vianna, Brasileirismo, da Revista da Academia e outros "addenda" de publicações nacionaes e portuguezas, inscrevendo um vocábulo não registado, corrigindo uma definição, a pronuncia, etymologia, etc., os

povos que falam inglez fazem-no com o "Webster's Dictionary". Este monumental vocabulario registava na sua ultima edição cerca de 450 mil palavras; não só este como também o celebre "Oxford-English Dictionary" nos seus 9 volumes publicados. Na verdade tão grandes léxicos assignalam todas as expressões colhidas pelas vastas regiões onde se fala o idioma inglez, o qual, dia a dia, ainda mais estende sua influencia pelos dilatados dominios onde já o "sol não tem tempo de se deitar."

Até no formar a lingua o anglo-saxonio é pratico. O idioma inglez possui um caracter de cosmopolismo, que é uma força. Conquista um termo como faz com uma colonia. Veste-o á ingleza, pronuncia-o a seu modo, não faz nenhuma questão de termos legitimamente inglezes, absorve-os e nos dictionarios lhe assignala a origem, contando a historia com o maior respeito. Nós vivemos lutando contra os gallicismos, anglicismos, germanismos; terminamos, porém, por absorvel-os; o povo incumbe-se de vestil-os a nosso modo e depois os letrados acabam assimilando que não ha outro remedio. Quando me recordo que — abandonar — já foi considerado como horrível gallicismo, dil-o Adolpho Coelho no prefacio do Dictionario de Vieira, fico a considerar que não ha barreira humana, mesmo a opposta pelos grammaticos, que evite a marcha dos acontecimentos, quando estes obedecem ás leis naturaes da evolução.

O inglez sabe que o seu idioma é o que cobre a maior area do globo e para formar o mundo de vocábulos que seus léxicos registam, recebeu contribuição de povos das mais variadas origens, vivendo sob todos os mares que a terra possui, e por isso, acha muito natural que não deve ceder diante de nenhum outro.

Max Muller, ao estudar o vocabulario que maneja um camponio inglez, verificou que elle se utiliza apenas de 800 expressões. Com este numero de palavras e conjugando os verbos, um homem pode ser essa coisa formidável no mundo: cidadão inglez. Qual o inconveniente trazido pela pobreza de vocabulario junto a tanta força: um ser livre e consciente dos seus direi-

tos, dentro de sua grande patria e fóra delia, intangível e inviolável mesmo nos paizes menos policiaados da terra. Um dos cerebros que mais profundamente desceram na analyse da alma humana, e dos que mais alto elevaram o pensamento, Shakespeare, utilisou-se de 16 mil vocabulos apenas. Com este numero de palavras escreveu livros eternos, em que pese a Tolstoi, um dos raros que não o comprehendieram. Voltaire denominou-o "barbaro de gênio"; é que, como o genial anglo-saxão, o grande francez tinha o gredo da singeleza e a idéa ou pensamento profundo foi e será sempre enunciado de uma maneira simples. "Nem Salomão em toda a sua grandeza se vestia como um lyrio" disse Christo. Poderá haver nada mais verdadeiro, majestoso, profundo e simples?!

O idioma que denuncia sua presença pela primeira vez em manuscrito do século 8.º, no celebre hymno de Caedmon, foi crescendo e diferenciando a tal ponto que em 1828, a primeira edição do Webster, registou 70 mil vocabulos e em caminho do meio milhão, a edição do anno corrente. E nós, no Brasil a chamar de lingua pobre, a ingleza. Porém a questão que mais me interessa é o meu ponto de vista, isto é, a convicção profunda que tenho de que se conseguirmos vulgarisar a lingua ingleza, a nossa mentalidade de contemplativos se corrigiria, e haveria lugar ainda para expansões das actividades embelezadoras da vida, qual a Arte, em qualquer das suas modalidades. Não se pôde comprehendir o êxito dos Estados Unidos, Canadá, Australia, União Sul Africana, Nova Zelandia, ricos, prosperos com populações fortes de corpo e espirito, sem que o factor idioma não tenha entrado como elemento dos mais importantes. Deve haver qualquer coisa ainda não estudada que origine a mesma orientação no modo de ser, agir e pensar e que dependa da linguagem, a qual deve ser uma expressão da alma como é, muito mais ampliado, o pranto, o riso e o canto, que sempre se exprimem dentro do mesmo grupo de sons, pouco importa o povo ou raça que demonstre os seus sentimentos.

Aquella theoria do poeta Arthur Rimbaud sobre o colorido das vogaes, tem-se confirmado em varias linguas. Quem sabe se a lingua franceza, ao contrario da ingleza, não prepara românticos? Os bravos moços alumnos de Saint Cyr, nos trágicos dias da invasão prussiana, foram apresentar-se a Joffre depois da batalha. Restavam alguns de todo um batalhão; bateram-se como leões; estavam fardados como se desfilassem em parada, attrahindo assim todo o fogo inimigo. O heroe do Marne mirou-os e sem um elogio, antes com irritação, despachou-os dizendo-lhes: "Deixem de ser românticos".

Eu soffri lendo a narrativa, porque, no fundo, nutro admiração sem limites por essas coisas. Mas quando vejo a historia contemporânea, verifico que o romantismo acabou. Por isso procuro fazer propaganda da lingua ingleza em logar da franceza. Os soldados da Inglaterra

não se sacrificam demasiadamente na defesa de uma bandeira que o inimigo se esforça por tomar a todo o transe. Preferem poupar energias e lutar com desepero na defesa de um canhão.

Não faço propaganda contra a França ou pela Inglaterra, eu só vejo o interesse do Brasil.

Só num ponto a criança é mais capaz que o adulto; no aprender a falar linguas. No cerebro que desabrocha, ha receptores especiaes, para os idiomas. Não ha lingua fácil ou difficil para a criança, o russo ou o hespanhol penetram e se engastam nas cellulas cerebraes com a mesma rapidez. O simples e o complexo, neste particular, gravitam para a intelligencia infantil como os corpos-de peso differente que, no vácuo, caem sempre com igual velocidade, tenham a leveza do grão de mostarda ou o peso de um bolido. A criança aprende quantas linguas se lhe queira ensinar. Os paes não desejam abandonar o francez; pois, conjuntamente com este ensinam o inglez e confiantes esperamos o futuro. O porvir então nos trará surpresas agradaveis. As centenas ou milhares — quem sabe lál — dos nossos desgraçados patrióticos que não morreram na "Legion étrangère", em defesa da França e do "on ne passe pas", não terão continuadores, é verdade, porque o romantismo terá desaparecido; mas se verão reproduzidos nas façanhas dos seus irmãos, affrontando a morte com a mesma bravura, com a grande differença que irão sacrificar-se em defesa da única e verdadeira patria: o Brasil.

E quando a morte no campo de luta descer protectora para alliviar os soffrimentos do combatente, a derradeira visão de gloria dos seus olhos não será o pavilhão tricolor, mas o auri-verde; o generoso sangue será bebido pelo pó das cochilhas ou por seis mil kilometros debruando de branco o azul e o verde das aguas dos nossos mares.

Io nos entreveros da peleja, já cahido e exangue, prestes a adormecer para sem pre, a derradeira sensação a chegar-lhe aos ouvidos não será o "Allons enfans de la Patrie", a embalar-lhes o somno no regaço da terra que o viu nascer; tentará, pela última vez, balbuciar as palavras da musica que lhe vem chegando a acalentar-lhe os últimos instantes e, procurando entoar o "Ouviram do Ypiranga as margens placidas", adormecerá feliz.

Arthur Neiva.

("O Estado de São Paulo").

A DEFESA

Joseph Caillaux, o homem condemnado em França por ser o que melhor pensa em politica externa e finanças, escreveu uma serie de artigos excellentes no *Progrès Civique* do anno passado. Cito-os pela segunda vez por haver paginas de encomenda para o Brasil e suas medidas de defesa.

Tratando da crise economica e financeira da França, aponta elle como causa forte, entre outras, a mania de independendo, industrial, fruto chauvinista, mórmente após a guerra.

"O conflicto, prolongando-se, diz elle, deu em resultado, não somente destruir os productos da industria e empobrecer assim o mundo civilizado consideravelmente, como desconjuntar o mecanismo industrial inteiro. Era inevitável que n actividade de cada nação se desviasse entre 1914 e 1918, que destrumasse das suas naturaes funcções, orientada, em grande parte, para as produções de guerra, e, por outro lado, applicada á fabrica de objectos que, em tempo de paz, se iam buscar aos povos tornados inimigos. Ambos os grupos belligerantes eram coagidos a equipar-se para dispensar productos outrora fornecidos pelo adversario. Mas não ficaram nisso. O nacionalismo politico lutou sobre o nacionalismo economico, e muitos povos quizeram fazer-se independentes, mesmo dos seus aliados." E, depois, de citar a phrase de Georges Bóris: *cada um desses países fabrica tudo*, accrescenta: "Uma vez firmada a paz deveriam convergir os esforços dos governos a sustar uma situação anormal, ou, pelo menos, a dirigil-a. Mas a ignorância, a fraqueza, para não dizer a pusillanidade perante a plutocracia advinha da desordem industrial, levaram muitos governos a nada emprenderem contra a omniprodução, que, pelo contrario, bafejaram. Não conhecemos nós paizes onde se admittiu que os fabricantes enriquecidos com a guerra poderiam consagrar á edificação de outras usinas uma porção dos lucros devidos ao Thesouro publico? Loucura de que resultou multiplicarem-se as industrias de estufa, incapazes de viver sem meios artificiaes, em detrimento da collectividade."

A tal loucura — de querer produzir tudo — adicionou-se outra maior, consequência da primeira: defender as novas industrias e, ao mesmo tempo, expandil-as pelo estrangeiro.

Mas essas industrias incipientes, oriundas da guerra, anômalas e supérfluas, não poderiam competir, de modo algum, com os grandes estabelecimentos estrangeiros, formidavelmente aparelhados para produzir bem e barato, senhores da matéria prima, da technica e das industrias *affins*. Então, recorreram á panacéa defensiva do proteccionismo. "Eriçam-se de toda parte barreiras alfandegarias. O arranço para o proteccionismo despautado se accentua em cada canto. Todos os povos, ainda os tradicionalmente livre-cambistas, visam resguardar-se das importações dos seus vizinhos. As aspirações confusas dos nacionalismos politicos começam a tomar corpo. Aqui e ali, os partidos retrogados esperam conseguir seus fins, pensam transformar cada nação num todo economico bastante a si mesmo; gabam-se de eliminar, entre os paizes, a lei da divisão do trabalho já estabelecida e cujos effeitos se desenvolviam graças aos progressos da civilização e aos esforços do liberalismo economico." Quaes as consequências? Duas:

vasto desperdício de energias, por não se especializarem os paizes em suas industrias e lavouras próprias; alta desmedida dos preços, vida cara.

E Caillaux caracterizava, admiravelmente, esse systema, assim: "1. — Transforma cada paiz numa vasta *sociedade de soccorros mutuos* onde os consumidores são os membros participantes, onde a arraiá miúda, os pobres pagam quotas aos membros honorários, que são os ricos, os fabricantes de objectos offerecidos mais barato do outro lado das fronteiras; 2.» — Atiça pelo mundo a guerra economica, charariz das lutas armadas."

E em conclusão: "Mas a formula não se pôde sustentar. Os povos não lograrão dispensar-se uns aos outros. A França tem demasiado ferro, carvão insufficiente, carece de petroleo e de algodão. E' puerilidade tentar subdividir a terra em tantos planetas quantas nações. Puerilidade simplesmente geradora de desordem, em detrimento das massas que supportam, como sempre, o fardo das guerras desencadeadas pelas aristocracias industriaes ou militares."

Mas não bastam as muralhas aduaneiras. As industrias artificiaes se arrimam em matéria prima exótica e se acham á mercê dos donos delia, de accidentes ou crises. Muitas vezes tacs industrias, malgrado o rigor alfandegario, não resistem ao *trust* estrangeiro, á sua *contra-defesa* sabiamente organizada. Declara-se a crise. Governo e nacionalistas lhe acodem com o oleo camphorado e o indefectivel oxygenio. Tomam-se medidas, digamos, de *emergercia*, meros palliativos, procrastinadores da fallencia inevitável ou eternizadores da vida cara.

Essa mania patriótica de *produzir tudo*, de preferir e propagar incondicionalmente o *nacional* guerreando o *similar estrangeiro*, não grassou apenas nos paizes belligerantes. Também os neutros se contaminaram desse andão. Hespanha, Suissa, Hollanda, Estados Unidos, Italia e os mais proclamaram alto a virtude patriótica de plantarem tudo, manufacturarem tudo, transportarem tudo. Um delirio!

Tornou-se isso, no Brasil, onde a tara vem de longe, programma governmental em plena guerra. Deviamos ter carvão nosso, seda nossa, lã nossa, tecidos nossos, phosphoros nossos, perfumes nossos, tudo nosso, nosso da *gemma*.

Pormenor comico: só não nos lembramos do mais urgente — *moeda nossa*.

Houve Estado cujo programma foi a não adopção do braço estrangeiro; queria *trabalho nacional*, embora o nacional seja mais que diminuto.

E assim, acelerou-se e intensificou-se a nacionalização! Quanta fabrica desmedrada e mascarada! Tintas de escrever *nacionaes*, feitas com anilina allemã ou ácidos allemães; calçados *nacionacs* com sola, couro, aviamentos estrangeiros; phosphoros *nacionaes* com palito e ingredientes importados; sabonetes e perfumarias *nacionaes*, com soda, essencias, álcool e mais drogas todas de fóra!

Para mantel as, impostos! O consumidor que pague. A perfumaria *nacional* não tem

uma essência nacional ou, se apparece alguma, é a vergonha que sabemos. Os productos fabricados no Brasil, ainda com drogas adventicias, são deficientes e não podem deixar de ser por falta de grandes laboratorios, de technicos, de operários. De modo que somos, nós consumidores de sabonetes, extractos, loções, aguas dentifricias, brilhantinas, forçados a comprar caro ruins coisas, quando poderíamos ter mais barato e melhor. Vamos cevando, desse modo, uma suciasinha de falsificadores, de pseudo-fabricantes, meros misturadores de ingredientes segundo *receitas europeas* conhecidissimas. Põem um rotulo em frascos *estrangeiros* comprados ali na Praça da Republica e, despuradamente, conclamam producto seu, o *melhor até hoje fabricado, superior ao estrangeiro*. Poderíamos, eu e o leitor, gente mal remediada, classe média, segunda classe, poderíamos, com 1\$500, se tanto, usar sabonetes Houbigant, incomparavelmente preferíveis aos dos srs. Kanitz, por exemplo. Que motivo econômico, politico, financeiro, patriótico, moral ou religioso existe para darmos 1\$500 «os Kanitz e não a Houbigant? Kanitz ganha explorando mal uma industria artificialissima no Brasil. Elie compra ao Houbigant as matérias necessarias aos sabões, aguas e perfumes, mistura-as muito mal aqui e nol-as impinge como *artigo brasileiro*. E não protestamos! E' bem verdade que os fabricantes não têm culpa. Cada qual se desaperta como pôde... e como lhe mandam.

Dirão, porém: "Esse é o passo para a grande industria de amanhã" Respondo que o artificial não vinga. A industria brasileira ha de surgir *das circumstancias sociaes*, na hora propicia, quando as forças evolutivas convergirem para isso.

Admittamos, todavia, que assim seja. Pergunto eu: Será desejável, conveniente, a *omniprodução* no Brasil?

A resposta, bem apurando os factos, ha de ser forçosamente negativa. Nenhum paiz pôde produzir tudo, bastar-se a si mesmo, ou ainda produzir *quasi* tudo. Seria preciso para tanto: 1.º, que tal paiz fosse capaz de fornecer todas as matérias primas indispensáveis; 2.º, que sua produção fosse de tal modo equilibrada que não houvesse super-produção, nem falta. Desde que elle seja forçado a importar, tem por obrigação exportar e vice-versa, porque, segundo lembra e relembra Cailaux: *produetos si se trocam por produetos*. O paiz que não importa não pôde exportar. O paiz que *protege, com leis* alfandegarias ou medidas mais ou menos aggressivas, industrias ficticias está fechando, com suas próprias mãos, as portas estrangeiras aos seus productos. No dia em que nada importássemos da Europa nada exportariamos para lá, pela razão simplissima de que ella não teria com que nos pagar.

E vice-versa: quanto mais consumirmos da Europa mais lhe daremos nos para nos vir pedir o que *lhe falta e nós temos*. So exporta bem, com segurança, quem se *especializa* nos seus recursos proprios, nativos.

Taes considerações me vêm ao ler certos planos de *defesa permanente* e certos *appellos* ao governo. Coisas de que tratarei noutros artigos.

José Oiticica.

("Correio da Manhã").

PHRASES FEITAS

(Notas sobre estylo)

Bento José de Oliveira, com toda a solemnidade, define phrases feitas como sendo "locuções ou maneiras de falar consagradas pelo uso". E cita o "cré com cré", "pão, pão", etc.

Essa "consagração" é respeitável; veneramol-as, portanto, como antigalhas preciosas da lingua, mas livremo-nos de introduzil-as no vocabulario de nosso uso pessoal; pertencem ao povo, que aprecia hábitos commodos que favoreçam um preguiçoso automatismo mental, que não exige o dispêndio da energia necessaria a quem quer falar por si e pensar por si, sem receber, já feitas e condimentadas, as locuções e as idéas.

Phrases feitas são modos de dizer que, descobertos a principio por alguém, são considerados bellos, e depois, por essa causa, repetidos á saciedade; mas a belleza originaria vae-se por esse processo desbotando e, afinal, morre, como se evola o aroma de uma flor fanada; e as phrases bellas, expressivas, que constituiram o feliz achado de uma alma artista, tornam-se bagaço inerte, incolor; constituem: no estylo um enchimento inutil.

Quinhoam, assim, taes phrases, da precariedade de nossa existência. Tudo passa... até as glorias "eternas"; e o supremo consolo que resta aos ambiciosos de renome é a "résignation á l'oubli", de que nos fala Renan.

Mas na arte de bem dizer até esse lastro, aparentemente inutil, pôde ser aproveitado. O talento tem o magico condão de revivel-as em sua força primitiva, insufflando-lhes novas energias no corpo mumificado.

Tudo está em dizer por outro modo, ou em repetirmol-as modificadamente, acrescentando-lhes o cunho de nossa individualidade.

Parece-nos opportuno extractar de Albalat, na "Formação do estylo", o seguinte fragmento:

"A originalidade reside na maneira nova de exprimir as coisas já ditas."

"A expressão modifica completamente as idéas."

"Horácio disse: — O negro desgosto monta detraz do cavalleiro."

"Quem não ha de achar Boileau original, por elle dizer: — O desgosto salta para a garupa e galopa com o cavalleiro?"

Para exemplificar o que foi dito, passaremos a citar alguns fragmentos em que se vêem phrases velhas revicar, ostentar-se, primorosas, dando realce ao estylo.



Não confundir alhos com bugalhos. "Parece-lhe que poetei? perguntou Estácio rindo.

— Despropositadamente! Ora, eu falo de coisas sérias e convém não confundir alhos, que são a metade pratica da vida, com bugalhos, que são a parte ideologica e van."

Helena (M. Assis), Cap. VII.

Cada minuto parecia um século. "Mas ali, ao pé daquelle coração juvenil e impaciente, cada minuto parecia, não direi um século — seria abusar dos direitos do estylo — mas uma hora, uma hora lhe parecia, com certeza."

A mão e a luva. (M. Assis), pag. 25.

Ainda sobre o vagar do tempo:

"O tempo não correu, andou com a lentidão que lhe é natural, quando trata com impacientes."

Helena. (M. Assis), cap. XVII.

Escrever na areia. "O conselheiro era homem geralmente razoavel, salvo nas coisas do amor; ouviu o padre, prometeu o que este lhe exigia, mas foi promessa feita na areia: o primeiro vento do coração apagou a escriptura."

Helena. (M. Assis), cap. II

Sorriso amarello. "Nos lábios pairou-lhe um desses sorrisos em que o olhar penetrante do povo ou a sua imaginação pintoresca descobriu a côr amarella."

A mão e a luva. (M. Assis), pag. 180.

A vida é um sonho. — "Mas é isto um sonho? perguntou, emfim, Mendonça.

— A vida não é outra coisa, redarguiu o capellão; velho pensamento e velha verdade. Façamos por que o sonho seja agradável e não árido ou triste.

Helena, cap. XVI.

"Que és la vida? Una ilusion,
Una sombra, una ficcion,
Y el myor bien es pequeno,
Que toda la vida es sueno
Y los suenos suenos son."

Calderon de la Barca.

Morto e enterrado. "Um mez depois de chegar Estevão a S. Paulo, achava-se a sua paixão definitivamente morta e enterrada, cantando elle mesmo um responso, a vozes alternadas, com duas ou tres moças da capital."

A mão e a luva, pag. 13.

Manto de neblina. "A manhã daquelle dia trajava um manto de neblina cerrada, que o nosso inverno lhe poz aos hombros, como para resguardal-a do rigor benigne da temperatura, manto que cila sacudia dali a nada afim de se mostrar qual era, uma deliciosa e fresca manhã fluminense."

A mão e a luva, pag. 185.

Dobrar o cabo das Tormentas. "Não digeria nada; e dahi vinha o seu nenhum apego ás sciencias que estudara. Venceu a repugnancia por amor proprio, mas, uma vez dobrado o cabo das Tormentas disciplinaes, deixou a outros o cuidado de aproar á india."

Idem pag. 17.

Matar o tempo. "A conversa, assim dividida, tornava-se ás vezes geral, para recahir logo no particularismo anterior; os grupos modificavam-se também de quando em quando, do mesmo modo que o assumpto, e assim se iam matando agradávelmente as horas, que não resistiam, coitadas, nem apressavam o passo um minuto sequer."

Idem, pag. 116.

De saudosa memoria. "Pompas de palha com que tenciono rivalizar com os sardapalos de luxuosa memoria."

C. C. Branco, *Cartas.*

Darem-se as mãos. Usou desta phrase feita o poeta Nicoláo Tolentino, de láctica memoria:

"Entre faixas de pobreza
Meus tristes paes me envolveram,
Desde então, em crua empresa
Contra mim as mãos se deram
A fortuna e a natureza".
Também M. de Assis:

"Mas a natureza e a sociedade deram-se as mãos para a desviar dos gosos puramente íntimos."

A mão e o luva, pag. 130.

Mas, no mesmo livro, a paginas 15, já este autor dissera, com muito chiste, tonificando a apathia da phrase morta:

"O furor, o delírio, a confusão foram indescritíveis; o applauso e a pateada deram-se as mãos — e os pés."

Ter o coração nas mãos. "Deparou-se-me um homem (Thiers), baixo, robusto, bem disposto, direito, parecendo sempre preparado para o combate, a ca-

beça bem equilibrada sobre o pescoço, a frente serena, o olhar doce, o sorriso delicado e a mão pequena, estendida e aberta, como aquelles que, segundo a expressão familiar, têm o coração nas mãos."

Lamartine.

Nadar em felicidade. "E lá voltou para a terra dos verdes mares, onde canta a jandaia. Voltou a nado — nadando em felicidade.

Negrinha. (M. Lobato).

Escuro como breu. "Navio? Dava ago á duvida uma luz vermelha a piscar na escuridão da noite. Escuridão, não direi de breu, que não é ó breu, de sobejo escuro para referir um negror daquelles. De cego de nascença vá."

Urupis. (M. Lobato).

As asas da imaginação. "Acendeu o charuto e abriu o livro. O livro era uma "Prática Forense". Demos-lhe razão ao despeito com que o fechou e atirou ao chão, contentado-se com o canto dos passaros e o cheiro das flores, e a sua imaginação também, que valia as flores e os passaros.

Deus sabe até onde iria ella com as azas fáceis que tinha, se um incidente lh'as não colhera e fizerá descer a terra."

A mão e o luva, pag. 21.

"Não falo cu, leitor; transcrevo apenas fielmente as imaginações do enamorado; fixo nesta folha de papel vãos que ella abria por esse espaço fóra, única ventura que lhe era permitida."

Idem, pag. 156.

Fugindo á comparação "consagrada", ás vezes, para esse autor, a imaginação é uma carruagem:

"A imaginação de Estevão desceu por este declivio de floridas conjecturas, e Luiz Alves entendeu que era de br.m aviso não espantar-lhe rs cavallos.

Ella foi, foi, foi por ali abaixo, rédea frouxa e riso nos lábios, Boa viagem."

Idem, pag. 8.

Ou uma escuna veleira:

Guiomar reflectiu ainda muito e muito, e não reflectiu só, devancou também, soltando o panno todo a essa veleira escuna da imaginação, em que todos navegamos alguma vez na vida, quando nos cança a terra firme e dura, e chama-nos o mar vasto e sem praias."

A mão e a luva, pag. 91.

Godofredo Rangel.

("O Dia").





DEBATES E PESQUISAS

A VALORIZAÇÃO DO CAFÉ

Opinião do dr. Lub Pereira Barreto

A propósito da valorização do café, a "Gazeta", de S. Paulo, enviou ao dr. Luiz Pereira Barreto o questionário abaixo, para obter a opinião do illustre sábio paulista:

1.º — *Acha o amigo que os processos postos em prática pelo governo resolverão o problema da defesa da produção cafeeira?*

2.º — *A defesa do café no mercado, como está sendo feita, corresponde à defesa dos interesses economicos do productor?*

3.º — *Acha o amigo que as cotações actuaes do café poderão manter-se ainda por algum tempo?*

4.º — *Que acha do limite de embarques para Santos?*

5.º — *Que providencias de outra natureza julga o amigo necessarias para acautelar os interesses da lavoura?*

O dr. Pereira Barreto respondeu nos seguintes termos:

"Sendo muito ingrata e fastidiosa a tarefa de responder seccamente a cada quesito em separado, darei a minha resposta sob a fórma de uma rápida exposição e encarando toda a questão sob um ponto de vista geral mais elevado.

Deve estar na memoria de grande parte dos leitores o tempo em que a nossa super-produção foi de tal ordem que a praça de Santos viu-se pavorosamente ameaçada. Para debellar a crise, alvitreos vários foram propostos. Entre elles o que causou mais sensacional impressão foi o da queima do café, proposto pelo sr. Vicente de Carvalho. Poeta confesso, a solução por elle proposta, pareceu a muita gente uma extravagancia. Em apparencia, de facto, ella o era. No fundo, porém, era

ella o que podia haver de mais sensato e pratico. Não percamos de vista que, lio fundo de qualquer questão em apparencia meramente material, existe sempre um elemento moral. Deante do medonho espectáculo da fogueira ardente, incinerando na praça publica montes de café beneficiado, era natural que o desanimo e o pavor se apoderassem dos nossos competidores.

De facto, em uma das reuniões de fazendeiros de café do México, á semelhança do que se passa entre nós em idênticas circumstancias, depois de muitos e azedos discursos, levantou-se um lavrador mais desabusado e resolutivo, que se pronunciou nos seguintes termos: "Meus collegas, eu bem vejo que vós tendes muita razão de queixa e que todos os vossos alvitreos são baseados em motivos superiores. Mas, uma coisa eu vos peço que não percats de vista: enquanto o Brasil continua a despejar sobre os mercados as suas avalanches de saccas de café, é inútil tentarmos a luta; seremos pela certa, fatalmente esmagados. E' tal a produção daquelle paiz que elles entendem ser de bom calculo financeiro queimar uma parte das colheitas afim de aliviar o abarroamento do mercado. Não pod mos evidentemente enfrentar um paiz que assim procede. Pela minha parte, já tomei resolutamente o meu partido, vou abandonar a lavoura de café e passar para a cultura das arvores de borracha, para o que já estou plantando a nossa insigne *Castilloa* nacional."

I,ogo após, agitando-se em França a questão da cultura do café em Madagascar, entendeu mais sabiamente o general Galliani, seu illustre governador de então, ser prudente estudar mais detidamente o assumpto e colher informações exactas especialmente no Brasil, o maior productor na occasião. Pelo seu governo foi mandado a São Paulo, como emissário scientifico, um illustre agronomo, o sr. Fonchère. Tendo vindo elle devidamente recommendado a mim e ao dr. Botelho, fizemos tudo quanto estava ao nosso alcance para bem servir-o.

...essa occasiao, a lavoura cafeeira de Ribeirão Preto achava-se no apogeu da sua belleza e da sua extraordinaria pujança productora.

Sem perda de tempo, para lá encaminhamos o nosso interessante hospede, recommendando-o com empenho aos nossos amigos de lá.

O sr. Fonchére demorou-se em Ribeirão Preto oito dias, passando todo o tempo nas fazendas. Deslumbrado deante da grandeza dos scenarios, que observou, entendeu não precisar mais visitar demoradamente outros municípios cafeeiros e só cuidou de escrever o seu relatório a apresentar ao general Galliani. Para encurtar palavras, esse relatório foi uma peça estúpida, que fez cessar de vez todas as duvidas. Deante do confronto entre a produção de 250 a 300 arrobas por mil pés dos nossos cafezaes e a de 15 a 20 arrobas dos de Madagascar, o general Galliani não hesitou mais um instante em abandonar completamente toda a tentativa de cultura cafeeira. Ficamos assim livres de mais um concorrente, e o futuro vencedor da segunda batalha de Mame agradeceu-nos vivamente em delicado officio os breves serviços, que prestamos ao seu emerito recommendado.

Assim, pois, graças á imaginação de um nosso poeta installando a pyra do auto da fé na praça de Santos e graças á super-produção de Ribeirão Preto, o Estado de São Paulo tornou-se o terror dos nossos competidores e afugentou-os por algum tempo da nossa frente. Ficou posto em evidencia que a crise de super-produção tem o seu lado vantajoso, sendo sempre seguida de um alargamento do consumo. Com os preços baixos os pobres pôdem beber café á farta, e, unia vez habituados á tónica bebida, difficilmente conseguem abandonal-a de todo nos annos de carência. Não me canso de repetir: não são as classes ricas, mas, sim, os milhões de bocas anonymas que fazem avultar o consumo. E' cegueira não ver isto. E* grave erro economico tentar manter a permanencia dos preços altos, fóra do alcance das bolsas proletarias. Se as classes populares na Europa não bebem, hoje, mais café, não é porque não o desejem, mas, sim, porque não pôdem, por falta de recursos.

Qiliz, entretanto, a nossa má sorte que opiniões inteiramente oppostas prevalecessem e dominassem todos os espiritos. Repentinamente mudamos de rumo e passamos do regimen da super-abundancia para o da quasi miséria. O Estado de São Paulo prohibiu as novas plantações de café e, no logar delias, para compensar o "decifit", inventou a valorização das colheitas diminuidas. Com o celjtise da lavoura paulista, Minas, Espirito Santo e Paraná, valendo-se do braço nacional, que possuíam em abundancia, desenvolvimento importterrito surto e atiraram no mercado tres e quatro milhões de saccas annualmente.

Mas, o principal effeito offensivo da valorização não foi esse: foi a animação imprimida na faina dos nossos competidores estrangeiros. De coração alegre, viam

elles. S. Paulo installar no Brasil o singular programma: *produzir menos, para vender mais caro e ganhar mais*. Não podia ser para elles senão motivo de grande regosijo, quando viam desaparecer a velha escola economica, que mandava: *produzir mais, para baratear mais, afim de alargar mais o consumo*.

A America Central, especialmente o México e a Columbia, deante dos altos preços garantidos pelo governo do Brasil, crearam novo animo e lançaram-se resolutos na lavoura de café, que já tinham começado a abandonar. Para acoçoal-os nesta vereda grandes capitacs norte-americanos foram postos á sua disposição.

Ao mesmo tempo, o previdente governo hollandez para tirar o melhor partido do 36 milhões de habitantes, que tem Java, cercava-se de uma turma de homens de sciencia, a quem confiava a cultura scientifica do café por meio de laboratorios e ricas estações experimentaes, não só na grande ilha, mas ainda em Sumatra e Borneo.

Chamo a attenção dos leitores para as importantes revelações que nos deu o dr. Edmundo Navarro de Andrade na sua conferencia feita no dia 15 de dezembro ultimo, na Sociedade Rural Brasileira, a qual foi publicada no numero de janeiro e fevereiro da revista desta sociedade.

Os nossos adversarios estão magnificamente bem armados para a luta; elles têm em super-abundancia trabalhadores, que pagam á razão de duzentos réis por dia. Ha mesmo na india milhões de trabalhadores, que se contentam com o salario de 80 réis por dia. Uma sacca de café, de Java a Londres, paga 2\$000 de frete. A mesma sacca de Santos ao Ilavre, paga dez mil réis. A qualidade de café que elles exportam é muito superior ao nosso, devido ao mais caprichado preparo. Elles não têm geadas. Em S. Paulo não ha por enquanto uma só fazenda munida de aparelhos para evitar o desastroso meteoro. Não temos, portanto, aqui uma base segura para installarmos o credito agricola. A nossa grande vantagem está no facto de só termos uma colheita única annual, o que permite baratear um tanto o custo; mas, essa vantagem não basta, evidentemente, para compensar o martyrio dos altos preços do salario, que os nossos fazendeiros pagam aos seus trabalhadores. O que mata a nossa lavoura é o immisericordioso custeio. Não é de todo possivel a luta contra competidores, que pagam apenas 200 réis por dia. Não temos braços, que nos permittam tirar partido das nossas terras. E' só o braço abundante que nos pôde salvar. Precisamos com urgência de uma intensa corrente immigratoria.

Infelizmente, no momento exacto em que precisamos com mais urgência de trabalhadores, é quando uma sorte adversa desencadeia contra nós — e por nossa culpa — uma série de embaraços que enchem de sombra a perspectiva do nosso futuro. E' precisamente neste momento que tocou ao ápice do azedume a questão da immigração.

Quando mais precisávamos de cordialidade, de tolerancia, de affectuoso espirito de cooperação e de boa vontade é que surge, iracunda, a desharmonia entre os poderes públicos e os mais dignos esforços particulares. E uma parte da nossa imprensa paulista não tem trepidado em prestar o seu concurso para agitar o facho da discórdia.

E' em vão que o venerando conselheiro Antonio Prado invoca a favor da imigração os seus mais nobres e generosos intuitos. Pretende-se, contra elle, que a Convenção de Ouchy offende a soberania nacional e, como tal, deve ser rejeitada.

Que a nossa briosa mocidade seja afoita em se insurgir indignada contra qualquer simples apparencia de offensa aos brios nacionaes, comprehende-se. Ha inquestionavelmente salutar vantagem em educar meticulosamente os moços no culto dos dogmas patrióticos. Mas, aos homens, que já passaram dos trinta annos, não é permitido desconhecer a razão de Estado, que não permite confundir graves casos de offensa á soberania com a simples questão de *justiça social* a distribuir.

E' preciso ainda ter igualmente em vista um outro dogma indispensável: a patria não se compõe exclusivamente da geração presente; os seus principaes factores são as gerações passadas, mas sobretudo, as gerações futuras.

Está na consciência publica que os mais empenhados esforços do conselheiro Antonio Prado são para construir uma patria grande, poderosa e rica.

Incontestavelmente, uma das principaes condições para a construcção dessa patria futura está na organização de um solicito patronato, que assegure a mais prompta e a mais ampla justiça aos immigrants. Que mal pôde haver em ampliar as funcções do patronato legal actualmente existente e reforçal-o com a cooperação espontanea dos proprios fazendeiros a favor da justiça??

Não se trata aqui de uma positiva offensa aos brios nacionaes, mas, sim, de um melhor aparelhamento para a distribuição da justiça social, em favor das massas de immigrants, que precisamos atrahir para as nossas plagas.

Em nome da patria futura, não podemos leviaamente crear difficuldades para embaraçar a corrente da imigração italiana.

Quer aprendam a lingua portugueza, quer aprendam a lingua italiana, os meninos filhos de italianos serão todos, dentro de poucos annos, excellentes cidadãos brasileiros.

Já é bastante longa a experiencia que temos a respeito para sabermos qual o intenso grão de apêgo ao Brasil de todos os jovens italianos, que aqui cresceram.

Não façamos uma questão de *lana caprina*. E' muito séria a nossa situação economica. Precisamos absolutamente de auxiliares para a nossa lavoura. A nossa divida interna e externa está orçando por cerca de um milhão e meio de contos de réis. Não esqueçamos que a immensa divida a pagar deve ser a primeira das

nossas preoccupações, como sendo, sem duvida, a que mais prementemente affecta o dominio dos brios nacionaes. A imagem augusta da patria, erguendo-se generosa do meio das festas do Centenario, merece bem que cada um de nós se esforce para dar o exemplo do Congraçamento Internacional. Um tempo já houve, que não vae longe, em que o Estado de S. Paulo, imitando o nobre exemplo liberal da revolução franceza de 89, mandava para o seu Congresso Constituinte estrangeiros natos, como representantes do novo espirito social, que animava o advento da Republica, em frente ás colonias estrangeiras. Era um promissor e fecundo programma de regeneração nacional.

Inclinemo-nos reverentes, deante da clarificação illuminada nos tempos idos.

Os mortos governam os vivos.

Fuit, fuit ista quondam in hac republica virtus!"

POLICIA HISTÓRICA

De Carlos V a Napoleão III — De D. João VI ao reinado de Pedro II — Os Dossiers — Paulo Vianna, Aragão e Vidigal

Certo, as primeiras organizações policiaes, nascidas em França, ao tempo de Carlos V, causaram verdadeiros dissídios entre a justiça e o povo, degenerando em instrumento de oppressão e cercando os direitos dos homens; era, pode-se dizer, a expressão externa da suprema vontade do monarcha, que queria porque queria. Foi, poratnto, providencial o advento de Luiz XVI, que veiu methodizar, robustecer e dar maior amplitude ao mecanismo policial, no intuito de assegurar os direitos de seus súbditos, julgar desordens que se repetiam e reduzir a deliquencia ás suas mínimas proporções.

Em 1667 era nomeado o primeiro delegado de policia, funcionario investido de poderes excepcionaes, governando Paris despoticamente até a revolução. Tinha jurisdicção sobre os mendigos, vagabundos e malfeitores de todo o genero, com amplos poderes. Devia, porem, manter, alem da segurança da vida e propriedade de todos os habitantes, a estabilidade da corôa, cujos alicerces ameaçavam ruir.

Ao tempo de Napoleão, dirigia Fouché a policia de Paris. O grande Imperador era forçado a supportal-o sem que todavia o tivesse na conta de seu amigo. E como a sua acção se desenrolava nos campos de batalha, Fouché tudo absorvia, enfeixando em suas mãos amplos poderes na capital de França, onde armou um mecanismo policial inimitável. Não era republicano. Ao contrario. As suas tendencias resvalavam para o despotismo.

Um dia, Napoleão entregara-lhe os passaportes, demittindo-o. Foram, porém de tal ordem os entraves, as conspirações contra a ordem e contra a vida do proprio imperador, que Fouché, dois annos depois, era chamado para reassumir o cargo de ministro da policia. O «eu prestigio robus-

tecera.se, portanto. Napoleão confiava todos os assumptos á sua reconhecida argúcia policial. Innumeraveis documentos de seu tempo — affirma um historiador — conservam no dorso o seguinte despacho: "Passé ás mãos de Fouché; é assumpto de sua jurisdicção". Mas todas as coisas têm o seu limite. Julgando-se insubstituível, entrou a conspirar abertamente; uma intriga habilmente engendrada pelos seus desafectos, que não eram poucos, forçou o soberano a demittil-o.

Mas Napoleão rasgara novos horizontes no scenario policial. Enfastiado com as diatribes de Fouché, o finissimo dissimulador de seu tempo, investe Savary das funções de supremo arbitro dos negocios policiaes, e, recommendando-lhe tino e prudência, dá-lhe paternaes conselhos, num passeio campestre e na maior intimidade: "Não maltrates ninguém, nem abusos de teu poder. Tens fama de homem rigido e se te mostrares duro e reaccionário, servirã tua conducta de arma aos nossos inimigos. Não prives de seu emprego a nenhum de seus subordinados; se algum te desgostar, conserva-o no loga." mais seis mezes pelo menos e depois nomeia-o para outro cargo em cujo desempenho não te possa desagradar. Se adoptares medidas severas tem sempre em vista justificativas para que em apparença, se não houve a verdadeira justiça, possa admittr-se que cumpriste o teu dever. Um bom agente de policia deve ser absolutamente imparcial. Não tenhas odio a ninguém. Ouve todos e não ajas sem estares convencido de que o teu acto é justo e humano."

Do exposto se conclue que a policia ao fincar seus alicerces, tornou-se um apparelho com dois objectivos diversos: a manutenção da ordem, com caracter ainda meramente repressivo; e a espionagem exercida para garantir a estabilidade dos monarchas, infundindo por meio do terror, o mais tyrannico silencio ás multidões sacrificadas. E assim se vinha perpetuando atravez dos tempos. Delações, muitas delações. Injustiças, muitas injustiças.

Entretanto, o objectivo primacial da policia é a manutenção da ordem, é assegurar o regimen de paz e tranquillidade que permite a qualquer a mais plena liberdade de acção, desde que não sejam violados os direitos alheios, ou as leis e regulamentos que estabelecem medidas em proveito da collectividade. Cumpre-lhe exercitar a acção preventiva, sabiamente orientada, com um serviço de investigações que corresponda ás necessidades do tempo e ás condições ethnologicas das populações. E para lograr êxito em tão espinhosas funções é indispensável uma boa aprendizagem, um treinamento apropriado, uma cultura proporcionada, desembaraço, sagacidade, prudência e sobretudo uma educação esmerada.

Mas, reatando o fio das considerações que vinha desenvolvendo, no segundo império a desorganização policial assumiu proporções dantescas. Napoleão III, que era conspirador a seu tempo, mantinha uma alluviaõ de agentes secretas. A imperatriz também possuía a sua policia particular.

Havia a de Roucher, primeiro ministro, a do prefeito Plétri, e, a de outras altas autoridades. Essa multiplicação policial provocou a jocosa affirmacção de que, nesse tempo, em Paris metade do povo estava empregada em vigiar a outra metade.

Nesa época nasceram os "dossiers" para todos os habitantes, fosse qual fosse a sua condição social, tivessem ou não delinquido. Organizaram-se milhares de "dossiers", á guiza de promptuarios, pacientemente catalogados e nos quaes se assignalavam todas as referencias confidenciaes trazidas por agentes ávidos de celebridade. O resultado era deprimente; muitas pessoas pacificas e inoffensivas eram denunciadas como conspiradoras. Já quando a taes denunciantes se tornava impossivel justificar a accusação com factos positivos, serviam-se de sua imaginação, ercando as maiores fantasias. Era o regimen do terror.

Os "dossiers", porém, não foram abolidos. E' certo que no incêndio da Comuna desapareceu numero avultado desses documentos, para gáudio de certos magnatas, a quem elles serviam de espantallo, constituindo uma séria ameaça ás suas tranquillidades. Foram, todavia, reconstituídos com presteza, tanto assim que, algum tempo depois, o prefeito M. Andrieux fitava com surpresa o que lhe dizia respeito; ao assumir as funções do seu cargo recebia, em primeiro logar, a visita do chefe immediatamente subordinado á Sua autoridade, que lhe entregava o seu proprio "dossier". E' elle mesmo que diz em suas memorias: "O meu "dossier" tinha o numero 14207. Conservo-o em minha bibliotheca com todas as denunciaes e graves calumnias que formavam a base de «eu registro".

Também nós tivemos alguns arremedos dessa fôrma original de fazer policia de segurança. Ao tempo de D. João VI, quando o Rio servia de valhacouto ás conspirações dos francos-maçons, mantinha Paulo Vianna um serviço ideal de espionagem, no afan de annular, ou pelo menos neutralizar, os intuitos desses demagogos. O dr. Moreira de Azevedo narra o seguinte episodio: "O irmão que a pedir esmolhas já tinha fundado hospitaes em Santa Catharina e o grande seminário de orphãos pobres na Bahia, andava esmolando pelo Rio e S. Paulo, para fundar instituições semelhantes á que deixara na liahia para socorro dos orphãos e meninos desvalidos. Tendo feito boa colheita em S. Paulo, achava.se certo dia á beira da estrada, descancando á sombra de frondosa arvore e, de lápis e papel na mão, traçava, qual improvisado architecto, grosseiro desenho, do seminário que ia construir em breve, quando alguns soldados e caipiras o julgaram suspeito, reputaram o desenho do seminário talvez o plano de marcha de algum exercito invasor em riscos photographicos, e por esse feito peccado o conduziram amarrado como espião de Bonaparte... O intendente Paulo Vianna nadou de alegria ao saber da prisão do pseudo espião. Chegando, porém, este á sua presença, deu um salto da ca-

(leira, exclamando: "O irmão Joaquim!" e com suas mãos ajudou a desatar as cordas que arrocavam os pulsos da ino-cente vítima, e, sem perder tempo em interrogatorios inúteis chamou a esposa e a família e confiou a seus cuidados, o ir-mão Joaquim, o homem santo, o martyr do erro mais grosseiro, a quem cognominavam de S. Francisco de Assis brasileiro".

Ao tempo de Pedro I, quando os, tres partidos se degladiavam em tomo da ques-tão politica, havia séria espionagem, de que resultavam constantes e severas atti-tudes do Estado, já então melhor orga-nisado.

E quando após a abolição, o throno cor-ria os seus perigos, inventaram a celebre "guarda negra", cujo objectivo verdadeiro era fazer espionagem no sentido de garantir o advento do 3.º reinado. A Republica, nos seus primeiros decretos extinguiu-a. Creou em seu lugar um núcleo de agentes sem organização própria. Mas só em 1892 ficava definitivamente organizado o ver-dadeiro "Corpo de Segurança", com 250 agentes espalhados e desmorteados.

"Até então — disse o distincto coronel Bandeira de Mello — para neutralizar o en-gehen e a audacia criminal, existia, só e só, um agglomerado de secretas, esco-lhidos apressadamente na Guarda Urbana e no Corpo de Policia. Nas occasiões, po-rém, em que se impunha o augmento pro-visorio desse núcleo, buscava-se pessoal grosseiro e sem occupação licita, senão desmortalisado, já pela repressão da pró-pria policia. Seguramente, dessa fusão, pe-riodica e malsã, resultou o secreta turbu-lento, portadordo pesado bengalão e amplo chapéo com abas descidas á frente, que muito tempo policiou ostensivamente as nossas ruas, fazendo debandar os malfe-itores que deviam prender ou vigiar e sujei-tando a atróz ridiculo o seu necessário e penoso officio."

A policia carioca tem também a sua historia e os seus promptuarios. Em 1878 soltou ella os seus primeiros vagidos, com a criação, por D. João VI, da Intendência Geral de Policia, á semelhança da que esse príncipe deixara em Lisboa, cabendo ao desembargador Paulo Fernandes Vianna a direcção desse serviço. Foi elle o 1.º in-tendente geral de policia do Rio de Ja-neiro.

Mas a época era anormalissima. Os es-cravos, acoçados pela fúria canibalesca de seus "senhores", desertavam para os cha-mados "quilombos", onde faziam exerci-dos de agilidade e destreza, com o fim de resistir aos embates da tropa que os perseguia. E como eses "quilombos" (re-fúgios de escravos foragidos), eram for-mados na parte alta da cidade, onde não havia recursos de alimentação, ficavam es-es infelizes forçados a lutar pela exis-tência, buscando na cidade, á noite, o indispensável para não morrer de fome. E assim nasceu a famigerada capoeira-gem.

Essa situação exigia meios de repressão efficiente. Além dos escravos referidos linhas atraz, havia os malfeitores que aportavam a estas plagas, com o objectivo único de augmentar suas fortunas. O furto e o roubo eram impunemente prac-ticados á luz meridiana. Eis como se justifica a formação, no anno seguinte, da "Divisão Militar da Guarda Real de Policia", com o effectivo de 212 homens, dividida em 3 companhias de infantaria e 1 de cavallaria, sob o commando de um coronel.

Vidigal, o famoso major Vidigal, foi designado para auxiliar a organização dessa policia, cabendo-lhe a função de immediato do commandante. Era um elemento de pri-meira ordem, valente, arguto, justiciero e inflexivel nas suas resoluções. Era o terror dos capoeiras e dos malfeitores, um repo-sitorio de energia viva; para resumir, era a figura mais representativa da nossa po-licia e o seu maior expoente.

Ao intendente Paulo Vianna coube a tarefa de organizar o systema de policia-mento. Elle de facto organizou sabiamente. D. João VI — dizem alguns historiadores — não recebia pessoa alguma antes de ou-vir o seu intendente de policia. E Paulo Vianna não ia a esse beija-mão sem con-fabular com Vidigal.

O dr. Teixeira de Aragão, também tem um nome aureolado na historia policial. Os seus famosos editaes e sabias portarias, ainda hoje constituem o substractum dos regulamentos vigentes. Foi elle que regu-lamentou o policiamento nos theatros e casas de diversões; que creou, em 1825, o corpo de commissarios de policia. As instrucções que deviam regular essa novel instituição, começavam assim: "O mais no-bre e importante officio da policia é cohi-bir e prevenir os delictos e o primeiro cuidado dos commissarios é empregar todos os meios conducentes a esse fim".

E dizer-se que nesse tempo pagava-se ao intendente geral de policia, que superin-tendia os negocios policiaes, municipaes e judiciários, o pingue ordenado de 1:600\$000 annuaes!... Esse desembargador, austero e justiciero, foi um verdadeiro Hercules, dotando no curto espaço de 3 annos (1824-1827), a Policia Civil propriamente dita, do que ella tem de melhor em sua parte administrativa.

Póde-se, portanto, afirmar, sem receio de contestação, que foram elles — Paulo Vianna e Teixeira de Aragão — os dois chefes de policia do período monarchico, o primeiro ao tempo de I. João VI e o ultimo no reinado de Pedro I.

Paulo Vianna — diz "a Revista do Ins-tituto Historico Brasileiro" de 1892 — também se preocupava com as festiva-dades populares: "as grandes festas publicas, pelas quaes ficou memorável o reinado americano de D. João VI, não custavam um real ao Erário, correndo seus gastos pela Policia, que obtinha taes recursos pecuniários agenciando subscrições e anga-riando activamente donativos entre a classe rica. O intendente affirmava ser um de-ver da policia trazer o povo entretido e



promover o amor e respeito dos vassallos para com o soberano e sua real dynastia.

Em 1841, desaparecia a denominação de intendente, para surgir a de chefe de policia, que ainda perdura.

Capitão Albino Monteiro.

("O Jornal").

FRAGMENTOS DE PHILOSOPHIA POLITICA

Entre os factores actuaes da vida social, a inveja tornou-se o mais forte, o amor do proximo o mais fraco, e a esperança o mais incerto.

Um erro democrático muito divulgado é acreditar que as leis podem crear costumes. Na realidade, os costumes engendram finalmente as leis, mas as leis bem raramente podem exercer influencia sobre elles.

Perceber as incidências e as consequências longínquas das leis necessita uma dose de penetração de que as collectividades foram sempre incapazes. Eis porque a plethora de leis actuaes agrava simplesmente os males que pretendia curar.

As leis sociaes representando constrangimentos artificiaes permanecem sem força apezar de suas saneções quando a recusa em respeitá-las se generalisa. As leis economicas sendo necessidades naturaes acabam sempre ao contrario por se impor apezar de todos os esforços tentados para violá-las.

Quando as leis economicas que dirigem os phenomenos não são de accordo com os impulsos affectivos e mysticos que arrastam os homens, uma revolução é inevitável. Cedo se descobre, aliás, a inutilidade dessa revolução pois que as leis economicas não se dobram nunca.

Um dos mais frequentes erros do regimen parlamentar é derrubar os ministros no momento preciso em que os acontecimentos dominando as vontades não permitem aos successores dos ministros decahidos, nada modificar da politica de seus predecessores.

O odio entre os povos, a desconfiança entre os governantes tornaram-se as grandes molas psychologicas da politica actual. Pode-se julgar da intensidade desses sentimentos vendo a America e a Inglaterra preferirem renunciar a uma paz futura que

a sua promessa de intervenção teria tornado certa, antes de que comprometter a defender sua antiga alliada em caso de aggressão.

A historia conheceu muitos governos democráticos, desde os que levaram a Grécia á servidão. Mas não menciona um em que o partido politico mais forte não tenha tyrannizado violentamente o mais fraco.

Os vinte annos de perseguições jacobinas que precederam a guerra verificaram mais ainda uma vez esta lei!

Não é somente a Europa material, mas a Europa moral que é preciso reconstituir.

Emquanto as ambições, os odios e os appetites augmentam dia a dia, o gosto do trabalho, a disciplina e o sentimento do dever enfraquecem sempre.

Gustavo Le Bon.

O PAPEL PSYCHOLOGICO DA MEMORIA

Toda psychologia systematica suppõe um ensaio de redução dos diversos elementos da vida mental a um só. A applicação desse processo produziu os diversos typos de psychologia: — intellectualista, voluntarista, affectivista, etc., segundo a faculdade cuja importancia se accentue. Ha algum tempo a attenção dos psychologos se fixou na memoria, considerada como propriedade elemental da matéria viva, quasi como a base primaria e o "criterium" do psychismo dos animaes. Dahi a perspectiva de um novo typo de psychologia: — a psychologia mnesica ou mnemónica, que conta já alguns representantes. Nomes de bio-psychologos como R. Semon, G. Bohn, Guillemot, Pieron, etc., poderiam patrocinar essa psychologia, cuja novidade seria, aliás, relativa, pois, naturalmente, ella se include no prolongamento da tendencia empirista e evolutiva, em reacção contra as philosophias intuitivas e a priori.

E' a esse typo de psychologia que se refere o livrinho de D'Eichthal — "O papel da memoria nas nossas concepções metaphysicas, estheticas, passionaes, activas." O auctor declara tentar na esphera psychologica uma redução analogá á que realisou a concepção unitaria da energia em matéria de phenomenos physicos e chemicos. "Dar-se-ia um passo largo para a limitação do desconhecido, si as nossas concepções intellectuaes pudessem, em grande parte, ser reduzidas ao funcionamento da memoria, ás suas leis e aos seus hábitos, considerados como origem delias." Percepção, attenção, raciocínio, sentimento do "eu" são apresentados pelo auctor como factos de memoria seleccionados e desenvolvidos no sentido mais favoravel ao interesse dos seres vivos. A longa duração da vida individual é necessaria a essas transformações, de que sae um desenvol-

vimento progressivo. Essa evolução não existe entre os seres de vida curta, por exemplo, os insectos, nos quaes a memoria se immobilisa no instruto. Devemos á memoria não só a ideia do passado mas a do futuro, especie de projecção para a frente das nossas lembranças; não só a ideia de tempo como a de espaço, as de individualidade, de causa, de substancia, de liberdade, de eternidade, de infinito, etc. Concebt-se o infinito como o ilimitado prolongamento das sensações conservadas pela memoria. Assim, por uma serie de transformações das nossas recordações se constitue o conjunto das nossas ideias metaphysicas.

Provém d'ahi a illusão, pela qual attribuímos uma origem sobrenatural e mysteriosa a essas concepções, em vez de lhes procurar a origem no logar onde realmente ella está: no trabalho da memoria. Em consequência dessa illusão conferimos a essas noções um caracter absoluto e não sem perigo, sobretudo quando se trata de ideias politicas e sociaes, taes como os dogmas da soberania popular, egualdade democratica, etc.

Assim como as ideias metaphysicas, o sentimento esthetico se prende á memoria e aos hábitos que ella engendra. O gosto, certas regras estheticas julgadas arbitrarias por espiritos superficiaes correspondem a necessidades, rythmos essenciaes, hábitos organisados da especie. Continuando Ribot, o auctor mostra o papel da memoria affectiva na genese das nossas concepções pessoas e dos nossos julgamentos de valor. A memoria affectiva ora superexercita a paixão pela lembrança de gosos experimentados, ora moderada pela recordação de consequências desagradaveis da paixão. Sendo a memoria consciente a fonte tanto de soffrimentos como de prazeres, concebe-se como certas religiões tenham aconselhado por ideal a suppressão total da vida consciente, como o budhismo. Em summa, o homem é um ser historico, um ser mnesico que não pode viver sem se referir continuamente ao passado. As diatribes, as de Nietzsche contra o espirito historico, as de Marinetti contra o espirito passadista parecem a D'Eichthal como o cumulo do absurdo.

A mesma these de D'Eichthal se amplia magistralmente na importante obra de E. Rignano — "A psychologia do Raciocínio".

O assumpto transborda e ultrapassa os limites de uma psychologia geral. D'Eichthal identificara o dom de isiocinar com o dom da memoria — dando, aliás, ao termo raciocínio um sentido muito extenso, pois, "raciocina todo o ser que, submettido a um phenomeno, reage por manifestações differentes das modificações que o dicto phenomeno invariavelmente faz soffrer a matéria bruta."

Seja absolutamente rudimentar, raciocínio supõe memoria e é o attestado della porque não existe senão pela comparação ao menos de dois objectos, dos quaes um quasi sempre não age directamente sobre os sentidos no momento em que alguém raciocina.'

Da mesma forma, Rignano reduz cada vez mais o raciocínio ás funcções mais elementares da matéria viva. Os principios de explicação se graduum segundo uma dialéctica synthetica e deductiva que repassa por todos os degraus da analyse: physiologica, a qual determina por sua vez a persistência das tendencias dos organismos á sua própria invariabilidade a principio propriedade mnemónica universal, que determina a tendencia dos organismos á sua própria invariabilidade physiologica, a qual determina por sua vez a persistência das tendencias affectivas. Esta ultima propriedade condiona por seu turno a attenção á reflexão. Uma certa invariabilidade ou resistencia affectiva condiona a logicidade e é mesmo a sua única base. As pessoas que não têm essa resistencia affectiva (os sensitivos, os românticos, as mulheres, cmfim, todos aquelles que manifestam uma grande instabilidade das impulsões affectivas) só podem ser maus logicos, porque não têm a primeira condição da logicidade, isto é, essa resistencia affectiva necessária para acompanhar com interesse os acontecimentos successivos dessa "historia pensada" que constitue o raciocínio. Uma contra-prova é tirada do estudo do sonho. A irrationalidade do sonho origina-se na suspensão da affectividade. E a própria falta de affectividade se nota na mania e em outras psychoses, em que a facultade de raciocinar é abolida.

Rignano desenvolve a sua theoria do raciocínio distinguindo dois typos: raciocínio "constructivo" e o raciocínio "intencional", de valor muito desigual, sendo o raciocínio "constructivo" o verdadeiro raciocínio, o que cria "pela combinação mental de experiencias simplesmente pensadas, historias novas de coisas e chega desse modo á descoberta de novos factos, de novas ligações entre os phenomenos." O raciocínio "intencional", sob a dupla forma dialéctica e metaphysica só visa classificar, apresentar factos conhecidos de uma certa maneira mais que de outra. Outra differença: — o interesse affectivo, inspirado pelo primeiro typo do raciocínio é um interesse intrinseco, tirado da própria questão estudada; o interesse inspirado pelo raciocínio intencional é um interesse extrinseco, attinente a desejos, a ideias preconcebidas ás quaes se trata de dar satisfação.

Certos pontos do livro pedem reserva, como a definição de raciocínio, apresentado como uma simples "historia de coisas". Pode-se perguntar si a marcha das ideias é a mesma em uma simples narrativa ou uma simples ecrite de factos e numa dtdução lógica, em que os julgamentos dependem uns dos outros. Rignano passa um pouco rapidamente sobre tste ponto. Esta restricção nada tira do valor de um livro que constitue uma obra philosophica de primeira ordem, solidamente construída, cheia de vistas ás vezes audaciosas, muitas vezes plausiveis, sempre originaes.

Georges Palant.



NOTAS DO EXTERIOR

A NOSSA HECATOMBE EM DAKAR

Chegamos finalmente a Dakar. Sem duvida havíamos já transposto as lindas da zona de guerra. O policiamento aereo; o transbordo febril de mercadorias de veleiros para vapores; a continua passagem de contingentes de inválidos que, portadores de gloriosas mutilações, se recolhiam aos seus lares; a chegada *diária de novos contingentes que se adensavam para a partida para o "fremi"*; os despojos de navios encailhados na fuga celere da perseguição dos submarinos; a constante entrada e saída de "tangedores de comboios, eram disso indícios seguros.

Nossa demora nesse porto não devia ser grande, apenas a necessaria para nos abastecer de carvão e para docar um dos "scouts", que se achava com a sua marcha prejudicada por falta de limpeza no casco. Isso feito, deveríamos partir para Gibraltar.

Um pedido do Almirantado para que a Divisão fosse policiar as ilhas de Cabo Verde, fez com que tentássemos abreviar ainda a nossa demora.

Por isso, o "Bahia", que sahira do dique a 5 de Setembro, a 6 pela manhã, iniciara o recebimento de carvão, não tendo ainda a gripe perdido o caracter esporádico com que se manifestára havia alguns dias. No decorrer do dia 6, porém, caíram cerca de setenta grippados a bordo desse navio. No dia seguinte a faina de carvão recomeçou pela manhã. Ao meio dia foi ella suspensa por não haver mais gente para continual-ú: a essa hora o numero de grippados a bordo desse navio era já superior a duzentos.

Foi esse talvez o navio mais infeliz. A epidemia o suprehendeu em plena faina de carvão, e com tal violência, que o privou logo dos recursos necessários á normalisação, da sua vida, já não digo a de navio de guerra, mas a de navio hospital, a que as circunstancias o conduziram.

Os doentes cabiam ardendo em febre, cobertos de suor empastado de moinha de carvão, sem ter nem siquem quem os auxiliasse a tomar banho e mudar de roupa, pois os poucos validos que lhes poderiam assistir nisso, diminuiam de hora a hora, de minuto a minuto. Essa situação ainda era agravada pela falta de toldo.

O sol de Dakar é aquelle mesmo que os habitantes dos nossos estados equatoriales, revoltados contra a sua inclemencia, apostropham chamando-o sol senegalesco. Si os asiáticos nortistas e nortestinos assim o consideram, Jacil é imaginar-se qual não teria sido o acrescimo ao soffrimento dos grippados do "Bahia".

No "Rio Grande do Sul" a epidemia só começava a se accentuar no dia 7, dia em que caíram cerca de 30 grippados, numero que se elevou a cerca de 160 no dia seguinte.

O que se passou então a bordo dos nossos navios, não se descreve; e não se descreve principalmente para não se adquirir a pecha de exaggerado. Ha cousas que não podem ser devidamente apprehendidas sinão quando sentidas: a nossa situação, em semelhantes circunstancias, nunca poderia ser bem comprehendida sinão pelos que a sentiram.

Navios com cerca de 95 por cento do seu effectivo em completo estado de prostração; em atonia de quem já desesperára da vida, pois era esse um dos característicos da moléstia foi cousa nunca por mim arrolada no rol das cousas possíveis. E não vae ahí exaggero algum — approximadamente, de 10 a 20 de Setembro, foi essa a situação do

"Rio Grande do Sul". E todos os navios da Divisão passaram por phase idêntica mais ou menos nos mesmos dias.

Emudeceram-se os tambores e as cornetas. Paralysoou-se a movimentação de tudo o bordo: parou a ventilação; apagou-se a luz; cessou o serviço sanitario; acabou-se a agua distillada; apagou-se o fogo das próprias cosinhas; immobilisaram-se as embarcações meudas — mal conseguíamos guarnecer a lancha a vapor por algumas horas.

A enfermaria, as cobertas, a tolda, o Castello, o tombadilho, os alojamentos, a praça darmas, todos os repartimentos onde havia ar, a camara do Almirante inclusive, encheram-se de doentes: os navios estavam com effectivo de guerra, cerca de um terço mais do (jué comportavam as suas acomodações.

Foi então um gemer, um delirar, um pedir de agua, um esperar por soccorro, verdade ramente consternador.

O riso, porém, não desaparecera de todo, reaparecia de quando em vez; mas, sempre estampado sinistramente no rosto daquelles que, pela ardência da febre, haviam sido despojados da razão.

Nenhum auxilio nos foi possível obter de terra. Os cuidados necessários ao tratamento de cerca de tresentos doentes, ficaram durante alguns dias a cargo de dez ou doze pessoas. E esses cuidados desciam da medicação aos mais grosseiros actos da hygiene e asseo; comprehtndiam a alimentação e o seu preparo, a distillação d'agua, a illuminação, a ventillação, o serviço sanitario, a communicação com a terra e outros serviços que de modo algum podiam ser prescindidos. Era carga demasiadamente grande e aconteceu por isso o que previramos logo aos primeiros dias — *começou a morrer r/ente á mingua.*

Cerca de tres ou quatro dias depois de declarada a moléstia vinha a tosse, vinha a expectoração sanguinea, vinha a congestão pulmonar; foi durante dias e noites, o flagello de ura tossir convulsivo de mais de tresentos doentes, a sacudir o navio de popa a prôa.

Um havia que queria tossir mas em vez de tossir soluçava, era talvez dentre todos o mais forte, e, o estado de afflicção em que ficava, constituía realmente um espectáculo supplicante.

Era então prestar-lh s attenção: aquelles que offegavam, que se debatiam, em dolorosa dyápnea, eram o^ mais necessitados de soccorro, soccorro immediato, com quatro ou seis ventosas sarjadas, applicadas ás costas, sobre os pulmões. Raro era aquelle que, ao findar essa applicação, não estava dormindo — tal o allivio que experimentavam.

A guisa de cuspidieiras, foram distribuídas latas de leite condensado vasiás e canecos, um para cada doente.

Certo dia, na coberta de marinheiros, em occasião em que o tossir e cuspir e o gemer simultâneos de tanta gente, a modo que se compunham cm um coro, em tentativa irônica de transformar em harmonia a voz da própria dor, um grito estridente sustara e abortára similhante tentativa: voltei-me e deparei com horripilante scena — um doente, ardendo em febre, em completo delirio, mitigava a sêde sorvendo o produto da própria expectoração.

No dia seguinte morria esse pobre homem, que era o mesmo que não podia tossir porque — quando tentava tossir soluçava.

Certa manhã, ao divisarmos os doentes illuminados pela luz do Sol, com a qual inda nos era dado contar, foi encontrado um marinheiro morto, agarrado ao pescoço de um moribundo.

Penosa e extranha tarefa a de arrancar o corpo de um moribundo das mãos enregeladas de um cadaver!

Um foguista que se achava em estado grave, appareceu de repente a ré, calmo e com a physionomia tranquilla, como si estivesse gosando a mais perfeita saúde, cuidadosamente penteado e vestido com o seu uniforme de passeio. Dirigiu-se ao commandante e fazendo correcta continência militar, disse: "Recebi ordem de seu almirante para ir á terra e venho pedir uma condução".

Fôra preciso muito esforço e muito cuidado para impedir o suicidio de um doente; outro, um dia antes de morrer, com 41 graus de febre, fôra encontrado barbeando se calmamente em frente a um espelho.

Um doente, ainda bem joven, com quem conversava e cuja gravidade não pude perceber, fixou repentinamente o seu olhar sobre mim e, com voz de impressionante ternura e extrema suavidade, supplicou: "*Seu immediato, arranje para eu não morrer, eu não queria morrer ainda!*" Procurando animal-o verifiquei logo que na luz do seu olhar havia a luz de um lampejo — o ultimo a irradiar dos seus olhos; e uma rapida agonia de cerca de quinze minutos de duração, emudecêra para sempre aquella voz que inda hoje me commove e emociona.

De todos os factos Relativos a essa moléstia horrível, o que mais me impressionou, foi o de um doente em estado grave para o qual, a muito custo, se havia conseguido um logar 110 hospital de Dakar.

Recolhido a esse hospital, parece ter sido esse pobre homem, durante a noite, acommettido de uma especie de delirio erotico: levantara-se do leito, vestira-se ás pressas, aggredira e subjugara o guarda que, no portão, quizera oppôi-se á sua fuga e, uma vez na rua, dirigira-se para a espelunca mais próxima que conhecia. Lá chegando, entregára-se aos maiores excessos. Extincto o fogo da lubricidade que a moléstia accendera em seu depauperado organismo, teve ainda forças de vir para bordo, onde chegára em estado de grande excitação. Ao entrar na enfermaria de bordo, onde se procedia



i lavagem intestinal num doente, olhou admirado para aquillo e dirigiu uma pesada pihêria ao encarregado dessa medicação.

Duas horas depois, cahira na mais profunda prostração, insensível mesmo a varias injecções de ether e a rapidas fricções de álcool, vindo a fallecer depois de mais de seis horas de agonia.

A modo que a moléstia o tomara para victima de um seu capricho, delia: restituir-lhe todas as forças para em seguida abatel-o de um só golpe!

Os primeiros mortos foram enterrados em caixões; os outros, apenas atados e pedaços de taboa. Alguns tiveram as suas palpebras cerradas; *a outros não houve quem prestasse essa derradeira piedade* — não houve tempo para prodigalisar.

Dias houve em que mal pudemos transportar os nossos mortos até o portaló, para ahí serem entregues a uma lancha franceza que fazia a "tournée funébre" por todos os navios e que chegava por isso sempre com vários cadáveres.

Essa lancha era guarnecida por senegalezes. Certo dia, em que a religião de Mahomet prohibia toda sorte de trabalho, ella não appareceu — os cadáveres ficaram accumulados a bordo até a tarde do dia seguinte.

Nosso pavilhão, silentemente içado, silentemente arriado, contemplava tristemente a fatidica bandeira amarella içada ao lais da verga; *permanente advertencia para que se afastassem de nós; para que não nos procurassem.*

Cruel e pungente ironia! Nunca tivemos tanta necessidade de ser procurados; anseiamos tanto para isso!

Alas estava escripto que devíamos rir, que devíamos gargalhar: veio afinal a linha cómica inherente ás paginas tragicas.

Estavamos na situação acima descripta, em que não havia quem cerrasse os olhos dos mortos, quando chegou-nos ás mãos um telegramma salvador.

Esse telegramma, redigido em adoravel linguagem, ordenava-nos que: mudássemos de roupa diariamente, bebéssemos agua distillada e filtrada, tomássemos limonadas, respirássemos ar puro e, ainda mais — *que matassemos todos os insectos.*

Incontestavelmente, teria sido mais difficil para nós, pespegar um nimbus á cara do Sol para attenuar a ardência dos seus raios.

O remedio foi realmente excellente e impecavelmente formulado: houve apenas pequeno erro de diagnose, não se tratava de "spleen", a gargalhada não sortiu effeito therapeutico nem prophylactico.

Infelizmente a gripe não se julgou vencida pelos que resistiram, e ao retirar-se do campo, deixou o beribéri e o impudismo munidos de gazu'a; e assim, os organismos por ella depauperados, continuaram a tombar e a terra da Africa continuou a se reembolsar do capital de sangue que tanto nos dera.

Ao olharmos para traz, ao divisarmos as agruras dessa jornada, podemos exclaimar com o commandante do U. S. S. "Nebraska": "Rut, the pleasure af the duty dane is so great that makes up for it!".

Sim, o prazer do dever cumprido é muito grande... muito grande e muito são... e os que dormem hoje em terra estrangeira, cumpriram o próprio dever e ajudaram-nos a cumprirmos o nosso.

Nas occasiões difficéis e Rflectivas, a actividade espirital se intensifica: *não raro o espirito parte retoicante e vae, de homem a homem, de facto a facto, de ideia a ideia, a busca de orvalho que o refrigere e estimule.*

O meu espirito, nos poucos instantes em que, naquellas circumstancias, o repouso do corpo assentia-lhe digressões dessa natureza, roçava pela serenidade estoica daquelles sobre cujos hombros pesava a responsabilidade do nosso destino, e cujo soffrimento, por isso, inspirava dobrada sympathia, e partia pressuroso a abeberar-se de estimulo, na supplice doçura do sentir simples e humilde dos homens bons.

E eram muitos estes, que recriminação alguma articulavam, que nada ambicionavam, que nada pediam, que se contentavam com o papel de cellula obscura e ignorada do organismo de que eram parte integrante e necessaria: a estes não faltava estimulo — encontravam-llo na própria indole bôa e san.

Alas entre elles alguns havia que prendiam mais a attenção do meu espirito: eram os nossos taifeiros, os taifeiros da praça d'armas do "Rio Grande do Sul"; *portugueses de nacionalidade*; recebidos ao nosso bordo sem certificado de naturalisação, sein essa formalidade imposta a estrangeiros, sem o uso dessa chave de fronteiras...

Teria sido a consequência de algum descuido?

Não, certo que não.

Pedimos os seus nomes e deram-nos nomes iguaes aos nossos e aos dos nossos. Perguntamos pela sua lingua e responderam-nos na lingua em que escrevera Camões e em que fala e escreve Ruy Iiarbosa. Indagamos da sua religião, e era mesma que, inda bem junto ao berço, receberamos dia a dia dos lábios de nossas mães. Suspeitamos da sua rudeza porém, ao mais leve trato, a suspeição se desfez: também suspeitamos da casca grossa e rugosa da fructa de conde, mas tal suspeição dura apenas o tempo necessário para abril-a.

Observamos a sua intenção e, com isso, constatamos o seu desprendimento. *Procuramos a sua origem e achamos que eram filhos dos paes dos nossos paes. Vigilamos o seu sentimento e vimos que se alegravam com as nossas alegrias e se entristeciam com as nossas tristezas, e que o sotaque estrangeiro com que falavam não os impedia de sentir como nós mesmos.* Lembramo-nos então que melhor é falar com sotaque estrangeiro e sentir como brasileiro, que falar como brasileiro e sentir com sotaque estrangeiro; lembramo-nos então que lamentavel que é a acção do brasileiro que pensa e sente com sotaque estrangeiro; que lamentavel que é a acção do brasileiro que se irrita com as nossas alegrias com as nossas irritações...

E, para memorar todo esse soffrimento, resta o que lá ficou; quem entrasse hoje no cemitério de Dakar, teria certamente a sua atenção volvida para essa grande áerea, em que se agrupam cento e cincoenta e seis sepulturas brancas, perfeitamente iguaes, em torno singelo symbolo que assignala o ceu da Patria, e que,

diariamente sobre cila se debruça,
para ouvil-a si acaso ella soluça

E esse symbolo que lá deixamos, com os braços estendidos sobre os mortos, evoca e perpetua a saudade sentida pelos filhos da terra de Santa Cruz.

Rio, 11 de Junho de 1921.

ORLANDO MACHADO

Capitão de Corveta

SWINBURNE E HUGO

O poeta inglez Svinburne era extremamente desasado. Admirava como uma creança as invenções mechanicas, das quaes nada entendia. Gostava pouco da literatura e do pensamento allemão, mas amava apaixonadamente tudo o que era francez, talvez devido á sua admiração por Victor Hugo.

Em 1882 foi a Paris assistir á representação do "Le Roi s'amuse". Pola Dorian o fez convidar para jantar com Hugo. Os dois eram surdos e Hugo, rheumatico, estava num dos seus piores dias. Svinburne preparára um pequeno discurso em francez, comparando o mestre ao sol entre as estrellas, etc. Hugo, com as mãos em palas nos ouvidos, tinha o semblante carregado perguntando a Dorian; — "Que diz elle? Que diz elle?" A surdez reciproca tornou o jantar penoso. A' sobremesa, tendo Hugo feito a saude do seu hospede, este ergueu a sua taça á prosperidade do illustre mestre e depois atirou-a para traz num gesto sobre o hombro. Seguia assim a superstição que exige que, depois de uma saude, ninguém possa pôr os lábios no bordo do mesmo copo. Hugo desconhecia esse costume e com olhar horrorisado contemplava os cacos:

"E' uma das minhas melhores taças! Oh! misericórdia, uma de minhas melhores de minhas melhores taças!"

"POEMAS PLÁSTICOS..."

O «r. Paul Claudel ex-embaxador da França no Brasil, fez apresentar ha mezes, em Paris, no Theatro Campos Elyseos, um "poema plástico", ultima criação do theatro futurista. Intitula-se a "peça" — "O homem e o seu desejo."

Eis como um critico, Henri Béraud, aprecia a "representação":

"Com a maior boa vontade do mundo, o sr. Claudel se mostra incapaz de nos desepilar o figado. Nem mesmo a gente sorriu!

Decididamente, os embaixadores e os diplomatas são bem tristes farçantes e é vendo a maneira por que elles se distraem que de repente se comprehendem as razões do desespero universal.

"O homem e o seu desejo" nos mostra o sr. Borlin inteiramente nu', coberto de uma substancia oleosa e amarella, fazendo gymnastica á nossa vista, segundo o methodo do professor Muller, seu compatriota. Isso se passa no segundo degrau de uma escadaria enorme. No topo da escada, estão doze figurantes vestidos de cogulas pretas São as horas nocturnas que se vão lentamente, substituidas por outros doze typos, vestidos de branco. Esse symbolo para uso dos apreciadores de novidades literárias se complica com uma allegoria á lua, representada por duas mulheres e dois falsos



negros tirados das paradas da feira do throno. Assistimos, si bem comprehendí, a uma noite de insomnia, durante a qual o sr. Borlin vê passaros e cascavéis dançando em torno do seu corpo açafroado e coberto de suor. De madrugada uma mulher o enrola em seu manto de gaze cõr de rosa e elle se vae, lentamente, emquanto se ouve na orchestra um estranho ruido de bofetadas, cuja opportunidade surpreendeu bastante o audictorio.

Essa tempestuosa chateza inspirou a um dos criticos mais sagazes da actualidade, Lucien Dubeck, estas reflexões: "Na sala a assistência tripudia. Não é mais enthusiasmo, é delirio. Eu queria somente perguntar entre quatro olhos a um dos assistentes, qualquer que fosse, o que havia comprehendido e por que razões se exaltava." Mais feliz que Dubeck, eu perguntei a um e, entre sete olhos — um de nós de oculos e o outro de monoculo — respondeu-me que essa superposição de scenas e e esses valsantes-figurinos lhe pareciam tão bellos como o relógio de Strasburgo. Cumpre dizer que o meu applaudente não é um "snob." E' um espirito dos mais finos, a quem os seus íntimos arranjaram uma reputação de mystificador, que elle não procurou. Eu penso que Claudel, que veio á scena, agradeceu aos amadores de relógios é que os vaiantes, entre os quaes estive, consideravam que os "romanos" da orchestra, que mofavam delle, armavam-lhe um successo de perde-ganha."



- José o patrão está 110 eicriptorio ?
- festá e não está, Madam?.
- Como é isso ?
- E' . . . que a patroa está também.

(D. Quixote - PERDIGÃO).

A REVOLUÇÃO NA CHINA

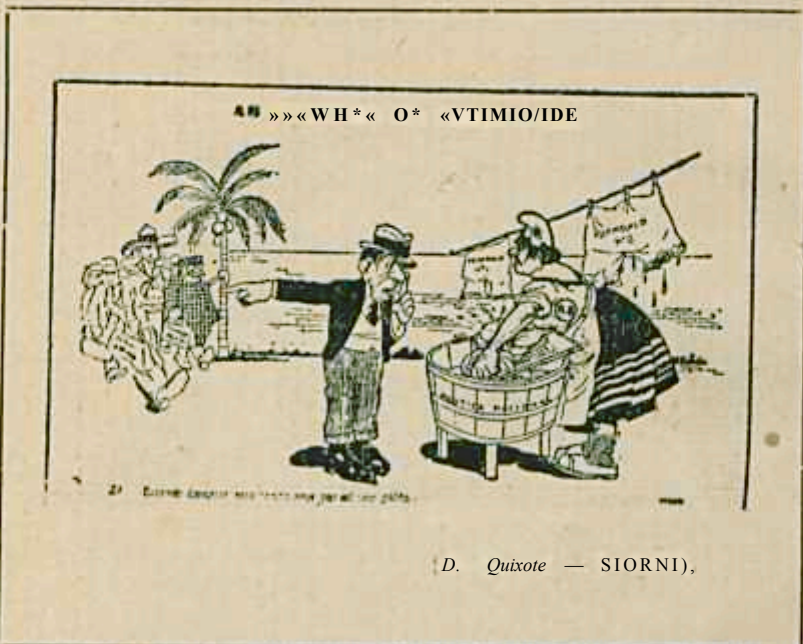
"Houve um encontro entr« as tropas dos generaes Chang-Tso-Lin e Wu-Pei-Fu". — (Dos jornaes).



Géca : — Virgie Santa I Parece que não escapou nada . . . Até os nome dos commandante ficáro em pedacinho !

(O Jornal).

AS CARICATURAS DO MEZ





O dr. Spyro Koeta expõe, num brilhante discurso, as suas idéas a respeito da introdução do microrganismo bolchevicks nos globulos vermelhos, mas não admite communismo com os phagocitos.

(D. Quixote - YANTOK).

A crizo *cio* croadas

Smart set



O paião (jullubá) — Páa Jro, atáá Ughedaa? Mas
 amigã?
 A malheira — Prefiro fôr em minha casa, átrádo e
 engomado.
 O grádo — Não seja esse o dúbio de me com com o
 anágra!



— Meu, trâm, é'ê meu' fã!
 — O' fã! para que está lá de lado? Quando
 não tem regras que esse!

(D. Quixote — MANOLO).



A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & Co.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e fotogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbos de borracha, metal, ferro e aço — Gravuras sobre joias — Alto e baixo relevo para impressões — Formas para bombons e sabonetes — Placas de metal e esmaltadas.

Telephone : 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - São Paulo

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUT - 30

REVISTA DOS TRIBUNAES

Publicação official dos trabalhos do Tribunal de Justiça de S. Paulo

Dirigida pelos advogados

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade !

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção : RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO



LOTERIA DE S. PAULO

Em 30 de Junho

200:000\$000

Por 9\$000

Os bilhetes estão á venda em
toda a parte



**A C A B A DE,
APPARECER**

Esportistas !

Jogadores !

Torcedores !

Eis o livro ha tanto procurado

Regas e lemos nacionalizados.

**O verdadeiro tratado do
Futebol Associação**

Monteiro Lobato & C.

1311 Itorew

Preço £\$1000

Pelo Correio mai» \$500.

DIARETICOS

y/ Vva JJ é preciso combater a perda
/ K : — d e assucar. tonificar o or-
ganismo, regularisar as funcções dos orgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestivo pelo uso da

GLYCOSURINA



herolco medicamento composto de
plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO • SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

EXECUTA-SE QUALQUER ESPECIE DE TRABALHO TYPOGRAPHICO NAS EXCELENTES E MODERNAS OFFICINAS QUE A S. A. E. OLEGÁRIO RIBEIRO ACABA DE INSTALAR Á RUA DOS GUSMÕES 70, CONJUNCTAMENTE COM A EMPRESA MONTEIRO LOBATO & CIA.

NA REDACÇÃO DA

REVISTA DO BRASIL

Vende-se uma collecção completa da REVISTA "EU SEI TUDO"

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

**São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil.**

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accesorios para a lavoura.

**Correias - Óleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

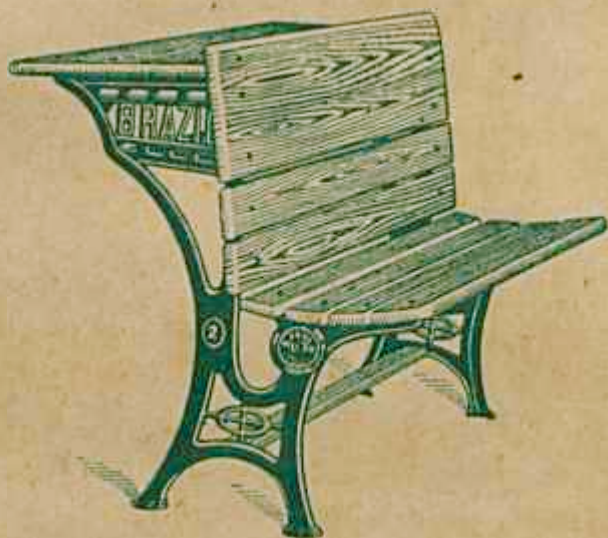
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

**PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'**

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO



Moveis Escolares



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechnico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES

"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antónia de Queiroz H. 65 (Consolação) Cidade, 1216

SÃO PAULO